

XCLUSIVE

FEED & FOOD

INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO



Ano 19
nº 227
Mar/2026

COBERTURA

**IPPE SE CONSOLIDA
COMO UM DOS EVENTOS
MAIS IMPORTANTES
PARA O AGRONEGÓCIO
BRASILEIRO**

ESPECIAL

**MELHORAMENTO
GENÉTICO E INSEMINAÇÃO
ARTIFICIAL IMPULSIONAM
PRODUTIVIDADE DA
PECUÁRIA DE CORTE
NO BRASIL**

ENTREVISTA

**A MÉDICA-VETERINÁRIA
ALETÉIA BRITTO DA
SILVEIRA BALESTRIN,
NOVA PRESIDENTE DO
NUCLEOVET, EXPLICA
COMO PRETENDE
CONTRIBUIR COM A
EXCELÊNCIA DO
AGRONEGÓCIO
CATARINENSE E
NACIONAL**

O NOVO “CUSTO INVISÍVEL” DO FRANGO

**CADA VEZ MAIS, O DESEMPENHO ECONÔMICO DO FRANGO
DE CORTE É IMPACTADO POR UM CONJUNTO DE PERDAS INDIRETAS,
CUMULATIVAS E DE DIFÍCIL MENSURAÇÃO,
QUE COMPROMETEM A EFICIÊNCIA PRODUTIVA**

MAIS DO QUE
PREMIAÇÃO.
UMA PLATAFORMA
DE VISIBILIDADE



{ TROFÉU
CURUCA
2026 }

05 DE AGOSTO

DISTRITO ANHEMBI / SÃO PAULO / BRASIL

Dentro da 6ª edição do
Simpósio Feed&Food de Sustentabilidade,
evento paralelo ao SIAVS 2026



INSCREVA
SEU CASE
E PARTICIPE

EXCLUSIVE
FEED & F20
anos



SIAVS
SALÃO INTERNACIONAL
DE PROTEÍNA ANIMAL



ANO 19 - EDIÇÃO Nº 227 - MAR 26

FUNDADOR

Oswaldo Ciasulli (MtB. 32.517)
osvaldo@dc7comunica.com.br

CEO

Diogo Ciasulli
diogo@dc7comunica.com.br

DIRETORA

Jaqueline Ridolfi
jaqueline@dc7comunica.com.br

GERENTES DE COMUNICAÇÃO

Giovana de Paula
(MTb 39.817)
giovana@dc7comunica.com.br

REPÓRTER

Kevin Nascimento
kevin@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE

Daniel Guedes
(MTb 33.657)
daniel@dc7comunica.com.br

GERENTE ADMINISTRATIVO
E RELACIONAMENTO COM CLIENTE

Bianca Fagundes
bianca@dc7comunica.com.br

MARKETING

Raiane Modesto
raiane@dc7comunica.com.br

EXECUTIVO DE NEGÓCIOS

Brenno Fressatto
brenno@dc7comunica.com.br

ADM/TRAFEGO

Carolina Baggini
carolina@dc7comunica.com.br

COLABORADORES DA EDIÇÃO

ABCC, ABPA, ACNB, APCs, Altemir Gregolin,
Ariovaldo Zani, Fabio Pereira, José Luiz Tejon,
Larissa Spriggo, Mayra Theis,
Reginaldo Ferreira Rocha

Portal de notícias:

www.feedfood.com.br
Revista on-line gratuita:
www.revistafeedfood.com.br

A Revista Feed&Food é uma publicação brasileira, editada em português, com editorial dirigido a toda agroindústria de proteína animal, incluindo associações do segmento, universidades, sindicatos e o MAPA, na defesa da segurança alimentar e sustentabilidade. Os artigos assinados e informes publicitários não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total de reportagens e artigos publicados sem a autorização por escrito dos editores.

Registro: ISSN 1809-3027 Periodicidade: Mensal



EFICIÊNCIA ALÉM DO VISÍVEL

Nos últimos anos, a produção animal brasileira evoluiu em ritmo acelerado. Ganhamos eficiência, escala, tecnologia e protagonismo global. Mas, à medida que avançamos, os desafios também mudaram de natureza. Hoje, muitas das variáveis que determinam o sucesso produtivo já não são as mais óbvias, e sim silenciosas, cumulativas e, frequentemente, invisíveis aos indicadores tradicionais.

É justamente sobre esse novo momento que trata esta edição especial da **Feed&Food**, dedicada à avicultura de corte. Mais do que discutir produtividade, buscamos provocar uma reflexão sobre aquilo que acontece entre os números: pequenas perdas operacionais, impactos ambientais crescentes, estresse térmico, decisões de manejo subestimadas e fatores externos que, somados, redefinem a eficiência dentro das granjas e das empresas.

Produzir mais já não é suficiente. O desafio atual é produzir com inteligência, previsibilidade e capacidade de adaptação. Em um ambiente de margens pressionadas e exigências cada vez maiores do mercado global, eficiência passou a significar gestão integrada de pessoas, dados, ambiente e estratégia.

A reportagem de capa aprofunda o debate sobre o chamado custo invisível do frango, mostrando como fatores muitas vezes negligenciados já impactam diretamente o desempenho zootécnico e os resultados econômicos da avicultura moderna. O tema dialoga com uma realidade que atravessa todas as cadeias de proteína animal.

Na avicultura de postura, observamos o crescimento consistente do consumo de ovos e sua consolidação como proteína acessível e nutricionalmente estratégica. Na suinocultura, o estresse térmico evidencia que as mudanças climáticas deixaram de ser tendência futura para se tornarem variável produtiva diária. Já na bovinocultura, os atuais movimentos de mercado reforçam a importância da gestão eficiente, apoiada pelos avanços da genética e da inteligência artificial.

O ambiente econômico também exige adaptação. Eventos climáticos extremos desafiam modelos tradicionais de seguro rural, enquanto a obrigatoriedade da nota fiscal eletrônica acelera a profissionalização da gestão no campo. Ao mesmo tempo, iniciativas como a piscicultura integrada mostram que sustentabilidade e rentabilidade não são conceitos opostos, mas complementares quando há planejamento e inovação.

Esse cenário reforça uma convicção que temos acompanhado de perto: sustentabilidade deixou de ser discurso e passou a ser prática operacional. Produzir com responsabilidade ambiental, econômica e social é condição para permanência e crescimento no setor.

É dentro dessa perspectiva que realizamos mais uma edição do Simpósio Feed&Food de Sustentabilidade, criado para ampliar o diálogo técnico e estratégico sobre os caminhos da produção animal diante das novas demandas globais. Um espaço de troca de conhecimento, experiências e visões que ajudam a construir soluções reais para o presente do agro.

Durante o evento, a entrega do Troféu Curuca reconhece iniciativas, empresas e profissionais que transformam desafios em avanço concreto para a cadeia de proteína animal valorizando quem faz da inovação e da sustentabilidade práticas do dia a dia.

Mais do que apresentar tendências isoladas, esta edição evidencia um ponto central: o futuro da produção animal será definido menos pelo tamanho das operações e mais pela capacidade de compreender e gerir aquilo que ainda não é totalmente visível.

A **Feed&Food** segue comprometida em conectar informação, pessoas e ideias que impulsionam o setor e convida seus leitores a fazerem parte desse diálogo no Simpósio Feed&Food de Sustentabilidade, fortalecendo juntos a construção de um agro cada vez mais eficiente, responsável e preparado para o futuro.

Boa leitura.

Diogo Ciasulli
CEO



SUMÁRIO

20

CAPA

O NOVO “CUSTO INVISÍVEL” DO FRANGO: PERDAS SILENCIOSAS QUE COMPROMETEM A EFICIÊNCIA PRODUTIVA

SOLUÇÕES PWC

06 Liderando na incerteza: como o agro pode transformar risco em vantagem competitiva

QUALIFICANDO

08 A transição da nova pecuária: tecnologia e processos exigem uma nova versão!

COLUNA ZANI

10 Entre ameaças e oportunidades: resiliência e protagonismo

COLUNA ABIQUIFI

12 IPPE pode gerar mais de \$ 22,4 milhões de dólares em negócios para o mercado brasileiro

ESPECIAL

28 O mundo segue olhando para o Brasil com confiança, avalia Ariovaldo Zani

COLUNA ABIEC

30 Exportações de carne bovina registram janeiro histórico e alcançam maior volume já embarcado para o mês

SUSTENTABILIDADE

32 Avanço de climas extremos expõe fragilidades do seguro rural tradicional

ECONOMIA

34 A virada fiscal do produtor rural

COBERTURA

36 Nova planta da Cargill amplia atuação da empresa no mercado de suplementos para bovinos

AVES

38 Proteína no centro do prato: como a ciência reposiciona os ovos na nutrição humana

14

ENTREVISTA

NOVA PRESIDÊNCIA DO NUCLEOVET PRETENDE APRIMORAR OS PROCESSOS DE DEFESA SANITÁRIA

52

COBERTURA

IPPE SE CONSOLIDA COMO UM DOS EVENTOS MAIS IMPORTANTES PARA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

SUÍNOS

40 Cooperativa LAR equilibra sustentabilidade social e econômica

42 Principais impactos do estresse térmico sobre o metabolismo proteico e o desempenho produtivo de suínos

COLUNA ABPA

44 Mérito ABPA de Pesquisa Aplicável abre inscrições e reforça papel da ciência na evolução da proteína animal brasileira

MKT - LARISSA

46 Nem toda presença constrói uma marca

SUSTENTABILIDADE

48 Troféu Curuca e a sustentabilidade no agronegócio

COLUNA MBPS

56 Reinserção de produtores rurais para a requalificação na Cadeia da Carne Bovina: Escala, Sustentabilidade e Competitividade

BOVINOS

58 Quando o preço do boi sobe, os erros também aparecem

64 Melhoramento genético e inseminação artificial impulsionam produtividade da pecuária de corte no Brasil

COLUNA SBZ

62 Produção de Ruminantes no Brasil: Sumidouro de Carbono e Campeã de Segurança Alimentar Global, não uma Vilã Climática

COLUNA ACNB

68 Calendário de exposições do Ranking Nacional Nelore começa o ano aquecido

AQUICULTURA

70 Piscicultura integrada à agricultura: inovação que transforma lavouras, criações e rios

COLUNA ABCC

72 As importações de camarão pelos EUA, em 2025 atingiram 795.641 t (+2%)/US\$ 7,03 bilhões (+9%), em relação a 2024

MKT DO AGRO - TEJON

74 Prof. Ray Goldberg recebe homenagem de alunos na Europa



Mayra Theis e Fabio Pereira

LIDERANDO NA INCERTEZA: COMO O AGRO PODE TRANSFORMAR RISCO EM VANTAGEM COMPETITIVA

A incerteza deixou de ser um episódio para se tornar estrutural. O cenário atual combina volatilidade econômica, tensões geopolíticas, mudanças regulatórias, aceleração tecnológica e eventos climáticos cada vez mais severos. Nesse ambiente, liderar é sustentar visão de longo prazo sem abrir mão de agilidade, criando organizações capazes de se adaptar com rapidez, aprender continuamente e executar com disciplina. Isso é o que aponta a 29ª edição da CEO Survey, com destaques do Agronegócio, confirmando uma percepção crescente entre os executivos do setor.

A volatilidade de preços e custos continua pressionando margens e encurtando o horizonte de planejamento. Oscilações de câmbio, juros, crédito, fretes e energia alteram rapidamente a competitividade relativa entre origens e produtos, exigindo revisões frequentes de orçamento e maior rigor na gestão de capital de giro. Ao mesmo tempo, a dinâmica do comércio internacional se tornou mais sensível a rupturas logísticas e a decisões políticas, o que aumenta a necessidade de diversificação de rotas, fornecedores e mercados, além de inteligência comercial mais refinada. Para 35% e 33% dos respondentes, inflação e instabilidade macroeconômica são respectivamente, as principais ameaças nos próximos doze meses.

A transição climática aparece como outra ameaça central, para 33% dos respondentes. O clima já não é apenas um risco agrícola, pois ele impacta produtividade, qualidade, sanidade, disponibilidade de água e custo de produção, afetando toda a cadeia de valor, do campo até a indústria de alimentos e nutrição animal. Esse risco físico se soma ao risco de transição, com exigências crescentes por rastreabilidade, comprovação de práticas sustentáveis e redução de emissões. Mercados e clientes mais exigentes passam a demandar evidências e dados auditáveis, e financiadores incorporam critérios ambientais na concessão de crédito e no custo de capital. Para o agro, isso significa que sustentabilidade deixa de ser um tema de reputação e se torna um fator de acesso a mercado, de competitividade e de resiliência.

Há ainda a complexidade operacional e digital. Quanto maior a integração de sistemas, maior também a superfície de risco, especialmente em

cibersegurança e integridade das informações. Além disso, há escassez de talentos com habilidades digitais, convivência com sistemas legados e dificuldade de escalar pilotos tecnológicos. Em muitas empresas, o desafio não é “testar inovação”, mas capturar valor de forma consistente, integrando tecnologia ao processo e à cultura.

Apesar das pressões, tecnologia e inovação tendem a ser os principais instrumentos para reduzir variabilidade, antecipar riscos e ampliar ganhos de eficiência, qualidade e conformidade. A inteligência artificial (IA) e analytics, por exemplo, tornam decisões mais rápidas e embasadas ao melhorar previsão de demanda, planejamento de compras e produção, gestão de estoques e modelos de precificação. Para 33% dos líderes do agro, a IA teve impacto no aumento das receitas, mesmo valor para redução das despesas. Na nutrição animal, algoritmos podem apoiar a otimização de formulações diante da volatilidade de ingredientes, preservando desempenho zootécnico e controlando custo por tonelada.

Um espaço de oportunidade está no avanço de bioinsumos e de práticas regenerativas, que respondem simultaneamente a desafios de custo, clima e exigências de mercado. O manejo mais eficiente pode reduzir dependência de outros insumos, melhorar saúde do solo e contribuir para métricas ambientais mais robustas, ampliando a competitividade em cadeias que exigem comprovação de impacto. Ganha força a agenda de eficiência energética, reaproveitamento de subprodutos e projetos de circularidade. Em tempos de margens apertadas, eficiência deixa de ser apenas “boa prática” e passa a ser uma estratégia de sobrevivência e diferenciação.

Tudo isso reposiciona o papel da liderança, que no cenário de incerteza não é prever o futuro com precisão, mas construir capacidade de resposta. Isso envolve priorizar poucos casos de uso com retorno claro e escalá-los com governança, firmar parcerias para acelerar competências e fortalecer cultura e talentos para operar em ambiente orientado a dados.

As tensões externas continuarão a existir, porém, quem transformar dados em decisão, sustentabilidade em acesso a mercado e inovação em produtividade terá mais condições de atravessar a turbulência liderando, e não apenas reagindo. ■



Mayra Theis

Sócia da PwC Brasil e líder de Agribusiness

Fabio Pereira

Diretor da PwC Brasil e especialista em Agribusiness



Linha de óleos essenciais

**PRECISÃO NA TECNOLOGIA,
EFICIÊNCIA NO RESULTADO.**

- 🎯 Produto microencapsulado, termicamente estável e de liberação controlada;
- 🎯 Para todas as espécies animais;
- 🎯 Presente em mais de 70 países.



INOVAÇÕES EM EFICIÊNCIA ALIMENTAR



Empresa certificada
GMP+ no Brasil

CIÊNCIA APLICADA EM NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL.

www.grasp.ind.br |     /grasp.ltda





A TRANSIÇÃO DA NOVA PECUÁRIA: TECNOLOGIA E PROCESSOS EXIGEM UMA NOVA VERSÃO!

Resultados ainda maiores com aplicação de novas técnicas e processos – incrementos que ultrapassam a marca de 23% na rentabilidade total da propriedade – isso já é uma realidade para muitos, e pode ser para você também!

O fato é que estamos diante de um período incrível de transição de técnicas e processos em que as métricas e procedimentos que favoreceram a produção de chegar até aqui não serão mais eficazes para seguir daqui para adiante. Torna-se cada vez mais crucial estar atento às inovações para ressignificar determinadas decisões que favoreçam alcançar resultados ainda melhores.

Na pecuária de corte e na produção de leite não é diferente e exatamente nestes dois segmentos que operam em paralelo, encontramos detalhes relacionados a **manejo** e **nutrição** – detalhes que fazem e farão toda a diferença nos resultados alcançados. É um complexo de Indústrias voltadas a atender estes dois itens que afogam o produtor com um volume gigantesco de informações onde muitas vezes, faz-se necessária uma referência determinante para uma melhor escolha em meio a uma infinidade de opções. Somam-se a estes aspectos produtivos as questões de âmbito burocrático-legal que sufocam ainda mais o proprietário rural em meio a regras e leis que engessam o sistema e o tornam ainda mais melindroso.

Estamos diante de uma transição silenciosa onde pequenos detalhes perceptuais interferem diretamente nos resultados e os fazem diferenciais. A percepção do profissional em contato direto com o manejo, voltado ao comportamento dos animais, um olhar voltado para aquilo que a tecnologia ainda não percebe será o diferencial para esse profissional permanecer no mercado ao mesmo tempo que profissionais qualificados para ocuparem determinadas funções tornam-se escassos abrindo espaço para a necessidade de implementação de mais e mais tecnologias que por sua vez, sobem a régua de exigência desses profissionais e torna ainda mais desafiante a tarefa de se qualificar. A Inteligência artificial e a automatização dos processos compõem novos elementos que ocupam essas lacunas com objetivo de entregar ainda mais resultados para o produtor – automação, monitoramento e critérios ESG cada vez mais presentes, favorecendo que a tônica que diz que a tecnologia substitui tudo, menos o talento humano, seja res-

significada! Produzir com menos impacto já é uma máxima e cada vez mais se torna um novo normal. A perseguição por baixas emissões de metano na pecuária já é realidade explorada por empresas que vão desde os protocolos de inseminação artificial e permeiam também os aspectos de nutrição onde, atender a um mercado demandante por esses pontos já não mais é uma questão de preciosismo e sim um ato de sobrevivência no mercado.

Vimos falando de Beef on Dairy para alavancar ainda mais a cadeia produtiva na pecuária - favorecendo assim que haja maior integração e otimização na pecuária leiteira com um novo nicho de mercado advindo desta lacuna disponível de conduzir esses bezerros antes indesejados, para um protocolo de manejo e terminação que entrega bons resultados - tratamos de questões relacionadas a Nutrição de Alta Performance com a Forragem Verde Hidropônica - destacando a sustentabilidade e os aspectos nutricionais incríveis de forma natural, sem adição de químicos e que atendem a um mercado voltado às tendências internacionais de consumo, seja pelo aspecto “grass feed”, naturalmente potente, seja pela redução da emissão de metano entérico, que melhora o bem estar dos animais por razões de alta digestibilidade, impulsionando aspectos relacionados a crescimento e produtividade para patamares ainda mais elevados - destacamos aspectos relacionados à atenção com a Regularização Fundiária, assunto que vem sendo acaloradamente citado em razão de alterações legais que em tese, afetam diretamente os proprietários rurais pela insegurança jurídica gerado pela quantidade de sistemas e processos públicos que não interagem entre si - enfim, um emaranhado de situações que demanda cada vez mais de atenção e profissionalismo.

O resultado vem! E vem cada vez mais equipado de alternativas voltadas para o acerto.

A Ecco2 possui consultores e especialistas preparados para atender a sua propriedade com competências multidisciplinares, promovendo uma total integração entre a cadeia de profissionais já atuantes em sua propriedade (Veterinários, Zootecnistas, Gerentes, dentre outros), ajustando o foco dos resultados para que seus ganhos alcancem patamares expressivos para sua propriedade – entre em contato conosco - reginaldo@ecco2.com.br ■



Reginaldo Ferreira Rocha

é consultor empresarial, palestrante, especialista em Beef on Dairy, Regularização e Gestão Fundiária pela Ecco2 Gestão de Negócios

Probeef®
SEMI
CONFINAMENTO

**A MELHOR
TERMINAÇÃO
O ANO INTEIRO!**

**SEJA SEMI, SEJA TIP,
TERMINAÇÃO A PASTO
É COM PROBEEF®.**

**ADITIVOS EXCLUSIVOS
DO PORTFÓLIO CARGILL®.**

**A MELHOR EQUIPE PARA
ASSISTÊNCIA TÉCNICA.**



Cargill | Animal Nutrition
& Health

probeef.com.br |   /probeefnutron



Ariovaldo Zani

é médico-veterinário, CEO do Sindirações; Presidente da Câmara de Sustentabilidade e Bem-Estar Animal/ABPA; Presidente do Conselho Consultivo de Insumos Agropecuários e Indústria Extrativa/Senai SP; Membro da Comissão Estadual do Agronegócio do CRMV/SP

ENTRE AMEAÇAS E OPORTUNIDADES: RESILIÊNCIA E PROTAGONISMO

A produção brasileira de rações e suplementos apresentou recuperação consistente no biênio 2024-2025, refletindo melhora nos custos dos principais insumos, maior previsibilidade econômica e retomada gradual do ciclo pecuário. Em 2024, o setor totalizou aproximadamente 91 milhões de toneladas, enquanto em 2025, o volume avançou para cerca de 94 milhões de toneladas, crescimento de mais de 3%. Para 2026, a estimativa aponta para 97 milhões de toneladas consolidando trajetória de expansão moderada.

Na avicultura de corte, a produção de rações evoluiu de 36,9 milhões de toneladas em 2024 para 37,85 milhões em 2025 (+2,5%). Dados preliminares do IBGE indicam que o abate de frangos cresceu 2,9% em 2025, confirmando o alinhamento entre desempenho industrial e demanda por nutrição. Para 2026, projeta-se consumo de 39,1 milhões de toneladas de rações, sustentado pelo dinamismo exportador e manutenção da competitividade internacional.

O segmento de postura comercial também registrou avanço consistente e a produção de rações passou de 7,18 milhões de toneladas em 2024 para 7,43 milhões em 2025 (+3,5%), enquanto que para o IBGE, a produção de ovos cresceu 5,6% em 2025, refletindo expansão do consumo doméstico. Para 2026, estima-se demanda de 7,73 milhões de toneladas de rações.

Na suinocultura, observou-se recuperação gradual, já que o consumo de rações somou 21,6 milhões de toneladas em 2024 e avançou para 22,5 milhões em 2025 (+4,2%), enquanto o abate de suínos cresceu 3,8% em 2025, reforçando o movimento de recomposição produtiva. Para 2026, as 23,1 milhões de toneladas de rações previstas indicam continuidade do crescimento em ritmo moderado.

A bovinocultura de corte apre-

sentou um dos desempenhos mais expressivos, impulsionando a produção de rações que evoluiu de 7,22 milhões de toneladas em 2024 para 7,76 milhões em 2025 (+7,5%), com projeção de 8,23 milhões em 2026. O IBGE registrou alta de 8,3% no abate de bovinos em 2025. O Censo do Confinamento apurado pelo Cepea/Esalq/USP apontou crescimento das 7,96 milhões de cabeças confinadas em 2024 para 9,25 milhões em 2025 (+16%), com possibilidade de aproximação de 10 milhões em 2026. Esse avanço consolida a intensificação produtiva como principal vetor estrutural de expansão do consumo de rações na pecuária de corte, muito embora, a salvaguarda aplicada pela China (estruturada sob cota anual de aproximadamente 1,1 milhão de toneladas com tarifação adicional sobre volumes excedentes) introduz elemento de cautela nas perspectivas comerciais.

Na bovinocultura leiteira, a demanda por rações evoluiu das 7,1 milhões de toneladas em 2024 para 7,66 milhões em 2025 (+7,9%). A aquisição formal de leite cresceu 8% em 2025, de acordo com dados preliminares disponibilizados pelo IBGE, indicando recuperação da captação e maior dinamismo produtivo. Para 2026, projeta-se 7,9 milhões de toneladas de rações.

O segmento de alimentos para cães e gatos manteve expansão resiliente, passando de 4,01 milhões de toneladas em 2024 para 4,04 milhões em 2025. Para 2026, projetam-se 4,15 milhões de toneladas. Embora o avanço tenha sido moderado, o mercado evoluiu qualitativamente, impulsionado por maior exigência de caráter nutricional dos tutores, especialização das formulações, expansão dos canais digitais e valorização de atributos ligados à saúde e bem-estar animal.

Na aquicultura, a produção de rações evoluiu de 1,79 milhão de toneladas em 2024 para 1,9 milhão em 2025

(+5,3%), demonstrando forte dinamismo no período. A piscicultura brasileira ultrapassou 1 milhão de toneladas de peixes cultivados, com predominância da tilápia e expansão da infraestrutura produtiva, incluindo viveiros e tanques-rede. Paralelamente, a carcinicultura tem se consolidado como componente estratégico da aquicultura nacional e o estado do Ceará liderou a produção nacional de camarão em 2024, respondendo por mais de metade do total produzido no país, seguido por Rio Grande do Norte e Paraíba. Apesar do potencial e crescimento, os produtores enfrentam desafios econômicos e sanitários relevantes, pois a atividade ainda convive com doenças virais e bacterianas que podem reduzir a produtividade e causar mortalidades em cultivos intensivos e semi-intensivos, exigindo rigorosas práticas de biossegurança, manejo da qualidade da água e estratégias de prevenção para minimizar perdas produtivas. Para 2026, projetam-se quase 2 milhões de toneladas de rações para aquicultura (+4%), sustentadas pela expansão das exportações, pelo aumento do consumo doméstico de peixes e camarões e pelo contínuo aprimoramento tecnológico, capacitação técnica e adoção de práticas de manejo sustentável que têm sido promovidas de forma articulada pelos produtores.

De forma agregada, o triênio 2024-2026 segue confirmando a expansão gradual da indústria brasileira de alimentação animal, sustentada principalmente pelo crescimento simultâneo nos abates de frangos, suínos e bovinos, bem como na produção de leite, ovos e organismos aquáticos. A intensificação, especialmente pelo regime de confinamento na pecuária de corte, consolida-se como vetor estrutural de crescimento, enquanto o ambiente geopolítico-comercial passa a exercer influência crescente sobre as perspectivas setoriais. ■

CONSAGRADO
NA EUROPA
E AGORA
DISPONÍVEL
NO BRASIL

Tulaject®

TULATROMICINA



Altamente eficaz contra doenças respiratórias dos suínos

- Dose única
- Efeito prolongado
- Acúmulo rápido e extensivo no tecido pulmonar
- Ação imunomoduladora e melhor resolução da inflamação

 BAIXE AGORA A CALCULADORA ALIVIRA



alivira.com.br



[/alivirabrasil](https://www.instagram.com/alivirabrasil)

IPPE PODE GERAR MAIS DE \$ 22,4 MILHÕES DE DÓLARES EM NEGÓCIOS PARA O MERCADO BRASILEIRO

Mais de 340 reuniões de trabalho e a estimativa de negócios na ordem de \$ 1,4 milhões de dólares durante os três dias de International Production & Processing Expo (IPPE). Esse é o saldo da participação da delegação brasileira que embarcou com a Associação Brasileira de Insumos Farmacêuticos (Abiquifi) e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos para Atlanta, nos Estados Unidos, de 27 a 29 de janeiro.

Fizeram parte desta jornada de conhecimento e internacionalização dos negócios as empresas Farmabase, Ourofino, Kobratic, Biocamp, Salmix, Sanex, Safeeds, Perstorp, Inata e Poly-Sell. O Pavilhão Brasil, uma das ações mais estratégicas do projeto Brazilian Pharma and Health (BPH), mais uma vez foi um espaço dedicado à articulação institucional e empresarial.

O sucesso do evento pode ser exemplificado ainda por outra projeção que evidencia a qualidade dos

produtos brasileiros em Saúde Animal: a estimativa de negócios na ordem de \$ 22,4 milhões de dólares para os próximos 12 meses decorrentes dos contatos feitos durante a IPPE.

Qualidade essa que alcançou executivos de países como México, Canadá, Estados Unidos, Arábia Saudita, Equador, Peru, China, Paquistão, Colômbia, Chile, Egito, Guatemala, Jordânia, Alemanha, Espanha, Venezuela, Nepal, Argentina, Nigéria, República Dominicana, Índia, Costa Rica, Panamá e Venezuela.

Grandes números, networking qualificado para atrair investimentos e incrementar as exportações dos produtos brasileiros, e a disseminação de conhecimento, nortearam a participação da delegação brasileira na IPPE. Trata-se de uma ação estratégica, idealizada e fomentada em conjunto com entidades como Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais (Alanac) e a Associação Brasileira de Reciclagem Animal (ABRA), a quem agradecemos a parceira de sucesso.

REGULAÇÃO EM DEBATE. A mesa-redonda “O Brasil no Mercado Global de Saúde Global” foi um dos grandes destaques da agenda da delegação brasileira durante a IPPE, evidenciada pela importante participação do Ministério de Agricultura e Pecuária (MAPA), do Consulado Geral do Brasil na cidade, do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM) e das empresas Farmabase, L'abitah e Ourofino.

O debate escancarou a necessidade de integrar cada vez mais as agendas dos setores público e privado, onde o cenário regulatório brasileiro ganha voz em meio à nossa já conhecida expertise em produção e inovação, com foco no posicionamento dos produtos nacionais no ambiente de negócios da indústria animal global.

“A Abiquifi tem uma forte articulação com todos os atores envolvidos no ecossistema de inovação no Brasil e essa parceria com ApexBrasil, o MAPA e as empresas detentoras de





novas tecnologias e que comercializam produtos no exterior, é muito importante para o alinhamento regulatório entre as tecnologias desenvolvidas no Brasil e o que mercado internacional demanda”, afirma Helena Facioli, gerente de Inovação Radical em Saúde Animal da Abiquifi, que representou a entidade durante o evento.

Ana Lucia de Paula Viana, Adida do MAPA nos EUA, corrobora com a visão estratégica de reunir executivos dos setores público e privado em um mesmo fórum de discussão. “O Ministério da Agricultura e Pecuária está sempre aberto para discutir, receber sugestões das empresas que atuam no Brasil e no mundo, buscando a inovação e novas tecnologias para que o país desponte como um grande produtor que é. Esse projeto da Abiquifi e ApexBrasil é importante para levar as empresas brasileiras a eventos mundiais de grande relevância, para estarmos em linha com o que está sendo feito no mercado global”.

A VOZ DOS PARTICIPANTES. As empresas patrocinadoras da mesa-redonda foram unânimes em afirmar que a presença em um dos principais eventos globais em Saúde Animal é a oportunidade única de se conectar com os principais players globais, estar perto dos clientes, fortalecer o posicionamento no cenário internacional, acompanhar as tendências mundiais e abrir portas para parcerias comerciais e tecnológicas em mercados estratégicos.

Empresas participantes da delegação brasileira que embarcou com a Abiquifi para o IPPE 2026

“Um prazer estar mais uma vez com a Abiquifi para tratar desse tema, pois o Brasil é referência em proteína animal e deve ser referência também na questão regulatória. Somos uma indústria farmacêutica, altamente regulada pelo MAPA em linha com aquilo que tem de maior exigência nas principais agências regulatórias internacionais.”, explica Vítor Franceschini, CEO da Farmabase.

“Uma satisfação participar deste evento da Abiquifi e do MAPA para buscar parcerias que possam agregar valor dentro do nosso portfólio, até porque o Brasil, é o maior produtor de carne de aves no mundo, responsável por 40% de todo esse movimento global”, afirma Claudio Selonk, diretor-executivo da L’abitah.

“Este evento da Abiquifi e ApexBrasil, com instituições públicas e privadas, é muito importante para discutirmos o cenário regulatório brasileiro, cujas diretrizes do MAPA tem contribuído para que possamos posicionar os nossos produtos no cenário da indústria animal global”, disse Ferdinando Almeida, diretor de Negócios, Pesquisa e Inovação da Ourofino.

AÇÃO ESTRATÉGICA. Com a missão setorial de sensibilizar e mobilizar, a Abiquifi encabeça agendas estruturadas que contemplam a realização de missões comerciais e regulatórias, promovendo a articulação entre empresas, governo e parceiros internacionais; reuniões técnicas; eventos institucionais e encontros estratégicos durante feiras internacionais relevantes como a IPPE. E a cooperação com o MAPA fortalece a capacidade do Brasil de se posicionar como protagonista no mercado de Saúde Animal.

Ao unir esforços para negociar barreiras técnicas, analisar requisitos regulatórios e identificar oportunidades comerciais, as missões lideradas pela Abiquifi criam um ambiente estratégico para que as empresas brasileiras demonstrem sua competitividade, inovação e conformidade com as melhores práticas globais. Essa abordagem promove não apenas a abertura de novos mercados, mas também o fortalecimento da cadeia produtiva nacional e a atração de investimentos para o setor. ■

NOVA PRESIDÊNCIA DO NUCLEOVET TEM O OBJETIVO DE UNIR CONHECIMENTO TÉCNICO, GESTÃO E TECNOLOGIA PARA APRIMORAR OS PROCESSOS DE DEFESA SANITÁRIA

A MÉDICA-VETERINÁRIA **ALETÉIA BRITTO DA SILVEIRA BALESTRIN** EXPLICA COMO PRETENDE CONTRIBUIR COM A EXCELÊNCIA DO AGRONEGÓCIO CATARINENSE E NACIONAL

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

Aletéia Britto da Silveira Balestrin assumiu a presidência do Núcleo Oeste de Médicos-Veterinários e Zootecnista, o Nucleovet, corroborando com a representatividade e a diversidade na liderança do Núcleo.

Aletéia é Médica Veterinária com ampla experiência na Inspeção de POA e Defesa Sanitária Animal de Santa Catarina, atuando principalmente na área de sanidade de aves e suínos. Ela possui sólida vivência em auditorias, certificações e missões internacionais voltadas à manutenção de mercados exportadores e ao fortalecimento da imagem sanitária brasileira. Participou do Grupo de Trabalho Inova Defesa, onde promoveu a inovação tecnológica e a capacitação de equipes no uso dos sistemas SIGEN+, SIGENWeb.

Ao encerrar seu mandato, o então presidente, Tiago José Mores, destacou que o momento é, sobretudo, de

reconhecimento coletivo. “Gratidão por tudo o que vivemos, construímos e superamos juntos ao longo desses dois anos à frente da presidência do Nucleovet”, afirmou. Ele ressaltou que conduzir a entidade foi um desafio profissional, pessoal e emocional, mas também uma das experiências mais ricas de sua trajetória. No pronunciamento, Mores fez questão de agradecer à diretoria que caminhou ao seu lado, lembrando que liderar é um exercício de escuta, confiança e divisão de responsabilidades. “Liderar não é caminhar na frente, sozinho. Liderar é caminhar junto”, comentou.

Acompanhe na sequência entrevista exclusiva de Aletéia Balestrin à **Feed & Food**.

Feed&Food: O que te motivou a assumir a presidência do Nucleovet? Aletéia Britto da Silveira Balestrin: Assumir a presidência do Nucleovet foi um passo muito natural na minha traje-

tória dentro da entidade. Sou associada há mais de 20 anos e, ao longo desse tempo, tive a oportunidade de participar ativamente de diferentes momentos, projetos e gestões, sempre contribuindo para o fortalecimento do nosso setor e para o crescimento da instituição. O Nucleovet faz parte da minha história profissional, e acompanhei de perto sua evolução, seus desafios e conquistas. O que me motivou foi justamente esse sentimento de pertencimento e de responsabilidade: retribuir tudo o que a entidade representou para mim e colocar minha experiência, minha dedicação e minha visão a serviço da continuidade desse trabalho tão relevante para a cadeia produtiva. É um compromisso com o legado construído e, ao mesmo tempo, com o futuro que queremos seguir construindo juntos.

Quais experiências da sua trajetória profissional mais influenciaram sua visão para a associação? Minha visão para a associação foi construída ao longo de toda a minha trajetória profissional na área de Defesa Sanitária Animal e na Inspeção de Produtos de Origem Animal. Atuar diretamente com sanidade, qualidade, controle e segurança dos alimentos me deu uma compreensão muito concreta de como cada elo da cadeia produtiva é interdependente e de como decisões técnicas, institucionais e estratégicas impactam todo o setor. As experiências em auditorias, fiscalizações, missões técnicas e no acompanhamento de sistemas de controle sanitário me ensinaram a importância do rigor técnico, da credibilidade e do diálogo entre setor produtivo, instituições e órgãos oficiais. Tudo isso influencia diretamente a forma como enxergo o papel do Nucleovet: como uma entidade que precisa ser, ao mesmo tempo, referência técnica, espaço de construção de conhecimento e ponte entre ciência, produção e sociedade, sempre com foco em sanidade, qualidade e sustentabilidade da cadeia produtiva.



Aletéia Britto da Silveira Balestrin, médica-veterinária e nova presidenta do Núcleo Oeste de Médicos-Veterinários e Zootecnista, o Nucleovet: “Eu sonho em implementar uma gestão que una inovação e legado. Meu objetivo é que, ao final da gestão, o Nucleovet esteja ainda mais atual, mais conectado com o futuro, mas com a mesma solidez, seriedade e relevância que sempre o caracterizaram”.

Como você descreveria seu estilo de liderança? Eu descrevo meu estilo de liderança como participativo, colaborativo e baseado na construção diária. Acredito muito que os melhores resultados vêm do engajamento real das pessoas, por isso valorizo profundamente a atuação conjunta da Diretoria Executiva e dos Conselhos, onde cada um contribui com sua experiência, visão e senso de responsabilidade. Busco exercer uma liderança que escuta, que abre espaço para o diálogo e que considera a diversidade de opiniões como uma força da entidade. A escuta ativa dos associados também é fundamental nesse processo, porque é a partir dela que conseguimos manter o Nucleovet conectado às reais necessidades do setor. Para mim, liderar é criar ambiente, alinhar propósitos e caminhar junto, construindo todos os dias uma instituição mais forte e representativa.

Quais são as suas prioridades nos primeiros meses à frente do Nucleovet?

O início do ano sempre é um período muito intenso para o Nucleovet, especialmente porque temos pela frente o Simpósio Brasil Sul de Avicultura, o SBSA, que é um dos nossos principais eventos. Em 2026, esse desafio ganha um significado ainda maior, pois celebramos 55 anos de entidade e 15 anos de Simpósio Brasil Sul de Bovinocultura de Leite, o SBSBL, marcos que reforçam a nossa responsabilidade com a história e com o futuro da instituição. Além disso, enfrentamos dois grandes desafios logo no começo do ano, que foram as transições nas presidências das Comissões Científicas de Suinocultura e de Bovinocultura de Leite. São mudanças importantes, e os colegas que estão assumindo essa missão têm, assim como nós da Diretoria, a responsabilidade de manter e fortalecer a excelência técnica que sempre foi a marca dos nossos eventos. Vejo esse momento como um período de muito trabalho, diálogo e alinhamento, mas também como uma grande oportunidade de renovação, de fortalecimento das equipes e de reafirmação do com- ►

promisso do Nucleovet com a qualidade, a credibilidade e a relevância técnica para toda a cadeia produtiva.

Existe algum projeto específico que você sonha em implementar durante sua gestão? Eu sonho em implementar uma gestão que una inovação e legado. A inovação no sentido de modernizar processos, fortalecer a comunicação, aproximar ainda mais o Nucleovet dos associados e ampliar o alcance técnico e institucional da entidade. E o legado no sentido de preservar e fortalecer tudo aquilo que foi construído ao longo desses 55 anos, especialmente a credibilidade e a excelência técnica dos nossos eventos e das nossas ações. Meu objetivo é que, ao final da gestão, o Nucleovet esteja ainda mais atual, mais conectado com o futuro, mas com a mesma solidez, seriedade e relevância que sempre o caracterizaram.

Como você pretende modernizar ou inovar as ações da associação? A modernização do Nucleovet passa, antes de tudo, por pessoas, processos e comunicação. Pretendemos inovar fortalecendo os canais de diálogo com os associados, usando cada vez mais ferramentas digitais para ampliar o acesso ao conteúdo técnico, aproximar a entidade do público e dar mais agilidade aos nossos processos internos. Também queremos modernizar a forma de comunicar e valorizar ainda mais o conhecimento produzido nas Comissões Científicas e nos eventos, ampliando seu alcance ao longo do ano, e não apenas nos períodos dos simpósios. Tudo isso sem perder de vista o que é essencial: preservar a credibilidade, a qualidade técnica e a identidade do Nucleovet. Inovar, para nós, é evoluir com responsabilidade, respeitando o legado e preparando a entidade para os próximos anos.

Quais são os maiores desafios que a medicina veterinária enfrenta hoje, e como o Nucleovet pode ajudar? A Medicina Veterinária enfrenta hoje desafios cada vez mais complexos, que passam pela necessidade de constante atualização técnica, pelas exigências crescentes em sanidade, qualidade e sustentabilidade da produção, e pelo próprio ritmo de transformação

do setor. A capacitação contínua dos profissionais é, sem dúvida, um dos maiores desafios, porque o conhecimento evolui muito rápido e a responsabilidade técnica só aumenta. Nesse contexto, o Nucleovet pode contribuir de forma muito concreta fortalecendo ainda mais seu papel na formação e atualização dos profissionais, apoiando institucionalmente as universidades, estimulando a aproximação entre academia e setor produtivo e ampliando parcerias com outras entidades de classe e com os órgãos oficiais. Acredito que o caminho é o trabalho conjunto: integrar esforços, somar competências e criar ambientes de diálogo e construção técnica, para que a Medicina Veterinária siga cada vez mais forte, valorizada e preparada para os desafios do presente e do futuro.

Como pretende fortalecer o engajamento dos membros da associação?

Os voluntários são o maior patrimônio do Nucleovet. Eles são o nosso coração pulsante e a razão pela qual a entidade existe e se mantém viva e relevante ao longo de tantos anos. Fortalecer o engajamento começa, pelo reconhecimento e pela valorização constante dessas pessoas que doam seu tempo, conhecimento e energia de forma tão generosa. A nossa busca é permanente para criar espaços de participação, de escuta e de construção conjunta, onde cada associado se sinta parte real da entidade. Cada ação institucional que pensamos e executamos tem como foco o bem daqueles que fazem parte do Nucleovet, porque acreditamos que quando as pessoas se sentem pertencentes, reconhecidas e respeitadas, o engajamento acontece de forma natural e duradoura. **Há planos para ampliar a visibilidade do Nucleovet dentro e fora da comunidade veterinária?** Sim, esse é um dos focos importantes da nossa gestão. Queremos ampliar cada vez mais a visibilidade do Nucleovet, não apenas dentro da comunidade veterinária, mas também junto a outros elos da cadeia produtiva, às instituições, aos órgãos oficiais e à sociedade. Neste ano, isso ganha um significado ainda mais especial, porque o Nucleovet completa 55 anos de história, e vamos trabalhar para que essa trajetória seja amplamente desta-

cada, valorizando tudo o que já foi construído e a contribuição da entidade tanto para a cadeia produtiva quanto para a sociedade em geral. Isso passa por fortalecer a nossa comunicação, dar mais alcance ao conteúdo técnico que produzimos, ampliar parcerias institucionais e mostrar, de forma clara, a relevância do trabalho que a entidade realiza há mais de cinco décadas, reforçando seu papel como referência técnica e institucional.

Que estratégias o Nucleovet vai adotar para capacitar e atualizar os profissionais da área? A capacitação e a atualização profissional sempre estiveram no DNA do Nucleovet e continuarão sendo uma prioridade. Vamos seguir fortalecendo nossos eventos técnicos, que já são referência, e também ampliar as ações de formação ao longo do ano, com novas iniciativas, parcerias com universidades, outras entidades de classe e instituições do setor. A ideia é diversificar os formatos de conteúdo, usar mais as ferramentas digitais para ampliar o acesso ao conhecimento e valorizar ainda mais o trabalho das Comissões Científicas. Queremos que o Nucleovet seja, cada vez mais, um ponto de encontro permanente para quem busca atualização, troca de experiências e crescimento profissional, sempre mantendo o alto padrão técnico que caracteriza a nossa entidade.

Existe alguma iniciativa voltada para jovens médicos-veterinários ou estudantes da área? Os estudantes têm um papel fundamental dentro do Nucleovet, especialmente durante os nossos eventos. Eles não são apenas participantes, mas também colaboradores ativos na organização, vivenciando na prática como funciona a construção de um evento técnico de grande porte. Essa experiência é extremamente rica, porque além de aprenderem, eles têm a oportunidade de conviver com profissionais experientes, professores, pesquisadores e empresas, criando conexões importantes em um ambiente de networking qualificado. Muitos estudantes acabam sendo conhecidos, reconhecidos e até abrindo portas profissionais a partir desse contato. Para nós, isso é motivo de muito orgulho, porque significa

que o Nucleovet também cumpre um papel essencial na formação, na integração e no futuro das novas gerações da Medicina Veterinária e Zootecnia.

Como a associação pretende se manter atualizada frente às novas tecnologias e tendências da veterinária? Manter-se atualizada é um compromisso permanente do Nucleovet. Fazemos isso, por meio das nossas Comissões Científicas, que estão em contato direto com o que há de mais atual em pesquisa, inovação e práticas do setor, e que ajudam a direcionar os temas e conteúdos dos nossos eventos e ações. Além disso, buscamos fortalecer parcerias com universidades, centros de pesquisa, empresas e outras entidades, justamente para estar conectados às novas tecnologias e às principais tendências da Medicina Veterinária. Também vamos ampliar o uso de ferramentas digitais e novos formatos de comunicação e capacitação, para que esse conhecimento chegue de forma mais ágil e acessível aos associados. O objetivo é que o Nucleovet continue sendo um espaço de atualização constante, sem perder sua essência de rigor técnico, credibilidade e relevância para o setor.

Há projetos sociais ou ambientais que a associação pretende apoiar ou lançar? O compromisso do Nucleovet vai além da área técnica e científica. Ao longo do ano, a entidade já apoia e participa de diversos projetos sociais no município, porque acreditamos que a Medicina Veterinária também tem um papel fundamental junto à comunidade e à sociedade. Além disso, estamos em fase de finalização de um novo projeto voltado para a área Pet, que em breve será lançado e que vem para ampliar ainda mais essa atuação social da entidade. Nosso objetivo é seguir fortalecendo esse vínculo com a comunidade, contribuindo com ações que gerem impacto positivo, valorizem a profissão e reforcem o papel do Nucleovet como uma instituição comprometida não só com o setor produtivo, mas também com a sociedade como um todo.

Qual é a sua visão sobre a responsabilidade ética dos médicos-veterinários hoje? A responsabilidade ética do médico-veterinário hoje é central e inego-

A ENTIDADE

O NUCLEOVET contribui para a valorização da profissão veterinária, pela qualidade e pelo perfil dos profissionais que reúne. A entidade possui muitos associados que estão ligados a diferentes setores da sociedade — na academia, no setor produtivo, em instituições, em conselhos, em projetos sociais — o que demonstra o alto grau de comprometimento social e intelectual de quem faz parte da entidade.

Além disso, ao promover eventos técnicos de excelência, apoiar ações sociais e participar de debates relevantes para a cadeia produtiva e para a sociedade, o Nucleovet ajuda a mostrar, na prática, a importância estratégica da Medicina Veterinária. Seu papel é dar visibilidade a esse trabalho, fortalecer a imagem da profissão e mostrar à sociedade que o médico-veterinário e o Zootecnista são profissionais essenciais à saúde, a produção de alimentos, o bem-estar animal e o desenvolvimento sustentável.

ciável. O exercício da profissão deve estar sempre fundamentado na responsabilidade técnica, no respeito à vida, no bem-estar animal, na saúde pública, na qualidade dos produtos de origem animal e no compromisso com a sociedade. Em um cenário cada vez mais complexo e exigente, o veterinário não é apenas um técnico, mas um agente fundamental na proteção da saúde única — animal, humana e ambiental. Agir com ética significa atuar com competência, honestidade, responsabilidade e independência técnica, respeitando limites, normas e princípios, e tendo consciência de que cada decisão profissional tem

impacto direto na sociedade. Acredito que a ética não é apenas uma obrigação legal, mas um valor que sustenta a credibilidade da profissão e a confiança que a sociedade deposita em nós.

O que você considera sua maior inspiração na Medicina Veterinária? A minha maior inspiração na Medicina Veterinária é a responsabilidade e o privilégio de cuidar da vida humana por meio da manutenção da saúde animal. Saber que o nosso trabalho impacta diretamente a saúde pública, a segurança dos alimentos, o bem-estar animal e a qualidade de vida das pessoas dá um sentido muito profundo à profissão. A Medicina Veterinária vai muito além do cuidado individual com os animais: ela é essencial para proteger a sociedade como um todo. Essa consciência de propósito, de servir e de contribuir diariamente para algo maior é o que mais me inspira e motiva na minha trajetória profissional.

Que conselho você daria para quem está começando na profissão? Eu diria que escolha a Medicina Veterinária com o coração, mas exerça a profissão com consciência, responsabilidade e ética. É uma profissão linda, desafiadora e cheia de propósito, que exige estudo constante, dedicação e muito compromisso com a vida. Tenha orgulho da sua escolha, busque sempre fazer o seu melhor e nunca perca a sensibilidade e o amor pelo que faz, porque é isso que dá sentido à nossa rotina. Quando a gente une conhecimento, ética e amor pela profissão, o caminho pode ser exigente, mas é profundamente recompensador.

Como você quer que as pessoas se lembrem da sua gestão no Nucleovet? Eu gostaria que a minha gestão fosse lembrada pela valorização das pessoas. Que voluntários, associados e todos que se envolvem com as atividades do Nucleovet se sintam reconhecidos, acolhidos e ouvidos. Que fique a lembrança de uma gestão construída de forma coletiva, com diálogo, respeito e cuidado com quem faz a entidade existir. Se ao final as pessoas puderem dizer que o Nucleovet saiu ainda mais unido, mais humano e mais forte, e que cada um se sentiu parte importante desse processo, esse será, para mim, o meu maior legado. ■

ÓTIMA NUTRIÇÃO PARA BEZERRAS MAIS FORTES E SAUDÁVEIS

AVANÇOS CIENTÍFICOS DEMONSTRAM QUE A NUTRIÇÃO NO PERÍODO PRÉ-DESMAME EXERCE EFEITOS DURADOUROS SOBRE O METABOLISMO, O CRESCIMENTO, A PRODUÇÃO DE LEITE E A LONGEVIDADE DAS VACAS

POR FERNANDA ESPER

A intensificação da bovino-cultura leiteira tem exigido maior eficiência produtiva e melhor aproveitamento dos recursos disponíveis. Nesse cenário, a atenção às fases iniciais da vida dos animais tornou-se um dos principais pontos de intervenção técnica, uma vez que falhas nutricionais precoces podem comprometer de forma irreversível o desempenho futuro.

Tradicionalmente, a alimentação de bezerras era conduzida com foco apenas na sobrevivência até o desmame. No entanto, avanços científicos demonstram que a nutrição no período pré-desmame exerce efeitos duradouros sobre o metabolismo, o crescimento, a produção de leite e a longevidade das vacas, consolidando o conceito de que a eficiência do sistema leiteiro começa nos primeiros dias de vida do animal.

Diversos estudos indicam que bezerras com melhor desempenho nutricional no pré-desmame apresentam maior eficiência alimentar, menor idade ao primeiro parto e maior produção de leite na primeira lactação. Esses efeitos estão associados ao conceito de programação metabólica, no qual estímulos nutricionais precoces promovem adaptações fisiológicas e metabólicas permanentes.

Além disso, a alimentação precoce adequada contribui para:

- Redução da morbidade e mortalidade
- Menor uso de medicamentos
- Maior uniformidade do lote
- Melhor desempenho na recria

Esses fatores reforçam que o investimento nutricional no início da vida não deve ser visto como custo, mas como estratégia para maximizar o retorno produtivo ao longo do ciclo da vaca.

O uso de sucedâneos lácteos é uma prática consolidada em sistemas leiteiros tecnificados, permitindo maior controle da dieta líquida, padronização do manejo e melhor planejamento econômico. Sucédâneos de alta qualidade nutricional apresentam composição equilibrada de energia, proteína, vitaminas e minerais, além de elevada digestibilidade.

Nukamel Green destaca-se nesse contexto por sua formulação balanceada, adequada às exigências nutricionais do período pré-desmame.

Quando corretamente utilizado, o produto possibilita:

- Ganhos de peso consistentes
- Melhor conversão alimentar
- Redução de variações individuais de desempenho
- Maior previsibilidade dos resultados zootécnicos

Esses benefícios tornam o uso do Nukamel Green uma ferramenta estratégica dentro de programas de alimentação precoce.

Para que os benefícios do sucedâneo lácteo sejam plenamente alcançados, é fundamental o manejo adequado. Aspectos como diluição correta, temperatura de fornecimento, frequência das refeições e higiene dos equipamentos são determinantes para o sucesso da estratégia.

O fornecimento inadequado pode

resultar em distúrbios digestivos, como diarreias nutricionais, comprometendo o desempenho e a saúde dos bezerras. Por outro lado, o uso correto do Nukamel Green contribui para maior estabilidade digestiva, melhor absorção dos nutrientes e maior eficiência no crescimento inicial.

A alimentação precoce adequada influencia diretamente o desenvolvimento corporal e funcional das bezerras, refletindo positivamente na capacidade produtiva futura. Animais que apresentam melhor desempenho no pré-desmame tendem a alcançar maior produção de leite na primeira lactação e a permanecer mais tempo no rebanho, aumentando a eficiência econômica do sistema.

Esses benefícios refletem diretamente no potencial produtivo futuro, na produção de leite e na rentabilidade dos sistemas leiteiros, consolidando a alimentação precoce como um investimento estratégico na base do rebanho. ■

Fernanda Esper,
Nutricionista
Animal da
Vidara



NUKAMEL GREEN

SUBSTITUTO DE LEITE PARA BEZERROS



- ✓ Maior lucratividade
- ✓ Manejo fácil e seguro
- ✓ Redução de despesas
- ✓ Boa adaptação operacional
- ✓ Compatível com diversos equipamentos
- ✓ Alto teor proteico para máximo desenvolvimento




Para obter informações técnicas detalhadas sobre os benefícios que a Nukamel pode oferecer às suas bezerras, consulte um de nossos especialistas!

Produto distribuído exclusivamente por:

vidara
PARTNERING FOR LIFE

 www.vidara.com

 (11) 3109-2000



O NOVO "CUSTO INVISÍVEL" DO FRANGO

PERDAS SILENCIOSAS QUE COMPROMETEM A EFICIÊNCIA PRODUTIVA

CADA VEZ MAIS, O DESEMPENHO ECONÔMICO DO FRANGO DE CORTE É IMPACTADO POR UM CONJUNTO DE **PERDAS INDIRETAS, CUMULATIVAS E DE DIFÍCIL MENSURAÇÃO**

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

A comparação entre 2025 e 2024 mostra avanço dos custos de ração, energia e logística, pressionando margens do frango brasileiro mesmo com demanda aquecida. A avicultura de corte brasileira atravessou o último ano sob forte pressão de custos, consolidando um cenário mais oneroso do que o observado em 2024. Embora o setor siga como um dos mais eficientes do agronegócio nacional, a elevação dos principais componentes do custo de produção reduziu margens e exigiu ajustes rápidos por parte de produ-

tores integrados e agroindústrias.

Dados consolidados do setor indicam que o custo total de produção do frango de corte em 2025 ficou, em média, entre 6% e 10% superior ao de 2024, dependendo da região produtora, do modelo de integração e do nível tecnológico dos aviários. O avanço reflete principalmente o comportamento da alimentação animal, além de aumentos em energia, logística e mão de obra.

Jorge Luiz de Lima, Diretor Executivo do Sindicato das Indústrias de Carne e Derivados - Sindicarne/SC - e da Associação Catarinense de Avicultura - ACAV, explica que o que mais tem impactado a indústria de produção de proteína animal no Brasil como um todo é a questão dos ju- ▶

ros altos na tomada de crédito para novos investimentos, que estão na faixa de 15% "E o que tem pesado também de maneira muito efetiva dentro do nosso sistema é a pressão dos preços bases dos insumos agropecuários, o que sem dúvida nenhuma tem sido um fator preponderante para determinar que nós tenhamos que ter mais cuidado e melhor planejamento para melhores resultados e sem ter que passar preços para nosso produto final para chegue à mesa do consumidor", aponta.

Mauro Turchetto, médico-veterinário, Gerente de Produção e Logística da Coopavel e doutor em bem-estar animal explica que a indústria mensura de forma quantificada e as condenas parciais e total são de acordo com a legislação. Segundo ele, existe cálculo do impacto financeiro de lesões de pata, dermatite e problemas de qualidade de carcaça. "As lesões de pata na avicultura geram perdas financeiras", afirma. "Possuímos sistemas que identifi-

cam e avaliam cada lote de frango, e não há interferência nos demais integrados. Por isso, não estratificamos o impacto financeiro", aponta Turchetto.

Ele explica que a conversão é muito importante ao resultado zootécnico e financeiro. "Mas isso está sempre aliado na qualidade das matérias-primas e demais insumos da ração", diz.

O PAPEL DA AUTOMAÇÃO NA REDUÇÃO DE CUSTOS INDIRETOS E VARIABILIDADE PRODUTIVA.

O papel da automação industrial contribui para a padronização e eficiência operacional, reduzindo custos, melhorando produtos e aumentando a capacidade produtiva, bem como os resultados econômicos, afirma Mauro Turchetto. "Por meio dos dados zootécnicos que possuímos, conseguimos identificar e elaborar ações corretivas ou de melhorias no processo, visando melhorar a produtividade e o resultado.

A Coopavel tem, atualmente, sistemas que permitem analisar os impactos, auxiliando na condução e tomada de decisões, ajudando a minimizar os impactos financeiros", diz.



O PRINCIPAL FATOR DE COMPETITIVIDADE EM CUSTOS NOS PRÓXIMOS CINCO ANOS.

Turchetto aponta ainda como fatores que podem gerar ganhos e aumentar a competitividade comercial: a atenção à genética, aos custos das matérias-primas, aos processos industriais, à harmonia na cadeia de produção, à boa sanidade dos animais, buscando sempre o melhor rendimento operacional. "O ganho vem de várias frentes, pois através dos dados podemos dar o melhor direcionamento à cadeia de produção. As maiores oportunidades estão em melhoria na conversão alimentar; menor mortalidade e no controle sanitário e uniformidade no peso das carcaças", explica.

De acordo com ele, falta ainda medir os processos de campo (fomento) e processos industriais integram a gestão para melhorar a eficiência econômica do sistema. "Processos atualizam informações e indicadores, ga-



Jorge Luiz de Lima, Diretor Executivo do Sindicato/SC e da ACAV: "o que tem pesado também de maneira muito efetiva dentro do nosso sistema é a pressão dos preços bases dos insumos agropecuários"

rantindo a melhor tomada de decisões, na busca de resultados", detalha.

Os custos de produção de frangos de corte encerraram o ano de 2025 em crescimento, após acentuada queda no primeiro semestre, conforme os levantamentos mensais da Embrapa Suínos e Aves divulgados por meio da Central de Inteligência de Aves e Suínos (CIAS).

No Paraná, o custo de produção do quilo do frango de corte subiu 0,51% em dezembro frente a novembro, passando para R\$ 4,65 e com o ICPFrango atingindo 360,21 pontos. Apesar disso, no acumulado de 2025, a variação foi negativa, de -2,81%. A ração, que representou 62,96% do custo total em dezembro, subiu 1,38% no mês, porém com queda acumulada de 8,92% no ano. Os custos com aquisição de pintos de 1 dia de vida (19,13% do total), caíram 1,90% no último mês do ano, mas com um aumento acumulado em 2025 de 14,82%.

Segundo Eduardo Tellechea Cairoli, CEO da Privatto Multi Family Office, os produtores terão cada vez mais de observar de perto as finanças de suas propriedades. "A gestão de caixa, o alongamento de passivos e a escolha de instrumentos financeiros adequados passam a ser determinantes para preservar rentabilidade e reduzir riscos", afirma.

Nesse cenário, ganha força uma visão patrimonial integrada e mais profissional. "Produtores e famílias que

conseguem separar a gestão da atividade produtiva da gestão do patrimônio pessoal, atravessam períodos de juros elevados com mais resiliência. Isso permite aproveitar oportunidades de investimento, proteger o legado e reduzir vulnerabilidades", diz Cairoli.

Para ele, decisões financeiras bem estruturadas, diversificação e planejamento de longo prazo deixam de ser diferenciais e passam a ser parte central da sustentabilidade do agronegócio em um ambiente de juros estruturalmente mais altos.

ALIMENTAÇÃO ANIMAL: PRESSÃO MAIOR EM 2025. A ração segue como o principal componente do custo de produção, representando entre 65% e 75% do custo total do frango vivo. Em 2024, o setor já convivia com preços elevados de milho e farelo de soja, mas 2025 trouxe maior volatilidade e menor previsibilidade.

Na comparação anual, o custo médio da ração em 2025 ficou entre 8% e 12% acima de 2024. O milho apresentou oscilações mais intensas ao longo do ano, influenciado por clima, demanda externa e logística interna, enquanto o farelo de soja manteve patamar elevado, pressionado pelo mercado internacional e pelo câmbio.

Além dos grãos, a valorização do



Eduardo Tellechea Cairoli, CEO da Privatto Multi Family Office: "Os produtores terão cada vez mais de observar de perto as finanças de suas propriedades"

dólar em parte de 2025 encareceu insumos importados essenciais, como aminoácidos, vitaminas, minerais e aditivos. Em 2024, esses itens já haviam registrado alta, mas em 2025 o custo dos insumos nutricionais importados avançou cerca de 10% a 15%, impactando diretamente as formulações.

ENERGIA ELÉTRICA: AUMENTO CONSISTENTE. Outro componente que ganhou peso na comparação entre os dois anos foi a energia elétrica. Em 2024, os custos energéticos já eram considerados elevados, especialmente em sistemas com maior nível de automação. Em 2025, reajustes tarifários e maior uso de equipamentos de climatização elevaram ainda mais esse item.

Estimativas indicam que o custo médio de energia nos aviários aumentou entre 6% e 9% em 2025 em relação a 2024, variando conforme a região e a matriz energética local. Em um sistema intensivo como a avicultura de corte, esse aumento impacta diretamente o custo por quilo produzido.

MÃO DE OBRA E SANIDADE: CUSTOS CRESCENTES. A mão de obra também apresentou avanço. Entre 2024 e 2025, o custo médio com pessoal subiu entre 5% e 7%, reflexo da es- ►

Comedouro Calha com Cinta Transportadora

O comedouro de calha com cinta transportadora para machos, garante distribuição precisa de ração, reduz o estresse, a competição no lote e promove melhor desempenho.

Com arraçamento programado e sistema adaptável a diferentes demandas, entrega máxima eficiência com menor custo operacional.



PATENTE
REQUERIDA



Plasson, tecnologia que eleva
o padrão da sua produção!

 **PLASSON**[®]
Livestock

cashez de trabalhadores no meio rural, da maior exigência por qualificação técnica e dos reajustes salariais.

Na área sanitária, os custos aumentaram de forma mais moderada, porém constante. Protocolos mais rigorosos de biossegurança, monitoramento e prevenção elevaram os gastos com sanidade em cerca de 4% a 6% em 2025 na comparação com 2024. Embora representem parcela menor do custo total, esses investimentos são considerados estratégicos para a manutenção do status sanitário brasileiro.

LOGÍSTICA SEGUE COMO GARGALO ESTRUTURAL. A logística manteve papel relevante na elevação do custo de produção. Em 2024, o transporte de grãos já era um fator de pressão, mas em 2025 a disputa por frete em períodos de safra e os custos operacionais elevaram ainda mais as despesas.

Na média nacional, o custo logístico associado à produção avícola cresceu entre 7% e 10% em 2025 em relação a 2024, impactando tanto a chegada dos insumos quanto o escoamento da produção. A dependência do modal rodoviário e a infraestrutura limitada seguem como entraves estruturais.

ICP Frango/Embrapa

Varição percentual dos itens de custo

Composição	Item de custo	Mês anterior	No ano	12 meses
62,96%	Ração	1,38%	-8,92%	-8,92%
19,13%	Genética	-1,90%	14,82%	14,82%
4,68%	Custo de capital	0,14%	13,86%	13,86%
4,54%	Mão de obra	0,00%	0,00%	0,00%
2,66%	Depreciação	0,00%	0,00%	0,00%
2,49%	Energia elétrica Cama Calefação	0,00%	4,98%	4,98%
1,51%	Transporte	0,00%	1,88%	1,88%
0,91%	Sanidade	0,00%	9,02%	9,02%
0,71%	Manutenção Seguro	0,00%	0,00%	0,00%
0,24%	Outros	0,00%	1,85%	1,85%
0,19%	Funrural	4,76%	2,33%	2,33%
100,00%	Total	0,51%	-2,81%	-2,81%

Em dezembro, o ICP Frango foi de

+360,21

Em relação a novembro a variação foi de

+0,51%

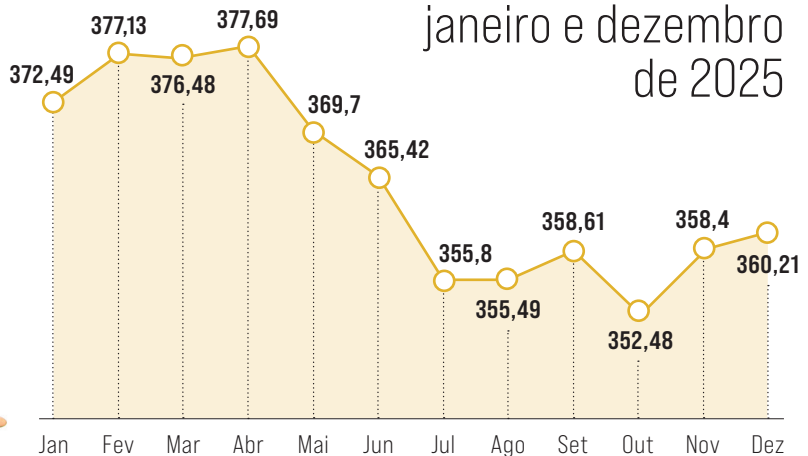
No ano de 2025, o ICP Frango acumulado é de

-2,81%

De janeiro a dezembro, a variação foi de

-2,81%

Evolução do ICP Frango entre janeiro e dezembro de 2025



INTEGRAÇÃO E EFICIÊNCIA COMO RESPOSTA.

Diante do avanço dos custos, o sistema de integração mostrou-se ainda mais decisivo em 2025. A coordenação entre agroindústrias e produtores permitiu ganhos de escala, melhor planejamento de compras e maior padronização dos processos produtivos.

Comparações zootécnicas indicam que, mesmo com custos maiores, a conversão alimentar média melhorou entre 1% e 2% em 2025 em relação a 2024, resultado de ajustes nutricionais, uso de aditivos e manejo mais preciso. Esses ganhos ajudaram a mitigar parcialmente o impacto financeiro do aumento dos insumos.

SUSTENTABILIDADE ENTRA NA CONTA. As exigências ambientais e de rastreabilidade também passaram a influenciar o custo de produção. Em 2024, muitos investimentos ainda estavam em fase inicial. Em 2025, a adoção de práticas ligadas a ESG se intensificou, com impacto direto nos custos operacionais.

Estimativas do setor apontam que os investimentos associados à sustentabilidade elevaram o custo de produção entre 1% e 3% em 2025, especialmente em energia, gestão de resíduos e rastreabilidade. Apesar disso, a avaliação predominante é de que esses custos são necessários para manter acesso a mercados e competitividade no médio e longo prazo.

MARGENS MAIS APERTADAS. Mesmo com demanda firme, o aumento dos custos não foi totalmente repassado aos preços de venda. Na comparação entre 2024 e 2025, as margens da avicultura de corte ficaram mais apertadas, reforçando a importância da gestão de custos, da eficiência produtiva e da inovação tecnológica.

O frango manteve-se como a proteína animal mais acessível ao consumidor brasileiro, sustentando o consumo interno. No mercado externo, o Brasil preservou competitividade, mas com menor folga de custo em relação a concorrentes.

PERSPECTIVAS APÓS 2025. Ao encerrar 2025, o setor avícola brasileiro demonstrou resiliência, mas também deixou claro que o custo de produção seguirá como o principal desafio estratégico. A comparação com 2024 evidencia uma trajetória de custos crescentes, que exige avanços estruturais em logística, previsibilidade regulatória e políticas públicas voltadas à redução do chamado “custo Brasil”.

Produzir mais, com maior eficiência e menor impacto ambiental, deixou de ser apenas um diferencial competitivo e tornou-se condição essencial para a sustentabilidade econômica da avicultura de corte nos próximos anos. ■

Fytera® Perform

Aditivo melhorador de desempenho que une o poder natural das plantas para transformar a avicultura

Os FitoComplexos aproveitam o poder das plantas para impactar a lucratividade da produção animal e impulsionar o crescimento econômico. Ao focar no animal e não no patógeno, essas soluções oferecem uma abordagem holística para a nutrição visando o desempenho ideal. O Fytera Perform é um FitoComplexo composto por 3 óleos essenciais de espectro completo e padronizado para melhora consistente na conversão alimentar.



OS BENEFÍCIOS



Reduz inflamações



Fortalece a integridade intestinal e o sistema imune



Melhora a conversão alimentar

O MUNDO SEGUE OLHANDO PARA O BRASIL COM CONFIANÇA, AVALIA ARIOVALDO ZANI

PARA O **CEO DO SINDIRAÇÕES**, A FORÇA DA NUTRIÇÃO ANIMAL BRASILEIRA ESTÁ NA INTEGRAÇÃO DA CADEIA, NA PROFISSIONALIZAÇÃO DO SETOR E NA CAPACIDADE DE RESPONDER AOS DESAFIOS GLOBAIS COM EFICIÊNCIA E SUSTENTABILIDADE

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

O ano de 2025 impôs um dos ambientes mais desafiadores da última década para a indústria de nutrição animal no Brasil. Custos elevados de insumos, forte volatilidade cambial, oscilações nos mercados internacionais de milho, soja e aditivos, além de impactos geopolíticos sobre logística e comércio de commodities, testaram a capacidade de gestão das empresas do setor. Ainda assim, o período acabou evidenciando a maturidade e a resiliência da cadeia produtiva.

Segundo Ariovaldo Zani, CEO do Sindirações, a indústria respondeu com rapidez e capacidade de adaptação. Houve revisão de formulações, busca por alternativas de insumos, ajustes nas estratégias de compra,

ampliação da gestão técnica e adequação a novos regulamentos. O resultado, avalia, foi um setor mais preparado e fortalecido ao final do ano.

Mesmo em meio às turbulências, a demanda global por proteínas permaneceu estável e robusta. Para Zani, esse cenário reforça a posição estratégica do Brasil no mercado internacional. “O mundo continua olhando para o Brasil com confiança, não apenas pela quantidade que produzimos, mas pela qualidade, pela competitividade e pela regularidade da nossa entrega. Isso só é possível porque nossa cadeia integrada é moderna, profissionalizada e atenta às tendências globais”, afirma. Na avaliação do executivo, produtividade e sustentabilidade já não são caminhos opostos, mas complementares.



TRÊS PILARES PARA O CRESCIMENTO.

Ao projetar o futuro próximo, Zani aponta que o desempenho da indústria de rações e de toda a cadeia de proteína animal estará sustentado em três pilares centrais: eficiência, sustentabilidade e integração. Em um ambiente de alta volatilidade, a eficiência em compras, formulações, gestão de insumos e processos torna-se decisiva para a competitividade. Planejamento e precisão passam a diferenciar empresas mais preparadas das mais vulneráveis.

A sustentabilidade, por sua vez, avança para além do discurso. Métricas ambientais claras, rastreabilidade e transparência tornam-se exigências crescentes de mercados, investidores e consumidores. Já a integração entre indústria, produtores, governo, academia e demais elos da cadeia surge como resposta à complexidade dos desafios atuais, que demandam inteligência coletiva e cooperação estruturada.

PRESSÃO DOS GRÃOS E CUSTOS ELEVADOS.

A volatilidade dos preços de grãos, especialmente milho e soja, segue como um dos principais fatores de impacto para o setor. Esses insumos representam a maior parcela do custo de produção das rações, e oscilações acentuadas dificultam o planejamento, comprimem margens e aumentam a incerteza para investimentos. O efeito se espalha por toda a cadeia de proteína animal, pressionando preços e reduzindo previsibilidade.

Além dos grãos, o setor enfrenta impactos do câmbio, dos custos logísticos, de energia e de insumos industriais, como aditivos e suplementos. A combinação desses fatores, somada à dependência de condições climáticas e da demanda externa, mantém os custos elevados e desafia o equilíbrio econômico da indústria de nutrição animal.

RASTREABILIDADE E TRANSPARÊNCIA COMO REQUISITOS.

Para Zani, não existe competitividade sustentável na produção de proteínas sem uma indústria de alimentação animal forte e tecnicamente estruturada. É a nutrição que transforma potencial genético em desempenho real, garante bem-estar animal e sustenta o elevado padrão de eficiência que colocou o Brasil entre os líderes globais.

Nesse contexto, avança um movimento silencioso, porém profundo: a crescente exigência por rastreabilidade, segurança e padronização dos ingredientes utilizados na alimentação animal. Consumidores, tanto no mercado interno quanto no externo, querem saber o que o animal comeu, a origem dos insumos e o impacto ambiental do processo produtivo. Se antes a qualidade era diferencial competitivo, hoje passou a ser requisito básico de permanência nos mercados.

INTEGRAÇÃO, GOVERNANÇA E ESG.

As relações entre indústria de rações, produtores e frigoríficos também precisam evoluir. Zani defende maior integração, diálogo permanente e alinhamento de interesses ao longo da cadeia produtiva. Contratos mais equilibrados, transparência na formação de custos, compartilhamento de informações e planejamento conjunto contribuem para decisões mais racionais e sustentáveis.

Sob a ótica do ESG, a sustentabilidade econômica deve caminhar junto com as dimensões ambiental e social. O uso mais eficiente de insumos, a redução de desperdícios, a rastreabilidade e a adoção de boas práticas produtivas exigem cooperação entre os elos da cadeia. Relações mais equilibradas também favorecem a inclusão de pequenos e médios produtores, promovendo desenvolvimento regional e segurança alimentar.

LOGÍSTICA E PREVISIBILIDADE.

Persistem gargalos logísticos que afetam o abastecimento e elevam custos, especialmente no transporte e armazenagem de grãos. Em períodos de safra, a competição por frete pressiona preços e reduz previsibilidade. A falta de contêineres nos portos também afeta exportações, gera atrasos e desequilíbrios que repercutem em toda a cadeia.

Para enfrentar essas incertezas, o Sindirações atua no monitoramento constante do mercado e na divulgação de dados técnicos confiáveis, além do diálogo permanente com o governo. A entidade defende avanços regulatórios considerados estratégicos, como a regulamentação do autocontrole, a reforma tributária, o fortalecimento da diplomacia comercial e um melhor equilíbrio no planejamento agropecuário.

TECNOLOGIA, SUSTENTABILIDADE E PROTAGONISMO GLOBAL.

A digitalização, a automação e o uso intensivo de dados já estão transformando a formulação e a produção de rações. Softwares avançados, inteligência artificial e modelos de nutrição de precisão permitem dietas mais eficientes, melhor aproveitamento dos ingredientes e redução de custos e desperdícios. Também avançam os aditivos funcionais, como enzimas, probióticos e alternativas aos antimicrobianos, além de ferramentas de rastreabilidade e eficiência energética.

No campo ambiental, o setor tem incorporado práticas voltadas à redução de emissões por meio de eficiência produtiva e inovação tecnológica. Formulações mais precisas reduzem perdas, excreção de nutrientes e impactos ambientais, alinhando a indústria às exigências globais de sustentabilidade e ESG.

O Brasil ocupa hoje a posição de terceiro maior produtor mundial de nutrição animal, com ampla disponibilidade de matérias-primas, base científica sólida e uma indústria cada vez mais moderna. Estados Unidos, China e União Europeia seguem como principais concorrentes, combinando escala, tecnologia e previsibilidade regulatória. Ainda assim, o país tem espaço para ampliar seu protagonismo com mais investimentos em inovação, logística e segurança regulatória.

FUTURO, TALENTOS E LEGADO.

Até 2030, o maior risco para o setor será a volatilidade de preços e a disponibilidade de ingredientes; a maior oportunidade, a expansão da demanda doméstica e internacional por proteína animal brasileira. Atrair jovens talentos passa por mostrar que a nutrição animal é um setor tecnológico, inovador e estratégico, com oportunidades que vão além da produção tradicional, envolvendo ciência, biotecnologia, digitalização e sustentabilidade. Para Ariovaldo Zani, o legado desejado à frente do Sindirações é manter e ampliar a confiança que o mundo deposita na produção brasileira de alimentos. “Combinando eficiência, inovação e união setorial, seremos reconhecidos não apenas como fornecedores de proteína, mas como líderes globais de uma agropecuária moderna, competitiva e sustentável”, conclui. ■



EXPORTAÇÕES DE CARNE BOVINA REGISTRAM JANEIRO HISTÓRICO E ALCANÇAM MAIOR VOLUME JÁ EMBARCADO PARA O MÊS

RECORDE EM JANEIRO REFLETE ALTA DA DEMANDA EXTERNA, COM AVANÇO DE 40,2% EM VALOR E 26,1% EM VOLUME

As exportações brasileiras de carne bovina somaram US\$ 1,404 bilhão em janeiro de 2026, com embarques de 264 mil toneladas, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), compilados pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec). O resultado representa o melhor desempenho já registrado para um mês de janeiro na série histórica.

Na comparação com janeiro de 2025, quando foram exportadas 209,4 mil toneladas e US\$ 1,002 bilhão, as exportações apresentaram crescimento de 40,2% em valor e de 26,1% em volume, impulsionadas pela ampliação dos embarques e pela demanda consistente

dos principais mercados importadores.

A carne bovina *in natura* manteve a liderança da pauta exportadora brasileira no período. Em janeiro, o segmento respondeu por US\$ 1,292 bilhão, o equivalente a 91,97% do valor total exportado, com volume de 231,8 mil toneladas, representando 87,8% do total embarcado no mês.

As carnes industrializadas somaram US\$ 58,5 milhões, com embarques de 7,9 mil toneladas, enquanto os miúdos totalizaram US\$ 37,3 milhões e 16,9 mil toneladas. Gorduras, tripas e produtos salgados também integraram a pauta de exportações no período.

CHINA MANTÉM LIDERANÇA ENTRE OS DESTINOS. A China foi o principal destino da carne bovina brasileira em janeiro, com importações de US\$ 657,2 milhões e 123,2 mil toneladas, respondendo por 46,8% do valor e 46,6% do volume total exportado pelo Brasil no mês. Em janeiro de 2025, a China havia importado 91,2 mil toneladas, o que representa um aumento de aproximadamente 35% no volume embarcado.

Os Estados Unidos ocuparam a segunda posição, com compras de US\$ 193,7 milhões e 29,9 mil toneladas. No mesmo mês de 2025, foram importadas 16,5 mil toneladas, resultando em

um crescimento de cerca de 63% no volume. Juntos, China e Estados Unidos responderam por cerca de 60% do valor total exportado no período.

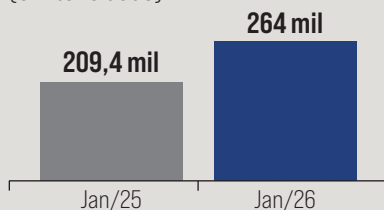
Também figuraram entre os principais destinos os Emirados Árabes Unidos (US\$ 38,9 milhões, 7,4 mil toneladas), Egito (US\$ 35,7 milhões, 8,7 mil toneladas), Rússia (US\$ 33 milhões, 7,8 mil toneladas), Hong Kong (US\$ 32,3 milhões, 8 mil toneladas), Arábia Saudita (US\$ 30,6 milhões, 5,7 mil toneladas) e Israel (US\$ 25,1 milhões, 3,7 mil toneladas).

Outros mercados também registraram crescimento expressivo no volume importado em janeiro, com destaque para o Vietnã (+41%), Peru (+41%) e Filipinas (+159%), além de países da África e do Oriente Médio, reforçando a diversificação e a ampliação do alcance da carne bovina brasileira.

“Mesmo com um cenário mais desafiador, marcado por questões geopolíticas e pela menor produção de carne em vários países, o Brasil mostrou em janeiro que mantém capacidade de exportar volumes relevantes. A carne bovina brasileira hoje chega a 177 países, o que ajuda a sustentar o ritmo dos embarques e a presença do produto nos principais mercados”, afirma Roberto Perosa, presidente da Abiec. ■

EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA BRASILEIRA

Comparação Jan25/Jan26
(em toneladas)



AUXÍLIO CONSISTENTE

QUE FORTALECE A DEFESA
DAS AVES CONTRA
DESAFIOS ENTÉRICOS



Blend de monoglicerídeos de cadeia curta e média que promovem a saúde intestinal por meio de mecanismos de ação únicos, **reforçando a defesa do animal contra desafios entéricos.**



- Qualidade superior comprovada por pesquisa científica.
- **Permanece ativo em todo o trato gastrointestinal, independente do pH.**
- Estável durante processo de peletização e extrusão.



Compromisso com a transparência, **qualidade e conformidade legal**, visando o bem-estar animal e a eficiência na produção.

LANÇAMENTO



Acesse o qr code e assista ao vídeo sobre a Phibro

0800 722 8011

www.phibrosaudeanimal.com/ephicax/

AVANÇO DE CLIMAS EXTREMOS EXPÕE FRAGILIDADES DO SEGURO RURAL TRADICIONAL

EVENTOS EXPÕEM LIMITAÇÕES CLARAS NA CAPACIDADE DE REGULAÇÃO EM MASSA, AINDA BASEADA EM VISTÓRIAS PRESENCIAIS, **COM ATRASOS SIGNIFICATIVOS NO PAGAMENTO DE INDENIZAÇÕES**

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

O avanço do clima extremo transformou o risco climático de um componente episódico em um fator estrutural da produção agrícola. O Brasil registra atualmente cerca de 4.500 eventos climáticos extremos por ano, e apenas no período de 2022 a 2024 as perdas econômicas associadas ultrapassaram R\$ 180 bilhões, com mais de 50% concentradas no agronegócio.

De acordo com Daniel Miquelluti, Head de Novos Negócios em Tecnologia, Gestão de Risco e Inovação em Seguro Agrícola da Picssel, insurtech 100% especializada em seguro agrícola, em uma série mais longa, entre 2013 e 2024, os prejuízos acumulados com desastres climáticos no país somam aproximadamente R\$ 730 bi-

lhões, sendo cerca de R\$ 326 bilhões na agricultura e R\$ 94 bilhões na pecuária. “Esse cenário rompe premissas fundamentais do seguro rural tradicional, que foi concebido para eventos de baixa frequência e baixa correlação. A seca de 2021/22 no Sul do país ilustra esse ponto: em algumas regiões, as perdas produtivas superaram 50% e houve picos de sinistros atingindo cerca de 45% a 50% das apólices de soja e milho, frente a algo próximo de 8% na safra anterior”, explica. “Atualmente, isso significa concentração de pagamentos, elevação abrupta da sinistralidade e estresse severo sobre capital e resseguro. Operacionalmente, eventos dessa magnitude expõem limitações claras na capacidade de regulação em massa, ainda ba-

seada em vistorias presenciais, com atrasos significativos no pagamento das indenizações em momentos críticos do ciclo produtivo”, detalha.

Miquelluti aponta que, de forma geral, o modelo atual não acompanha a nova dinâmica climática. A subscrição, segundo ele, ainda se apoia fortemente em médias históricas municipais, que não capturam a variabilidade intramunicipal nem refletem diferenças relevantes de solo, manejo, histórico produtivo e exposição climática. “Estudos e dados operacionais mostram que, dentro de um mesmo município, a produtividade e a frequência de perdas podem variar mais de 30% entre propriedades, algo que o modelo tradicional não precifica”, diz. “Isso gera distorções de prêmio, seleção adversa e perda de eficiência econômica. Para avançar, é necessário migrar para modelos baseados em nível de propriedade e talhão, integrando dados climáticos de alta resolução, séries históricas de produtividade, sensoriamento remoto e modelos estatísticos e de machine learning”, afirma. “Além disso, eventos extremos consecutivos, como os observados entre 2020 e 2023, demonstram a necessidade de mecanismos estruturais de absorção de risco catastrófico, como fundos de estabilização. No campo regulatório, embora o seguro paramétrico já seja reconhecido no Brasil desde 2021 e elegível à subvenção federal, sua participação ainda é marginal frente ao potencial, especialmente para riscos bem definidos como seca, excesso de chuva e geada. Por fim, a previsibilidade do orçamento do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural, que historicamente cobre entre 20% e 40% do valor do prêmio e pode chegar a 45% em culturas específicas, é condição central para a sustentabilidade do sistema”, aponta.

IMPACTOS DO AUMENTO DA SINISTRALIDADE PARA SEGURADORAS, PRODUTORES, ENVOLVENDO O CRÉDITO RURAL.

Daniel Miquelluti detalha ainda que o aumento da sinistralidade tem efeitos diretos e mensuráveis sobre toda a cadeia produtiva no agronegócio. Para as seguradoras, os pagamentos de indenizações agrícolas saltaram de aproximadamente R\$ 2,5 bilhões em 2020 para cerca de R\$ 5 bilhões em 2021 e alcançaram R\$ 9 bilhões em 2022, mes-

mo antes do encerramento do ano-safra. “Em diversas carteiras, a sinistralidade superou 100%, tornando o resseguro indispensável para manutenção da solvência. Esse ambiente levou à retração da oferta, com pelo menos duas seguradoras deixando o mercado de seguro rural entre 2022 e 2023 e maior seletividade na aceitação de riscos”, explica. “Para os produtores, o impacto é desigual. Aqueles segurados conseguiram atravessar eventos severos, enquanto os não segurados enfrentaram forte deterioração financeira. Em regiões fortemente atingidas por secas recentes, há estimativas de que até 80% dos produtores estariam insolventes na ausência do seguro. Ao mesmo tempo, a recalibração do risco elevou significativamente o custo do prêmio em algumas regiões, reduzindo a adesão”, diz.

De acordo com o especialista, no crédito rural, o seguro funciona como um redutor do risco de inadimplência. Quando ele se retrai, Miquelluti aponta, o risco migra para bancos e cooperativas, levando a intervenções públicas, como os cerca de R\$ 12 bilhões mobilizados recentemente pe-

de risco entre propriedades vizinhas. Além da tarifação, a automação desses fluxos reduz custo operacional, padroniza critérios e diminui erros humanos. Na regulação de sinistros, o uso de imagens de satélite permite identificar datas de plantio e colheita, e combinados com dados climáticos verificar estresse hídrico e impactos efetivos de eventos climáticos, reduzindo disputas técnicas, fraudes e a necessidade de vistorias presenciais, especialmente em eventos de grande escala”, diz.

PLATAFORMAS DIGITAIS PODEM AMPLIAR EFICIÊNCIA, REDUZIR CUSTOS E TORNAR O SEGURO MAIS SUSTENTÁVEL.

As plataformas digitais atacam diretamente os principais gargalos do seguro rural ao integrar dados, automatizar processos e permitir escala operacional. É o que explica Daniel Miquelluti. Na subscrição e emissão, segundo ele, a digitalização reduz prazos que antes eram de dias ou semanas para poucas horas ou minutos, além de diminuir custos administrativos e melhorar a consistência das decisões de risco. “No sinistro, o uso de sensoriamento

A PREVISIBILIDADE DO ORÇAMENTO DO PROGRAMA DE SUBVENÇÃO AO PRÊMIO DO SEGURO RURAL, QUE HISTORICAMENTE COBRE ENTRE 20% E 40% DO VALOR DO PRÊMIO E PODE CHEGAR A 45% EM CULTURAS ESPECÍFICAS, É CONDIÇÃO CENTRAL PARA A SUSTENTABILIDADE DO SISTEMA

lo governo federal para programas de renegociação e liquidação de passivos relacionados a perdas climáticas.

Dados históricos e tecnologia permitem uma mudança estrutural na forma de precificar risco agrícola. Miquelluti conta que as séries climáticas de 30 a 40 anos, combinadas com dados de produtividade, solo e imagens de satélite, possibilitam estimar risco esperado, volatilidade e sensibilidade da lavoura a eventos críticos em nível de talhão. “Em regiões de expansão agrícola, onde o histórico de sinistros é limitado, essas abordagens reduzem incerteza e permitem precificação mais consistente. Modelos baseados em sensoriamento remoto e machine learning conseguem capturar variações produtivas e explicar diferenças relevantes

remoto e automação viabiliza atendimento simultâneo a milhares de avisos em eventos catastróficos, acelera pagamentos e melhora o fluxo de caixa do produtor. Essa eficiência é essencial em um país onde a área segurada ainda cobre uma fração relativamente pequena da área agrícola total. Ao reduzir custos e melhorar a experiência do produtor, as plataformas digitais contribuem para ampliar a base de segurados e diluir risco em um ambiente climático mais volátil. Quando combinadas com políticas públicas previsíveis de subvenção e instrumentos de proteção contra eventos extremos de grande magnitude, elas se tornam um pilar central para a sustentabilidade técnica e econômica do seguro rural no Brasil”, afirma. ■

A VIRADA FISCAL DO PRODUTOR RURAL

NF-E REDEFINE PRÁTICAS, CONTROLES E A **RELAÇÃO**
DO CAMPO COM O MERCADO



GLAUCIA BEZERRA

A obrigatoriedade da Nota Fiscal Eletrônica (NF-e) para produtores rurais entrou em vigor em janeiro de 2026 e passou a condicionar a realização de vendas no campo em todo o país, sem limite de faturamento. Além de padronizar a documentação fiscal e integrar as operações aos sistemas oficiais, a medida amplia a segurança jurídica das transações, facilita o acesso a crédito e torna a circulação de mercadorias mais ágil e rastreável em toda a cadeia do agronegócio brasileiro.

A medida acelera um processo de modernização fiscal que, embora venha sendo implementado de forma gradual desde 2021, agora alcança a totalidade dos produtores rurais, incluindo pequenos agricultores que historicamente operavam com o talão em papel. A mudança não se limita à substituição de um documento físico por outro digital, mas impõe novos padrões de registro, controle e integração das operações aos sistemas oficiais.

Segundo Gustavo Venâncio, advogado e sócio da Lastro Soluções Tributárias para o Agro, o setor brasileiro convive há décadas com um descompasso entre a sofisticação produtiva e a estrutura administrativa. “O produtor investiu em tecnologia, produtividade e gestão agrônoma, mas manteve práticas administrativas baseadas em papel e relações de confiança. Com a NF-e, produzir bem já não basta; é preciso registrar, comprovar e integrar cada operação”, afirma.

Na prática, a ausência da nota fiscal eletrônica inviabiliza a própria existência jurídica da venda. Compradores não conseguem registrar a entrada da mercadoria, cargas podem ser recusadas e, em situações de inadimplência ou recuperação judicial, o produtor que vendeu sem NF-e não é reconhecido como credor. “Sem a nota, a operação simplesmente não existe do ponto de vista legal”, resume Venâncio.

No Rio Grande do Sul, a transição

ganhou um prazo adicional. A Secretaria da Fazenda prorrogou até 30 de abril de 2026 o uso do talão de produtor rural em papel (modelo 4) para produtores com receita bruta inferior a R\$ 360 mil. A partir de 1º de maio, no entanto, a emissão de notas em papel ficará definitivamente vedada no Estado, seguindo norma nacional definida pelo Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz).

MODERNIZAÇÃO FISCAL TESTA A ESTRUTURA DO PRODUTOR BRASILEIRO.

O impacto da obrigatoriedade é ampliado pelo perfil do setor. Estima-se que cerca de 95% dos produtores rurais brasileiros atuem como pessoa física, muitos sem familiaridade com classificação fiscal, como o Código Fiscal de Operações e Prestações (CFOP), enquadramento tributário ou sistemas eletrônicos. “A NF-e escancara uma fragilidade administrativa que sempre existiu, mas que agora passa a ter efeito direto sobre a continuidade do negócio”, avalia o advogado.

A mudança ocorre em paralelo à adoção do CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) como base cadastral obrigatória para produtores rurais em todo o país, medida prevista na Reforma Tributária. A exigência, que entra em fase de transição em 2026 e passa a valer de forma definitiva a partir de 2027, impactará diretamente a emissão de notas fiscais e a adaptação aos novos tributos. Embora seja uma novidade para grande parte do país, o uso do CNPJ pelo produtor rural já é realidade em estados como São Paulo e Alagoas desde 2008. “O CNPJ será o eixo central da vida fiscal do produtor nos próximos anos. Não se trata de uma formalidade, mas de um elemento estratégico que precisa ser estruturado corretamente”, explica Venâncio.

Para ele, o maior risco desse processo não está no aumento da fiscalização, mas na exclusão silenciosa de produtores que não conseguem

se adaptar. “Quem não emite NF-e por falta de estrutura, conectividade ou informação perde mercado, fica dependente de intermediários e reduz margem e autonomia. As penalizações tendem a ocorrer por erro formal, não por má-fé”, afirma.

Por outro lado, Venâncio destaca que a formalização pode gerar ganhos concretos. A NF-e permite maior controle de faturamento por cultura, mais segurança nas relações comerciais, redução de inadimplência e melhor acesso a crédito. “Em um setor de margens apertadas e riscos elevados, gestão deixa de ser diferencial e passa a ser condição de sobrevivência”, diz.

Na avaliação do advogado, a Nota Fiscal Eletrônica não é uma tendência futura, mas uma realidade definitiva. “A NF-e é a nova regra do jogo. O produtor que entende esse movimento e busca orientação técnica transforma uma obrigação regulatória em vantagem competitiva. Quem ignora corre o risco de ficar à margem de um mercado cada vez mais integrado, rastreável e exigente”, conclui. ■

Gustavo Venâncio, advogado. “A ausência da nota fiscal eletrônica inviabiliza a própria existência jurídica da venda”





NOVA PLANTA DA CARGILL AMPLIA ATUAÇÃO DA EMPRESA NO MERCADO DE SUPLEMENTOS PARA BOVINOS

NOVA UNIDADE EM PRIMAVERA DO LESTE TERÁ **CAPACIDADE DE 150 MIL TONELADAS ANUAIS** E REFORÇA ESTRATÉGIA EM NUTRIÇÃO ANIMAL COM FOCO EM SUSTENTABILIDADE E RASTREABILIDADE

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A Cargill Nutrição Animal inaugurou em fevereiro sua nova planta de produção de suplementos para bovinos de corte em Primavera do Leste (MT). A equipe da Feed&Food esteve presente ao evento.

A área construída conta com dez mil metros quadrados e foi projetada

para a produção dos produtos da marca Probeef. A nova planta possui a capacidade de produção de até 150 mil toneladas por ano e se propõe a atender a crescente demanda por suplementos para bovinos. Com a inauguração, a companhia passa a ter nove plantas de nutrição animal no país, sendo duas com produ-

ção de suplementos e sais minerais.

Com a nova unidade em Mato Grosso, a expectativa é de uma redução de até R\$ 600 por tonelada no custo logístico para a região, até então atendida pela planta de Goiânia, situada em Goiás. A unidade, agora, focará nos mercados de Goiás, Tocantins, Maranhão e Pará, enquanto

a planta de Primavera do Leste atenderá Mato Grosso, Rondônia e Acre.

Com a mais alta tecnologia, a unidade foi projetada para atuar sob os pilares da sustentabilidade e rastreabilidade. “A nova unidade representa um marco estratégico para a nossa atuação lado a lado com o produtor rural”, aponta Celso Mello, vice-presidente de Nutrição e Saúde Animal” para a América do Sul na Cargill.

Ele detalha que na operação foram gerados 80 empregos diretos, com potencial de expansão para 120 posições conforme ativação de novos turnos. “Além da proximidade com importantes polos produtores de grãos e fontes de DDG (grãos secos de destilaria), a localidade oferece eficiência operacional e agilidade no atendimento a clientes de regiões com pecuária intensiva, estimulando produtividade e redução de perdas”, diz.

A nova unidade da Cargill atuará com base nos principais pilares da empresa. “Oferecemos uma plataforma moderna, com ampla análise científica de dados e com a máxima valorização das pessoas. Somente assim é possível replicar conhecimento e desenvolvimento à cadeia de produção animal”, aponta Mello.

De acordo com o líder de bovinos de corte na Cargill Nutrição e Saúde Animal, Tiago Zaperlon, são consumidas cerca de 240 mil toneladas de suplementos, o suficiente para suplementar cerca de 14 milhões de animais. “Verificamos um subconsumo dentro das fazendas na implementação de tecnologia e essa nova fábrica vem para fortalecer nosso posicionamento nesse setor”, destaca.

A previsão da Cargill, segundo Zaperlon, é aumentar sua participação no mercado de suplementação animal de 5% para 12% nos próximos sete anos, com o foco na liderança do mercado de animais confinados, no qual possui 40% de participação atualmente. “Esse processo de tecnificação e profissionalização pecuária está em andamento e ainda há muito a ser feito. Mesmo nesse estágio, o Brasil já é o maior produtor e exportador mundial de carne, então há muito potencial do país ser cada vez mais a referência para abastecer o mercado global de carne bovina”, afirma o executivo.

Outro pilar destacado pela com-

panhia é a rastreabilidade dos insumos e dos produtos acabados. De acordo com Zaperlon, cada saco de suplemento pode ser rastreado desde a chegada da matéria-prima à fábrica até a entrega ao cliente. “O processo começa na homologação dos fornecedores, independentemente do insumo. Todos são homologados. A gente tem essa rastreabilidade desse processo total, que garante a segurança dos alimentos”, explica.

Após a habilitação, os produtos passam por testes de qualidade e contaminação, além de análises específicas. Zaperlon destaca ainda que o sistema permite, inclusive, responder a questionamentos de autoridades sanitárias ou produtores. “A gente tem a garantia de apresentar ao produtor, em toda a rastreabilidade do processo, de que foi misturado exatamente todos os ingredientes de forma correta”, afirmou. ■

FAZENDA BURACÃO É EXEMPLO DE GESTÃO DA PECUÁRIA

GESTÃO com um trabalho altamente profissional. Foi o que a equipe da **Feed & Food** acompanhou in loco a convite da Cargill na Fazenda Buracão, propriedade situada em Itiquira (MT) dedicada à criação de gado de corte, a pasto e em confinamento, no sistema Integração Lavoura-Pecuária (ILP).

A fazenda mantém quase 2 mil cabeças e gado, utilizando tecnologia (incluindo o software Feed Manager, da Cargill Nutrição e Saúde Animal), para cria, recria e engorda. Nossa equipe foi recebida pelo agrônomo e gestor da fazenda, **Deives Faria de Carvalho** (foto), que detalhou o sistema de produção da fazenda. “Dentro do processo implementado

com o apoio da equipe da Cargill, identificamos um projeto de uma nova pecuária, com uma gestão eficiente, avaliando a lucratividade, entendendo cada fase produtiva”, destacou.

O trabalho da Buracão é baseado no tripé genética, sanidade e nutrição. A propriedade conta com 246 hectares de pastagens permanentes, com 1.834 cabeças. “Contamos no total com 2.437 hectares, dos quais, 1.342 são áreas de Integração Pecuária-Lavoura, além de 1.166 hectares de reserva ambiental”, detalha Faria.

A Buracão produz, dentro do processo ILP 1.146 hectares de soja e 510 de milho. “Nossa base produtiva é preparada para uma evolução sustentável”, finaliza. ■





PROTEÍNA NO CENTRO DO PRATO: COMO A CIÊNCIA REPOSICIONA OS OVOS NA NUTRIÇÃO HUMANA

AVANÇOS CIENTÍFICOS, NOVAS DIRETRIZES ALIMENTARES E MUDANÇA DE HÁBITOS
COLOCAM O OVO COMO **ALIADO ESTRATÉGICO DA SAÚDE AO LONGO DA VIDA**

KEVIN NASCIMENTO

kevin@dc7comunica.com.br

Durante décadas, o ovo ocupou um lugar ambíguo na mesa dos consumidores. Rico em nutrientes, mas cercado por dúvidas especialmente em relação ao colesterol, o alimento passou por um processo de reavaliação científica que, nos últimos anos, mudou de forma consistente a percepção sobre seu papel na alimentação humana. Hoje, à luz de novas evidências e diretrizes nutricionais, o ovo volta ao centro do debate como uma fonte acessível,

completa e estratégica de proteína.

Para a nutricionista Lúcia Endriukaite, do Instituto Ovos Brasil (IOB), essa transformação acompanha uma visão mais ampla sobre saúde e qualidade de vida. “A ciência tem demonstrado que o estilo de vida é fundamental para a saúde e o bem-estar. Hábitos como a prática de exercícios físicos, o sono adequado e uma alimentação equilibrada, baseada na comida de verdade, são determinantes para a preservação da saúde”, afirma.

Nesse contexto, o ovo se destaca

não apenas pelo teor proteico, mas pela densidade nutricional. “O ovo é um alimento rico em nutrientes que contribuem para um melhor estado de saúde”, explica Lúcia. Um dos pontos centrais é a colina, nutriente essencial para o funcionamento cerebral. “O ovo é a segunda maior fonte alimentar de colina, precursora da acetilcolina, fundamental para memória e aprendizado, o que o torna particularmente valioso para a saúde cerebral em todas as fases da vida”, ressalta.

Além da colina, a gema concentra compostos bioativos com papel relevante na prevenção de doenças. “A luteína e a zeaxantina são carotenoides com potente ação antioxidante presentes na gema, com elevada biodisponibilidade graças à gordura natural do alimento”, explica a nutricionista. Segundo ela, esses compostos são fundamentais para a proteção ocular contra a degeneração macular e também estão associados à saúde cognitiva e à prevenção do declínio cognitivo.

Outro diferencial do ovo está na qualidade da proteína. “As proteínas do ovo apresentam todos os aminoácidos essenciais, que só podem ser obtidos pela alimentação”, afirma Lúcia. Esse perfil completo contribui tanto para o desenvolvimento e manutenção da massa muscular quanto para o controle do peso corporal. “Elas atuam na promoção da saciedade e são importantes para a manutenção da massa muscular, especialmente quando associadas à atividade física”, completa.

NOVAS DIRETRIZES E O FOCO NA PROTEÍNA. A mudança de percepção sobre o consumo de proteínas, incluindo os ovos, também é reflexo de atualizações nas recomendações nutricionais internacionais. Em janeiro de 2026, foram apresentadas as novas Diretrizes Alimentares dos Estados Unidos (2025–2030), que reposicionam a proteína como pilar central da pirâmide alimentar. O documento reforça a redução do consumo de açúcares, alimentos refinados e ultraprocessados, priorizando alimentos naturais.

“Há um movimento global de valorização da proteína e da comida de verdade”, observa Lúcia. No Brasil, esse entendimento dialoga com o Guia Alimentar para a População Brasileira, que recomenda a redução de alimentos ultra-



“O OVO SE DESTACA NÃO APENAS PELO TEOR PROTEICO, MAS PELA DENSIDADE NUTRICIONAL”

LÚCIA ENDRIUKAITE, NUTRICIONISTA DO INSTITUTO OVOS BRASIL

processados e o incentivo ao consumo de alimentos in natura ou minimamente processados. “O objetivo é melhorar o estado de saúde da população e contribuir para a prevenção de doenças como obesidade e diabetes, cujos dados globais são alarmantes”, destaca.

Dentro desse cenário, o ovo se apresenta como um alimento estratégico. “Além da proteína cerca de 12 gramas a cada 100 gramas, o ovo contém vitaminas do complexo B, vitaminas lipossolúveis, carotenoides e gorduras mono e poli-insaturadas importantes para o organismo”, explica a nutricionista. O antigo receio em relação ao colesterol, segundo ela, já não se sustenta cientificamente. “Os estudos mostram que o consumo de ovos não aumenta o risco de doenças cardiovasculares e que o alimento deve ser incluído na alimentação”, afirma.

O PAPEL DO INSTITUTO OVOS BRASIL. A mudança de percepção sobre o ovo não ocorreu por acaso. Fundado em 2007, o Instituto Ovos Brasil teve papel central nesse processo. “O desafio inicial era desmistificar os mitos relacionados ao colesterol”, lembra Lúcia. Sempre apoiado em evidên-

cias científicas, o IOB passou a atuar junto a escolas, universidades, profissionais de saúde, imprensa e formadores de opinião, levando informação qualificada ao consumidor.

Essa atuação contribuiu para reposicionar o ovo não apenas como um alimento acessível, mas como um aliado da saúde pública. “O ovo é estratégico, tem excelente custo-benefício e contribui para atender às necessidades individuais de proteína, que variam conforme idade, estado de saúde e nível de atividade física”, destaca.

COMO INCLUIR OVOS DE FORMA EQUILIBRADA. Para o consumidor, a principal recomendação é pensar o consumo de proteína ao longo do dia. “É importante que as proteínas sejam distribuídas nas refeições. A quantidade ideal depende da individualidade de cada pessoa, e a orientação nutricional é sempre fundamental”, afirma Lúcia.

Embora o ovo seja tradicionalmente associado ao almoço e ao jantar, a nutricionista chama atenção para outros momentos do dia. “O consumo de ovos no café da manhã promove saciedade, contribui para a manutenção da glicemia e pode auxiliar na perda de peso”, explica. Outra estratégia é o consumo no período da tarde. “Ele ajuda a controlar a fome e permite chegar ao jantar com menor apetite, o que pode reduzir o consumo excessivo nesse horário próximo ao sono”, acrescenta.

O modo de preparo também faz diferença. “O ovo cozido é a melhor forma de consumo”, orienta Lúcia. Segundo ela, ao fritar o ovo em óleo quente ocorre a reação de Maillard, responsável pela coloração dourada e crocante. “Esse processo não é interessante para o organismo, pois aumenta o processo inflamatório”, alerta.

UM ALIMENTO ALINHADO AO FUTURO DA NUTRIÇÃO. Ao reunir praticidade, alta digestibilidade, versatilidade culinária e densidade nutricional, o ovo se consolida como um alimento alinhado às novas demandas da nutrição humana. Em um cenário marcado pelo aumento das doenças crônicas e pela busca por escolhas alimentares mais conscientes, a ciência reforça aquilo que o prato já demonstra há gerações: simplicidade, quando bem fundamentada, pode ser sinônimo de saúde. ■

COOPERATIVA LAR EQUILIBRA SUSTENTABILIDADE SOCIAL E ECONÔMICA

O MODELO DE TRABALHO DA COOPERATIVA LAR PRIVILEGIA A **HARMONIA ENTRE ASPECTOS SOCIAIS, ECONÔMICOS E AMBIENTAIS**

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A Cooperativa Agroindustrial LAR consolidou-se, ao longo de mais de seis décadas, como uma das principais forças do cooperativismo agroindustrial brasileiro. Com sede em Medianeira, no Oeste do Paraná, a cooperativa ultrapassou as fronteiras regionais para se tornar referência nacional em produção, industrialização e exportação de alimentos. Mais do que números expres-

sivos, porém, sua trajetória revela um agente transformador que impacta economia, sociedade e meio ambiente.

Fundada em 1964 por um grupo de agricultores descendentes de imigrantes europeus, a LAR nasceu do espírito associativista típico do cooperativismo. Inspirados por modelos consolidados na Europa e pelo fortalecimento do setor agrícola brasileiro, os fundadores apostaram na união como estratégia para superar dificuldades estruturais,

como acesso limitado a crédito, tecnologia e mercado. A partir desse princípio, a cooperativa estruturou um modelo que integra produção, industrialização e comercialização, garantindo maior valor agregado aos cooperados.

Atualmente, a LAR reúne 15 mil associados e mais de 25 mil colaboradores diretos e indiretos. Sua atuação abrange cadeias produtivas estratégicas como soja, milho, trigo, mandioca, aves, suínos e leite. A vertica-



lização do processo produtivo — do campo à mesa — tornou-se um dos diferenciais competitivos da cooperativa. Com unidades industriais modernas, centros de armazenamento e logística integrada, a LAR fortalece a renda do produtor e amplia sua presença no mercado interno e externo.

Segundo o Presidente da LAR, Irineo da Costa Rodrigues, o impacto econômico é visível. “A cooperativa figura entre as maiores do Brasil em faturamento no setor agroindustrial, contribuindo significativamente para o Produto Interno Bruto regional. Municípios do Oeste paranaense experimentaram crescimento populacional, aumento da renda per capita e diversificação econômica impulsionados pela presença da LAR”, destacou.

Rodrigues explica que o cooperativismo, nesse contexto, deixa de ser apenas um modelo de negócios para se consolidar como estratégia de desenvolvimento territorial. “Mas o alcance da LAR vai além da economia. A cooperativa investe de forma consistente em programas sociais e educacionais, fortalecendo o capital humano das comunidades onde atua. Projetos voltados à formação técnica de jovens rurais, incentivo à sucessão familiar no campo e capacitação contínua de cooperados contribuem para reduzir o êxodo rural e estimular a permanência das novas gerações na atividade agrícola”, pontuou.

Na área educacional, de acordo com o Presidente da LAR, iniciativas em parceria com instituições de ensino promovem cursos, palestras e treinamentos que aproximam teoria e prática. “Ao fomentar conhecimento e inovação, a LAR contribui para um ambiente produtivo mais eficiente e sustentável”, diz. “A tecnologia, aliás, é um pilar estratégico da cooperativa: investimentos em agricultura de precisão, melhoramento genético e automação industrial elevam a competitividade sem perder de vista a responsabilidade ambiental”, afirma.

Ele destaca o profundo interesse pela comunidade como base de trabalho da cooperativa. “Este é um serviço à comunidade para o seu desenvolvimento social. Deixamos de lado o aspecto econômico e valorizamos o vínculo pessoal de cada um, cooperados



Irineo da Costa Rodrigues,
presidente da LAR

e colaboradores”, diz. “Inclusive, nossa atividade exige uma atenção integral, porém, estamos mudando o fato de que todos os cooperados tenham que trabalhar de domingo a domingo, sem um momento para lazer e para curtir sua família e sua fé pessoal. Eles têm que aproveitar o fruto do seu trabalho, com sabedoria e curtir a vida também, com descontração”, afirma Rodrigues.

SUSTENTABILIDADE. A sustentabilidade tornou-se eixo central das operações da Cooperativa LAR, que adota práticas de conservação do solo, manejo integrado de pragas e uso racional de recursos naturais.

A LAR conta com programas de reflorestamento, tratamento de resíduos e geração de energia a partir de biomassa e biogás integram uma política ambiental que busca alinhar produtividade e preservação. “Em tempos de crescente preocupação com mudanças climáticas, essa postura reforça o compromisso com um agronegócio mais equilibrado”, afirma Irineo Rodrigues.

Outro aspecto transformador está na governança cooperativista. Diferentemente de empresas tradicionais, a LAR mantém a participação ativa dos cooperados nas decisões estratégicas. “Assembleias, conselhos e comitês garantem transparência e representatividade. Esse modelo fortalece o senso

de pertencimento e cria um ciclo virtuoso: quanto mais forte a cooperativa, maior o retorno ao produtor; quanto mais comprometido o produtor, mais sólida se torna a instituição”, afirma.

MERCADO INTERNACIONAL. No mercado internacional, a LAR amplia a presença do agro brasileiro. A exportação de carnes e grãos coloca a marca da cooperativa em diversos continentes, reforçando a imagem do Brasil como potência alimentar. Essa inserção global exige padrões rigorosos de qualidade e rastreabilidade, o que impulsiona melhorias contínuas nos processos produtivos.

A transformação promovida pela LAR também se manifesta na infraestrutura regional. Investimentos em armazenagem, transporte e energia contribuem para dinamizar cadeias produtivas inteiras. Pequenos e médios produtores encontram na cooperativa uma rede de suporte técnico e financeiro que reduz riscos e amplia oportunidades.

Ao completar 62 anos de história, a Cooperativa Agroindustrial LAR reafirma sua vocação de agente transformador. “Nosso modelo demonstra que o cooperativismo pode combinar eficiência econômica, responsabilidade social e compromisso ambiental. Em um cenário global de desafios alimentares e climáticos, experiências como a da LAR evidenciam que o desenvolvimento sustentável passa pela força coletiva e pela gestão compartilhada”, explica Irineo Rodrigues.

De acordo com ele, a educação é base de sua estrutura de trabalho. “Assim preparamos as novas gerações do agronegócio, com uma profunda adaptação às mais modernas tecnologias e o que há de mais avançado para o avanço tanto pessoal, como profissional de nossa comunidade”, afirma. “Desta forma, a trajetória da cooperativa não se resume a crescimento empresarial. Trata-se de um projeto coletivo que redefiniu a dinâmica econômica do Oeste do Paraná e projetou a produção regional para o mundo. Ao unir produtores em torno de objetivos comuns, a LAR transformou realidades individuais em conquistas coletivas, consolidando-se como símbolo de progresso e cooperação no agronegócio brasileiro”, finaliza. ■



PRINCIPAIS IMPACTOS DO ESTRESSE TÉRMICO SOBRE O METABOLISMO PROTEICO E O DESEMPENHO PRODUTIVO DE SUÍNOS

ENTENDA COMO O ESTRESSE TÉRMICO PROVOCA UMA SÉRIE DE ADAPTAÇÕES FISIOLÓGICAS QUE IMPACTA O METABOLISMO E O DESEMPENHO DOS SUÍNOS

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

O estresse térmico provoca uma série de adaptações fisiológicas que comprometem profundamente o metabolismo proteico e o desempenho dos suínos. A primeira resposta observada é a redução voluntária do consumo de ração, uma tentativa do animal de diminuir o incremento calórico associado à digestão e ao metabolismo dos nutrientes.

É o que explica Henrique Lobato, professor de Suinocultura e Doutorando em Produção de Não-Ruminantes da Universidade Federal de Minas Gerais. Segundo ele, no entanto, esse menor aporte de substratos reduz o ganho de peso, a proteossíntese e a eficiência alimentar. “Além disso, ocorre redirecionamento do fluxo sanguíneo do trato gastrointestinal para a periferia com o objetivo de dissipar calor, o que leva à menor oxigenação e supri-

mento de nutrientes ao epitélio intestinal. Esse processo favorece hipóxia, aumento da permeabilidade intestinal, atrofia de vilosidades e redução da digestibilidade de aminoácidos”, afirma.

De acordo com ele, somam-se a isso processos inflamatórios e aumento significativo da produção de radicais livres, resultando em estresse oxidativo. “A combinação entre menor ingestão, menor absorção e maior demanda metabólica altera o balanço ácido-base, induz hiperventilação e compromete a homeostase geral”, explica.

Henrique Lobato aponta que a estratégia fundamental é a redução da Proteína Bruta (PB) da dieta acompanhada da suplementação com aminoácidos industriais (cristalinos), mantendo o conceito de proteína ideal. “O metabolismo do excesso de proteína dietética é energeticamente custoso e gera maior incremento calórico durante os

processos de desaminação e excreção de ureia”, diz. “A formulação de dietas com teores reduzidos de PB, porém balanceadas quanto aos aminoácidos limitantes, mitiga a produção de calor metabólico endógeno. Essa estratégia permite que o suíno mantenha um consumo de ração mais próximo do adequado, o que contribui para preservar a eficiência de retenção de nitrogênio e minimizar perdas de desempenho, mesmo em condições de calor intenso.

AMINOÁCIDOS ESSENCIAIS SE DESTACAM POR DESEMPENHAR PAPEL MAIS CRÍTICO EM CONDIÇÕES DE ALTA TEMPERATURA. Embora a Lisina continue sendo a referência para a deposição de tecido magro, sob estresse térmico, outros aminoácidos ganham destaque devido às suas funções funcionais, e não apenas estruturais. Henrique Lobato cita alguns:

■ **Triptofano:** É fundamental por ser precursor da serotonina. Como o estresse térmico reduz o apetite, níveis adequados de triptofano ajudam a regular a ingestão de alimentos e a reduzir os níveis de cortisol, melhorando o bem-estar animal.

■ **Arginina:** Destaca-se como substrato para a síntese de Óxido Nítrico (NO), um potente vasodilatador endógeno. A maior biodisponibilidade de arginina otimiza a perfusão periférica para troca de calor, minimizando o comprometimento do fluxo sanguíneo mesentérico.

■ **Aminoácidos Sulfurados (Metionina e Cisteína):** São importantes para a produção de glutatona, o principal antioxidante endógeno. Como o estresse térmico gera estresse oxidativo severo, a demanda por esses aminoácidos para defesa antioxidante aumenta, competindo com a deposição muscular.

Segundo Henrique Lobato, a suplementação de aminoácidos pode auxiliar também na redução do calor metabólico, de forma decisiva. “Fisiologicamente, a digestão, absorção e metabolismo das proteínas gera maior incremento calórico do que carboidratos e lipídios. Quando há fornecimento de proteínas intactas em excesso, o animal absorve um perfil de aminoácidos desbalanceado. O excesso de aminoácidos que não pode ser usado para síntese proteica precisa ser desaminado no fígado”, aponta.

Este processo de remoção do grupo amino e sua conversão em ureia para excreção renal possui alto custo de ATP e libera energia térmica considerável. “A utilização de aminoácidos livres em dietas com PB reduzida fornece o perfil exato para o crescimento, minimizando o excedente de nitrogênio. Consequentemente, reduz-se a carga metabólica hepática e a termogênese dietética, ampliando a zona de conforto térmico do animal”, afirma.

NUTRIÇÃO DE PRECISÃO E O USO DE FERRAMENTAS COMO O IDEAL PROTEIN CONCEPT TÊM APRIMORADO O MANEJO NUTRICIONAL EM PERÍODOS DE CALOR INTENSO. A nutrição de precisão (*Precision Feeding*) e o conceito de proteína ideal viabilizam a transição de mode-

los nutricionais estáticos para dinâmicos. Henrique Lobato aponta que sob estresse calórico, a variabilidade intra-populacional se acentua, com discrepâncias significativas nos padrões de consumo alimentar. “Sistemas de alimentação de precisão permitem o ajuste diário do aporte de lisina e energia, baseados em dados de consumo e peso corporal em tempo real, individualmente ou por grupo. Tal tecnologia previne a subnutrição, que limita o potencial genético, e a supernutrição, geradora de calor metabólico. O conceito de proteína ideal fornece o alicerce matemático para evitar aminoácidos limitantes ou excessivos, maximizando a eficiência de utilização de nutrientes em cenários de desafio fisiológico”, diz.

Além da formulação da dieta, há outras estratégias nutricionais que podem atuar de forma sinérgica com os aminoácidos para mitigar o estresse térmico. Segundo Henrique Lobato, a abordagem deve ser multifatorial. Além dos aminoácidos, trabalhamos com estratégias complementares como a densidade energética e o uso de aditivos estratégicos:

■ **Eletrólitos:** Devido à polipneia, o suíno perde CO₂ e pode entrar em alcalose respiratória, além de perder potássio na urina. O ajuste do balanço eletrolítico (DCAB) através da suplementação de sais é vital para manter a homeostase.

■ **Antioxidantes:** O uso de Vitamina E, Selênio orgânico e fitogênicos ajuda a combater os radicais livres gerados pelo estresse oxidativo celular.


■ **Betaína:** Atua como um osmólito orgânico, ajudando a manter a hidratação celular e a integridade intestinal, atuando de forma sinérgica com os aminoácidos funcionais.

■ **GAA (Ácido Guanidinoacético):** Como precursor direto da creatina, o GAA é essencial para otimizar o metabolismo energético celular, restauração de ATP, em situações de alto desafio. Além disso, sua suplementação ajuda a poupar a arginina, que seria desviada para a síntese endógena de creatina, deixando-a disponível para a produção de óxido nítrico e consequente vasodilatação.

No entanto, é fundamental ressaltar que, tanto ao ajustar a densidade energética quanto ao adicionar estes aditivos, o custo da ração deve ser avaliado criteriosamente sobre o efeito de ganho que esta modificação irá gerar. “A viabilidade econômica é mandatória; nem sempre a dieta tecnicamente mais complexa é a mais rentável se o custo marginal dos aditivos superar o retorno em desempenho biológico, especialmente se o animal não conseguir expressar todo o seu potencial genético devido ao limite fisiológico térmico”, afirma Henrique Lobato.

Por fim, é crucial alinhar expectativas: embora estas estratégias nutricionais reduzam significativamente o impacto do estresse por calor, elas não substituem mudanças estruturais ou de instalações. A nutrição é uma ferramenta de apoio, não a solução única para um ambiente inadequado. “Olhando para o futuro há avanços tecnológicos e de pesquisa que vemos como mais promissores na aplicação de aminoácidos em dietas de suínos, especialmente em cenários de aquecimento global. “O cenário de aquecimento global torna o estresse térmico um problema crônico, não mais sazonal. O futuro aponta para a ‘Nutrigenômica e Aminoácidos Funcionais’. As pesquisas mais promissoras estão focando em como nutrientes específicos podem modular a expressão de genes ligados a transportadores de nutrientes e proteínas de choque térmico (HSP)”, detalha Lobato.

A formulação evoluirá, de acordo com o especialista, do foco exclusivo em ganho de peso e conversão para também aquisição de “resiliência térmica”, priorizando aminoácidos para suporte imunológico e integridade intestinal. “Acredito que veremos um avanço no uso de aminoácidos específicos para suporte imunológico e integridade intestinal. Além disso, a aplicação de Inteligência Artificial e Machine Learning será disruptiva: algoritmos processarão dados de sensores em tempo real para prever flutuações térmicas e ajustar a formulação da dieta automaticamente na fábrica, antecipando-se às ondas de calor. A suinocultura 4.0 será a união da biologia molecular com a ciência de dados”, explica. ■



MÉRITO ABPA DE PESQUISA APLICÁVEL ABRE INSCRIÇÕES E REFORÇA PAPEL DA CIÊNCIA NA EVOLUÇÃO DA PROTEÍNA ANIMAL BRASILEIRA

A ciência que transforma a produção e fortalece a segurança alimentar global tem espaço garantido no SIAVS 2026. Estão abertas as inscrições para o Mérito ABPA de Pesquisa Aplicável, iniciativa da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) que reconhece estudos com potencial real de impacto na cadeia produtiva da avicultura e da suinocultura. Mais do que um reconhecimento acadêmico, o Mérito tem como foco valorizar pesquisas que saem do papel e contribuem diretamente para tornar o setor mais eficiente, sustentável, seguro e competitivo.

O reconhecimento será concedido

durante o SIAVS 2026 – Salão Internacional de Proteína Animal, que ocorrerá entre os dias 4 e 6 de agosto, no Distrito Anhembi, em São Paulo (SP). Considerado o principal encontro da proteína animal no Brasil e um dos mais relevantes do mundo, o SIAVS reúne, em um único ambiente, congresso técnico de alto nível e uma ampla feira de negócios, conectando pesquisadores, produtores, empresas, autoridades sanitárias e lideranças institucionais de diversos países.

Nesta edição, o Mérito ABPA de Pesquisa Aplicável será dividido em duas frentes. A primeira, voltada às Grandes Áreas, contempla estudos com impacto em temas essenciais

para a cadeia produtiva, como produção, manejo e ambiência, nutrição animal, sanidade, tecnologia e processos industriais, sustentabilidade e saúde pública. São áreas que representam os pilares técnicos e estratégicos da produção moderna de proteína animal.

A segunda distinção é dedicada exclusivamente à Resistência aos Antimicrobianos (RAM), um dos temas mais sensíveis e prioritários no cenário global. A categoria reconhece pesquisas que abordem estratégias, ferramentas, indicadores e práticas voltadas ao uso responsável de antimicrobianos e ao enfrentamento da resistência microbiana. O tema está di-

retamente alinhado ao conceito internacional de One Health, que integra saúde animal, humana e ambiental, e também às ações promovidas pela ABPA no âmbito da campanha “Uso Consciente, Futuro Responsável”.

Mais do que premiar, a iniciativa busca estimular uma cultura de inovação aplicada. Os trabalhos inscritos serão avaliados por uma comissão julgadora formada por especialistas com reconhecida trajetória técnica e acadêmica. Entre os critérios considerados estão a relevância estratégica para o setor, o grau de inovação, a consistência metodológica, a aplicabilidade prática e o potencial de impacto na cadeia produtiva.

Os estudos selecionados terão a oportunidade de ganhar visibilidade em um dos ambientes mais estratégicos do setor. Durante o SIAVS, os pesquisadores poderão apresentar seus trabalhos diante de uma audiência altamente qualificada, formada por executivos, autoridades sanitárias, lideranças empresariais e especialistas do Brasil e do exterior. Essa interação direta entre ciência e produção é um dos diferenciais do evento e um dos fatores que contribuem para acelerar a adoção de novas tecnologias e práticas no campo e na indústria.

Como reconhecimento adicional, o primeiro autor do trabalho vencedor em cada uma das duas categorias será contemplado com uma experiência internacional em uma das principais feiras globais de alimentos. Os vencedores poderão escolher entre a SIAL Paris 2026, na França, ou a Gulfood 2027, em Dubai, dois dos mais importantes encontros mundiais da indústria de alimentos. A experiên-

cia proporciona contato direto com tendências globais, tecnologias emergentes e oportunidades de networking internacional, ampliando a formação estratégica dos pesquisadores.

O SIAVS, por sua vez, vai muito além de um evento técnico. Consolidado como o maior encontro dos setores no Brasil, o Salão Internacional de Proteína Animal é hoje uma plataforma estratégica para o desenvolvimento. A cada edição, o evento reúne dezenas de milhares de participantes e centenas de empresas expositoras, promovendo debates sobre sanidade, sustentabilidade, inovação, mercado internacional, biossegurança, tecnologia e políticas públicas.

Em agosto, o congresso técnico do SIAVS reunirá especialistas nacionais e internacionais para discutir os principais desafios e oportunidades da proteína animal. Paralelamente, a feira de negócios apresenta soluções tecnológicas, equipamentos, insumos e serviços que moldam o futuro da produção. É nesse ambiente que se constroem parcerias, se compartilham experiências e se definem os próximos passos de um setor que é fundamental para a segurança alimentar global.

A relevância desse ambiente reforça o propósito do Mérito ABPA de Pesquisa Aplicável. Ao reconhecer pesquisas com aplicação concreta, a iniciativa fortalece a conexão entre o conhecimento científico e a realidade produtiva, contribuindo para que o Brasil siga na vanguarda da produção mundial de proteína animal.

Os estudos selecionados terão a oportunidade de ganhar visibilidade no SIAVS, um dos ambientes mais estratégicos do setor

COMO PARTICIPAR

Os interessados em concorrer ao Mérito ABPA de Pesquisa Aplicável devem realizar a inscrição diretamente pelo site oficial do SIAVS 2026, onde estão disponíveis o regulamento completo, os critérios de elegibilidade, os prazos e as orientações para submissão dos trabalhos.

O processo é estruturado para garantir rigor técnico e transparência. Os pesquisadores deverão submeter seus estudos conforme o formato definido no regulamento, incluindo a descrição da metodologia, dos resultados e, especialmente, da aplicabi-



MÉRITO
ABPA
DE PESQUISA APLICÁVEL

lidade prática das soluções propostas para a cadeia produtiva da proteína animal.

Após o envio, os trabalhos serão analisados por uma comissão julgadora composta por especialistas com ampla experiência acadêmica e atuação no setor produtivo. Os estudos selecionados serão convidados a apresentar seus resultados durante a programação oficial do SIAVS 2026, ampliando sua visibilidade e promovendo o diálogo direto entre ciência e indústria. ■

As inscrições já estão abertas e podem ser realizadas pelo endereço:
www.siavs.com.br/trabalho-cientifico/





AS DIFERENÇAS ENTRE PRESENÇA E POSICIONAMENTO

VEJA QUANDO UMA **MARCA ESTÁ POSICIONADA** E SUAS AÇÕES SE REFLETEM NA PERCEPÇÃO DO MERCADO

Em um mercado cada vez mais dinâmico e conectado, as marcas estão mais visíveis do que nunca. A comunicação circula por múltiplos canais, as empresas participam de eventos, publicam conteúdos, patrocinam iniciativas e ocupam espaços nas conversas do setor. No agro, esse movimento também se intensificou, acompanhando um ambiente cada vez mais profissional, competitivo e atento às transformações do mercado.

Mas presença não é sinônimo de posicionamento.

Uma marca está posicionada quando ocupa um território claro na percepção do mercado. Quando se compreende, quase intuitivamente, o que ela representa, qual é sua proposta e por que possui um lugar próprio dentro do setor. Não se trata da frequência com que se comunica, mas da consistência da mensagem que se sustenta ao longo do tempo.

O mercado agropecuário, embora técnico, é profundamente relacional. O produtor decide com base em confiança. A indústria estabelece parcerias com quem transmite previsibilidade. Cooperativas e distribuidores valorizam coerência ao longo do tempo. Nesse contexto, estar presente pode am-

pliar visibilidade, mas é a clareza de posicionamento que consolida relações.

Presença amplia alcance. Posicionamento constrói memória.

E memória, no agro, tem peso. Os ciclos produtivos se repetem, as decisões retornam e as relações atravessam anos. Marcas que comunicam com consistência acabam sendo lembradas de forma natural quando o mercado precisa decidir. Já aquelas que alternam discursos podem até gerar atenção momentânea, mas raramente constroem preferência duradoura.

No fim, a diferença entre presença e posicionamento está na intenção que sustenta a comunicação. Presença ocupa espaço. Posicionamento ocupa um lugar definido na mente, e na confiança, do mercado. Em um setor atento, técnico e cada vez mais competitivo como o agro, essa distinção não é apenas conceitual; ela é estratégica.

No agro, onde relações são construídas ao longo do tempo e decisões se repetem safra após safra, essa clareza ganha ainda mais relevância. Empresas que sustentam uma identidade consistente tendem a se tornar referências naturais dentro da cadeia produtiva. Mais do que aparecer, passam a ser reconhecidas por aquilo que realmente representam. ■



Larissa Spricigo
Médica veterinária,
especialista em
marketing estratégico
para o agronegócio,
com atuação
em branding,
comunicação e
posicionamento
de marcas



SALÃO INTERNACIONAL
DE PROTEÍNA ANIMAL

— SIAVS —

PARTICIPE DO **MAIOR** EVENTO DAS CADEIAS
PRODUTIVAS DE PROTEÍNA ANIMAL DO BRASIL

FEIRA E CONGRESSO

SIAVS

2026



siavs.com.br

BRASIL | SÃO PAULO

04 A 06 DE AGOSTO DE 2026

**AVICULTURA • SUINOCULTURA • BOVINOCULTURA •
PEIXES DE CULTIVO • OUTROS**

 siavs@abpa-br.org

 +55 11 3095-3120

ORGANIZAÇÃO:
ABPA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE PROTEÍNA ANIMAL

UM OLHAR DIFERENCIADO SOBRE A SUSTENTABILIDADE NO AGRONEGÓCIO

A SUSTENTABILIDADE NÃO É TENDÊNCIA, MAS O **NOVO ALICERCE** DA PRODUÇÃO ANIMAL MODERNA

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A produção de proteína animal ocupa papel estratégico na segurança alimentar global. Carne, leite e ovos são fontes essenciais de nutrientes e movimentam cadeias produtivas complexas, que geram milhões de empregos e contribuem significativamente para o PIB de diversos países, especialmente no Brasil. Nesse cenário, a sustentabilidade deixou de ser um diferencial para se tornar um pilar central da competitividade e da perenidade do setor.

Sustentabilidade, nesse contexto,

vai muito além da preservação ambiental. Trata-se da integração equilibrada entre eficiência econômica, responsabilidade social e gestão ambiental. Um sistema produtivo só é verdadeiramente sustentável quando consegue produzir de forma rentável, respeitando recursos naturais e promovendo desenvolvimento nas comunidades onde está inserido.

EFICIÊNCIA PRODUTIVA E REDUÇÃO DE IMPACTO. A intensificação sustentável é uma das principais estratégias na

produção de proteína animal. Produzir mais com menos recursos — terra, água, insumos e energia — reduz a pressão sobre ecossistemas e amplia a eficiência do sistema. Tecnologias como melhoramento genético, nutrição de precisão, manejo sanitário avançado e automação têm permitido ganhos expressivos de produtividade.

Na pecuária de corte, por exemplo, animais mais eficientes convertem alimento em carne com maior rapidez, reduzindo idade ao abate e, conseqüentemente, emissões por



quilo produzido. Na produção de leite e na avicultura, avanços em genética e nutrição também contribuem para menor uso de recursos por unidade de proteína gerada. Sustentabilidade, nesse sentido, está diretamente ligada à eficiência técnica.

GESTÃO AMBIENTAL COMO ESTRATÉGIA.

O uso racional da terra é um dos pontos centrais do debate. A recuperação de pastagens degradadas, a integração lavoura-pecuária-floresta e o manejo adequado de dejetos são práticas que reduzem emissões, melhoram a fertilidade do solo e ampliam a resiliência climática das propriedades.

Além disso, o monitoramento de indicadores ambientais tornou-se ferramenta estratégica. Medir pegada de carbono, consumo hídrico e eficiência alimentar permite identificar gargalos e implementar melhorias contínuas. A sustentabilidade passa a ser guiada por dados, não apenas por intenção.

Outro aspecto relevante é a rastreabilidade. Cadeias organizadas que comprovam origem responsável conquistam acesso a mercados mais exigentes e fortalecem sua reputação internacional. Em um cenário global cada vez mais atento às questões ambientais, transparência é sinônimo de oportunidade.

DIMENSÃO SOCIAL E BEM-ESTAR ANIMAL.

Sistemas sustentáveis também consideram o bem-estar animal e as condições de trabalho. Animais manejados adequadamente apresentam melhor desempenho produtivo e menor incidência de doenças, reduzindo perdas e uso de medicamentos. Da mesma forma, propriedades que investem em capacitação e segurança constroem ambientes mais eficientes e humanos.

A sucessão familiar e a atração de jovens para o campo também fazem parte dessa equação. A incorporação de tecnologia e gestão profissional torna o setor mais atrativo, garantindo continuidade e inovação.

SUSTENTABILIDADE COMO ACESSO A MERCADOS.

Consumidores, varejistas e investidores estão cada vez mais atentos às práticas socioambientais. Programas de certificação e critérios ESG influenciam decisões de compra e de financiamento. Para a produ-

ção de proteína animal, adaptar-se a essas exigências não é apenas questão reputacional, mas estratégica.

Linhas de crédito diferenciadas, parcerias internacionais e contratos com grandes redes dependem, cada vez mais, de comprovação de práticas sustentáveis. Assim, sustentabilidade torna-se fator de agregação de valor e mitigação de riscos.

UM COMPROMISSO COM O FUTURO.

O crescimento da população mundial exige aumento na oferta de alimentos, inclusive de proteína animal. O desafio está em atender essa demanda sem comprometer os recursos das próximas gerações. Isso implica investir em ciência, inovação, gestão e políticas públicas que estimulem boas práticas.

A sustentabilidade no sistema de produção de proteína animal não é obstáculo ao desenvolvimento; é condição para que ele continue existindo. Ao integrar eficiência produtiva, responsabilidade ambiental e compromisso social, o setor fortalece sua legitimidade e assegura sua permanência no longo prazo.

Mais do que atender a exigências externas, trata-se de reconhecer que a competitividade do século XXI está diretamente associada à capacidade de produzir com inteligência, transparência e responsabilidade. A sustentabilidade, portanto, não é tendência passageira — é o novo alicerce da produção animal moderna.

TROFÉU CURUCA

O Troféu Curuca, promovido pela Feed & Food, tem sua entrega programada para o SIAVS 2026 – Salão Internacional de Proteína Animal, um dos principais eventos da cadeia de proteína animal do Brasil e da América Latina. O evento é organizado pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) e está agendado para agosto. O encontro reúne indústria, produtores, exportadores, fornecedores de tecnologia, autoridades e compradores internacionais, tem papel fundamental ao reconhecer e valorizar profissionais, empresas e iniciativas que impulsionam os setores de nutrição animal e produção de alimentos.

Ao destacar casos de inovação, eficiência produtiva e boas práticas, a premiação fortalece a cultura da excelência e estimula a busca contínua por tecnologia, gestão qualificada e sustentabilidade em toda a cadeia. Além do reconhecimento, o troféu contribui para dar visibilidade a projetos que muitas vezes transformam realidades no campo e na indústria, mas nem sempre ganham espaço no debate público. Ao reunir lideranças e promover networking estratégico, o Curuca Feed & Food consolida-se como uma plataforma de conexão, inspiração e desenvolvimento para o agronegócio brasileiro. ■



SALMIX DESTACA PROTAGONISMO DO BRASIL NA PRODUÇÃO GLOBAL DE PROTEÍNAS DURANTE A IPPE

ALÉM DE ESCALA, O BRASIL LEVA TECNOLOGIA E AGILIDADE, FALA A LÍNGUA DO PRODUTOR, RESPONDE RÁPIDO E ENTREGA SOLUÇÕES DE FORMA EFICIENTE, APONTA RENATO RAVETTI, PROPRIETÁRIO DA SALMIX

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A Salmix participou da International Production & Processing Expo (IPPE) 2026, realizada em Atlanta (EUA) por ser um evento estratégico para acompanhar as principais inovações e tendências globais do setor de nutrição e saúde animal. Além disso, a IPPE aproxima de clientes e parceiros, cria um ambiente favo-

rável à troca de ideias e estimula uma visão mais inovadora e ambiciosa. Esse contexto tem sido fundamental para impulsionar os projetos futuros e a estratégia internacional da Salmix.

Quem explica para a Feed & Food é Renato Ravetti, proprietário da Salmix. Segundo ele, a Salmix participou da IPPE com o objetivo de se manter conectada às principais tendências,

inovações e discussões que moldam o presente e o futuro da cadeia global de produção e processamento de proteína animal, especialmente da carne de frango. “Em participações anteriores, pudemos constatar de perto a relevância estratégica desse evento para todo o setor, assim como o protagonismo do Brasil no cenário mundial. Estar na IPPE nos permite trocar ex-



periências, fortalecer relacionamentos, compartilhar conhecimento — ensinando e aprendendo — e acompanhar de forma prática as transformações tecnológicas, regulatórias e de mercado que impactam diretamente nossos clientes e parceiros”, afirma.

Durante a IPPE, a Salmix abordou o tema: Água, Ácidos Orgânicos e Microbiota – A Tríade da Eficiência em Aves durante um Lunch Learning. “Compartilhamos resultados promissores observados em estudos científicos conduzidos em parceria com a UNESP e a UFRGS, que demonstram o impacto direto dessa tríade sobre desempenho zootécnico, saúde intestinal e eficiência produtiva”, explica Ravetti. “Estamos muito entusiasmados com os dados que temos acompanhado e acreditamos que eles trazem contribuições relevantes para toda a cadeia produtiva. Pudemos compartilhar conhecimentos com a comunidade, promovendo discussões técnicas de alto nível e aplicáveis à realidade do campo”, afirma.

Segundo ele, a Salmix se diferencia dos concorrentes internacionais principalmente pela capacidade de enxergar a dor real do cliente e transformar essa necessidade em soluções práticas, com velocidade e foco no que funciona no campo. “O nosso diferencial técnico está em agilizar o desenvolvimento de produtos que realmente entregam solução, sem complexidade desnecessária: inovação aplicada, direta ao ponto, pensada para resolver problemas reais da rotina do produtor”, afirma. “Isso se traduz no nosso posicionamento — “Inovação com simplicidade”: tecnologia com propósito, fácil de implementar, com resultado mensurável e adaptação rápida às demandas do mercado”, aponta Ravetti.

Ele destaca ainda que as soluções da Salmix aumentam eficiência produtiva e saúde animal porque atuam onde mais impacta o resultado: início de vida, água e microbiota, com inovação simples e aplicável. “Um exemplo é que desde o 1º minuto de vida do pintinho, o HyChick (gelatina com eletrólitos) ajuda a reduzir mortalidade durante o transporte até a granja e a aumentar a viabi-



Renato Ravetti, proprietário da Salmix: “A Salmix espera, acima de tudo, fortalecer o reconhecimento como parceira da agroindústria, próxima do cliente e focada em desenvolver soluções de impacto imediato no sistema produtivo. O retorno econômico vem como consequência natural desse relacionamento e da entrega de resultados. Além disso, o Brasil é referência regional e, em outros continentes, funciona como uma vitrine global — o que reforça a competitividade da Salmix quando combinamos isso com agilidade e soluções práticas para o produtor”.

lidade — estimulando a ave a comer e beber mais cedo na chegada à granja. E como água é um ponto crítico do sistema, temos soluções para estabilizar a água de vacinação, pastilhas decloradoras e ácidos orgânicos que ajudam no controle de Salmonella e no equilíbrio da microbiota... muitas outras soluções de um portfólio de mais de duzentos produtos”, detalha.

De acordo com Renato Ravetti a

TENDÊNCIAS GLOBAIS EM NUTRIÇÃO ANIMAL CHAMAM MAIS A ATENÇÃO DA SALMIX DURANTE A IPPE

a. Early feeding: estratégias e tecnologias para garantir acesso imediato a nutrientes e água nas primeiras horas de vida, acelerando o arranque, melhorando uniformidade e reduzindo perdas.

b. IA e nutrição de precisão: o uso crescente de inteligência artificial para gerar recomendações mais individualizadas, ajustando soluções à necessidade de cada sistema, fase e objetivo do produtor.

Salmix tem se preparado com tecnologias que reduzem a dependência de antibióticos, com resultados comprovados em pesquisas com Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). “Já estamos divulgando em eventos internacionais como I3S e SafePork, na França. Em bem-estar animal e sustentabilidade, temos projetos e produtos com impacto direto no sistema, além de sermos uma empresa auditada por clientes internacionais e com certificações como SGS e FairFood, reforçando compromisso e conformidade com essas demandas globais”, aponta o executivo. “Os próximos passos são dar vazão e acompanhar de perto tudo o que foi gerado no IPPE: avançar com leads e negociações, estruturar novas parcerias, avaliar expansão para outros países e também abrir conversas com novos fornecedores estratégicos. E, em paralelo, já começamos a planejar a próxima edição (IPPE 2027)”, finaliza. ■

IPPE SE CONSOLIDA COMO UM DOS EVENTOS MAIS IMPORTANTES PARA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

A INTERNATIONAL PRODUCTION & PROCESSING EXPO (IPPE), **REALIZADA NO ÚLTIMO MÊS DE JANEIRO EM ATLANTA, ESTADOS UNIDOS**, ELEVOU DISCUSSÕES SOBRE O SISTEMA DE PRODUÇÃO DE PROTEÍNA ANIMAL

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A International Production & Processing Expo (IPPE), realizada no último mês de janeiro em Atlanta, nos Estados Unidos, é um dos principais eventos globais dedicados à cadeia de proteína animal, reunindo indústria, autoridades sanitárias, formuladores de políticas públicas, academia, investidores e líderes do comércio internacional.

De acordo com Ana Lucia de Paula Viana, Agricultural Attaché da Embaixada do Brasil em Washington, Estados Unidos, para o agronegócio brasileiro, trata-se de uma plataforma estratégi-

ca para consolidar a imagem do Brasil como fornecedor confiável de proteínas, capaz de atender aos mais elevados padrões sanitários, produtivos e de sustentabilidade. “Embora os Estados Unidos não sejam o maior importador de proteína brasileira, exercem forte influência na definição de padrões sanitários globais, o que torna a presença institucional do Ministério da Agricultura do Brasil ainda mais relevante. Como Adida Agrícola, a IPPE também cumpre um papel essencial, ao fortalecer o diálogo com atores-chave do setor”, ela aponta.

Entre os principais desafios destacados por Ana Lucia estão o reconhecimento de áreas livres de doenças, as exigências crescentes de rastreabilidade, questões relacionadas à influência aviária, os processos de equivalência sanitária e a demanda cada vez maior por comprovação de sustentabilidade. “O trabalho do MAPA diante desses desafios é contínuo e baseado em ciência, com foco na transparência, na robustez do sistema de defesa agropecuária e no diálogo permanente com parceiros internacionais”, afirma.

Ana Lucia aponta que a IPPE facilita discussões sobre vários temas, como bem-estar animal, digitalização de processos, certificação eletrônica e biossegurança. “A troca de experiências e o compartilhamento de boas práticas fortalecem a confiança entre os sistemas sanitários e contribuem para a convergência de procedimentos, beneficiando o comércio internacional de proteínas”, diz. “Durante a IPPE, o MAPA demonstra conformidade com padrões internacionais e discute atualizações normativas com vários atores importantes. A harmonização de normas é construída por meio de diálogo qualificado, uso de dados científicos e transparência institucional, buscando convergência regulatória sem abrir mão da soberania sanitária brasileira”, afirma.

Segundo ela, o MAPA atua como coordenador técnico e sanitário da agenda, garantindo a coerência dos posicionamentos do Brasil. “Os demais atuam de acordo com suas atribuições ▶

Realizado no último mês de janeiro em Atlanta, nos Estados Unidos, o IPPE é um dos principais eventos globais dedicados à cadeia de proteína animal



Ana Lucia de Paula Viana, Agricultural Attaché da Embaixada do Brasil em Washington, Estados Unidos: “A IPPE cria oportunidades concretas para reuniões bilaterais com autoridades sanitárias, como o USDA e o FSIS, além de diálogos diretos com importadores e processadores interessados em novas habilitações”.

institucionais. Essa atuação integrada garante consistência entre política sanitária, promoção comercial e diplomacia”, afirma. “A atuação coordenada entre MAPA, ApexBrasil, MRE e Embaixada amplia a visibilidade do Brasil, conecta o setor público e privado e transforma esses encontros em avanços concretos de acesso ou melhoria de acesso aos mercados.”, aponta.

Já de acordo com Norberto Prestes, presidente-executivo da Associação Brasileira da Indústria de Insumos Farmacêuticos (Abiquifi), a visão da entidade sobre as empresas associadas que atuam na Saúde Animal está muito relacionada ao nosso business, que é o IFA, até porque, basicamente, o mesmo insumo farmacêutico utilizado para Saúde Humana é usado para Saúde Animal. “A IPPE não é estratégica apenas para a Abiquifi e suas associadas, mas também às empresas filiadas ao Brazilian Pharma & Health (BPH). Trata-se de uma ação estratégica, idealizada e fomentada em conjunto com entidades parceiras como Alanac - Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais e a ABRA - Associação Brasileira de Reciclagem Animal, para levar ao mercado global, por meio destas feiras internacionais de grande relevância, toda a expertise em produção e inovação das empresas brasileiras, a fim de elevar o grau de competitividade da indústria nacional, atrair investimentos e incrementar as nossas exportações”, aponta.

Por meio do Projeto Brazilian Pharma Healthy (BPH), iniciativa da Abiquifi em parceria com a ApexBrasil para atrair investimentos e incrementar as exportações dos produtos brasileiros, a delegação brasileira à IPPE contou com a participação de executivos de 10 empresas referências do setor no Pavilhão Brasil: Farmabase, Ourofino, Kobratec, Biocamp, Salmix, Sannex, Safedds, Perstorp, Inata e PolySell. “As empresas participantes foram unânimes em afirmar que a presença em um dos principais eventos globais em Saúde Animal é a oportunidade única de se conectar com os principais players globais, estar perto dos clientes, fortalecer o posicionamento no cenário internacional, acompanhar as tendências mundiais e abrir portas para parcerias comerciais e tecnológicas em mercados estratégicos”, relata.



“Temos ciência que a modernização do ambiente regulatório brasileiro é uma das principais bandeiras atuais da Anvisa, inclusive com participação ativa como membro regulador no ICH [International Council for Harmonisation], consórcio global que harmoniza requisitos técnicos para medicamentos, sendo a única autoridade reguladora da América Latina com assento no Comitê Gestor, o que fortalece o Brasil nas discussões internacionais para alinhar a regulação sanitária brasileira às melhores práticas mundiais, visando segurança, eficácia e agilidade no registro de fármacos”

NORBERTO PRESTES,
PRESIDENTE DA ABIQUIFI



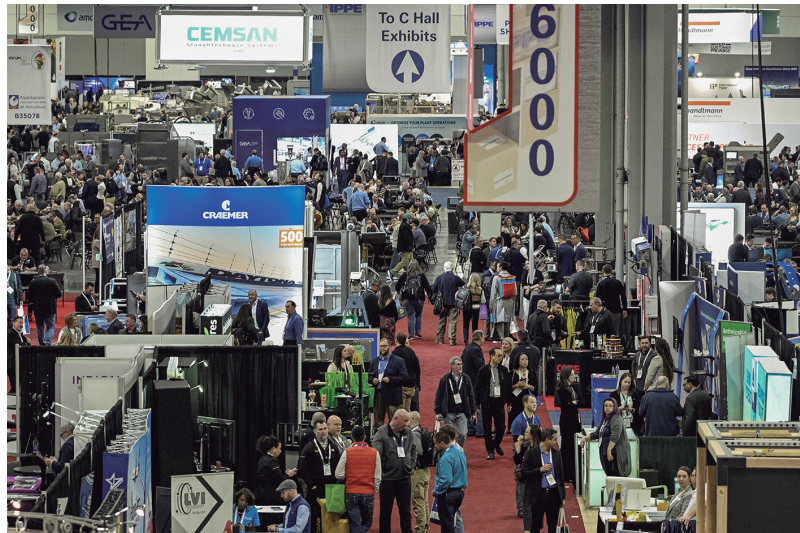
Antonio Kaupert, Jr., Trade & Investment Promotion Bureau do Consulate General of Brazil in Atlanta: “A IPPE propiciou maior integração de AgTechs brasileiras (startups), expansão dos pavilhões de máquinas e o aprofundamento do tema de “Proteína Animal Verde” para mercados de alto valor agregado”

Norberto Prestes acredita que tal alinhamento regulatório traz maior confiabilidade aos produtos brasileiros em saúde e nossas empresas, abrindo caminhos para a inserção internacional em mercados estratégicos e até aqueles emergentes. “É um dos principais argumentos para as empresas instaladas no país participarem da delegação brasileira organizada pela Abiquifi e ApexBrasil, com a presença estratégica do MAPA. Vale destacar ainda nosso trabalho conjunto com a Alanac - Associação dos Laboratórios Farmacêuticos, a partir de um convênio de cooperação, para o melhor alinhamento das questões regulatórias alinhadas ao MAPA”, explica.

Antonio Kaupert, Jr., Trade & Investment Promotion Bureau do Consulate General of Brazil in Atlanta, destaca que a IPPE ajuda o Brasil a atuar como âncora institucional para a diplomacia comercial, promovendo a imagem do agronegócio brasileiro como líder em tecnologia, segurança sanitária e sustentabilidade. “As prioridades são definidas pelo impacto econômico do setor nas exportações brasileiras, pela relevância da jurisdição (Atlanta é o hub global do setor) e pelo alinhamento com as associações setoriais (ABIQUIFI, ABRA, ABIMAQ e ABPA)”, aponta.

Segundo ele, a participação se alinha ao mandato de promoção comercial e atração de investimentos (SECOM), suporte técnico-sanitário (Adiagem Agrícola) e defesa dos interesses econômicos do Brasil no Sudeste dos EUA, com efeitos também no restante do país. “Oferecemos apoio institucional, aproximações com autoridades estrangeiras, fornecimento de inteligência de mercado local e apoio na organização de eventos de networking”, destaca. “O foco concentrou-se nos temas de proteína animal (aves e suínos), insumos farmacêuticos para saúde animal, reciclagem animal (rendering), além de máquinas e equipamentos”, afirma. “Através de “matchmaking” estratégico, dando credibilidade diplomática aos empresários e facilitação de diálogo com órgãos reguladores (USDA/FDA), entidades de classe e governamentais nos EUA”, destaca.

Antonio Kaupert, Jr. destaca ainda que houve consolidação da percepção internacional sobre a sustentabilidade da produção brasileira e a iden-



tificação da alta demanda por tecnologias de automação e redução de resíduos (economia circular). “Conseguimos uma projeção de negócios fechados e prospectados na ordem de milhões de dólares, fortalecimento de parcerias técnicas com universidades e abertura de diálogos para novos

mercados de exportação”, diz. “Avalio o evento como um sucesso, principalmente pelo volume de negócios reportado pelas associações, pelo número de novos contatos qualificados estabelecidos e pelo feedback qualitativo das empresas sobre o suporte institucional recebido”, afirma. ■

Programa de Saúde Intestinal Biochem: **HatchGel SP, B.I.O.Sol e TechnoSpore!**

Precocidade na aplicação de soluções funcionais, para apoio à saúde intestinal de forma consistente ao longo do ciclo!



Biochem
Feed Safety for Food Safety®



REINSERÇÃO DE PRODUTORES RURAIS PARA A REQUALIFICAÇÃO NA CADEIA DA CARNE BOVINA: ESCALA, SUSTENTABILIDADE E COMPETITIVIDADE

É NECESSÁRIO SUPERAR GARGALOS OPERACIONAIS DOS DIFERENTES BIOMAS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO, GARANTINDO A INCLUSÃO ECONÔMICA E SOCIAL

MICHELLE BORGES

A crise climática e a insegurança alimentar são desafios globais que nos remetem à mobilização para ações coordenadas de políticas públicas e avanço nos programas privados. A pecuária brasileira entra como um componente fundamental e estratégico para a segurança alimentar mundial, além de trazer oportunidades concretas de desenvolvimento sustentável aliado a mitigação de gases de efeito estufa (GEE).

O Brasil é, hoje, o país com o maior rebanho comercial bovino do mundo, além de ser o maior exportador de carne bovina *in natura*. As exportações de carne bovina somaram em janeiro de 2026, embarques de 264 mil toneladas, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), compilados pela Associação das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec).

Sabe-se que a pecuária brasileira enfrenta desafios relacionados à regularização ambiental, rastreabilidade e competitividade internacional. Muitos produtores foram excluídos da cadeia formal por não atenderem critérios socioambientais. Este artigo, inspirado nas diretrizes da Mesa Brasileira da Pecuária Sustentável (MBPS), discute estratégias para reinserção e requalificação desses produtores, propondo caminhos para dar escala ao processo e fortalecer a credibilidade da carne bovina nacional.

A cadeia da carne bovina no Brasil é uma das mais relevantes do agronegócio mundial, mas enfrenta pressões crescentes de mercados consumidores e da sociedade civil em relação à sustentabilidade. A exclusão de produtores que não atendem às exigências so-

cioambientais gera impactos econômicos e sociais significativos ficando os mesmos marginalizados na cadeia da pecuária, principalmente os pequenos e os agricultores familiares. Nesse contexto, são necessárias iniciativas voltadas à reinserção desses agentes, com foco em requalificação técnica e comercial prezando pelo acesso a ampla informação, fortalecimento de assistência técnica constante, e alinhamento de iniciativas públicas e privadas.

Temos diferentes protocolos de monitoramento de fornecedores de gado que já trabalham em proposições de mecanismos de reintegração de propriedades, por meio de demonstração de regularização ambiental, correções técnicas do uso de base de dados e adoção de sistemas de regularização comercial da propriedade. Essas propriedades são certificadas pelos protocolos de requalificação comercial e voltam a cadeia por meio da aprovação das Secretarias de Meio Ambiente Estaduais junto à Procuradoria da República. Mesmo com esses mecanismos, os números alcançados ainda são baixos o que torna necessário a busca por alternativas à garantia do cumprimento da legislação ambiental e da segurança jurídica.

Os objetivos da reinserção passam basicamente pela capacitação dos produtores para atender padrões de mercado; pelo aumento da base de fornecedores regulares reduzindo a informalidade e os riscos para o setor; por uma base de fornecedores mais consistente e alinhada aos compromissos socioambientais, além do fortalecimento da imagem da carne bovina brasileira nos mercados premium e competitividade internacional.

Sabendo-se disso, antes da adoção de quaisquer estratégias é necessário superar gargalos operacionais dos diferentes biomas no território brasileiro, garantindo a inclusão econômica e social. Como estratégias propostas podemos citar a capacitação técnica, a adoção de ferramentas de monitoramento com o olhar para a rastreabilidade individual do animal, acesso a créditos diferenciados e bonificações àqueles reinseridos, bem como a articulação da cadeia como um todo a fim de dar escalabilidade aos projetos e visibilidade a casos práticos de produtores bem-sucedidos nessa agenda.

Os desafios são enormes, mas a vantagem e os benefícios atrelados a reinserção e requalificação são imensos. Nesse sentido, entidades como a Mesa Brasileira da Pecuária Sustentável (MBPS) são imprescindíveis por promoverem diálogos entre multistakeholders, e ações a fim de combinar o engajamento dos diferentes atores da cadeia da pecuária aliados as políticas públicas e incentivos privados prezando por uma carne bovina nacional competitiva, sustentável e socialmente inclusiva. ■



Michelle Borges, gerente executiva da Mesa Brasileira da Pecuária Sustentável



Faça parte do
maior evento
técnico científico
do país!

INSCREVA-SE NO SBSA.

Dias 7 a 9 de abril

No Centro de Cultura
e Eventos Plínio Arlindo
De Nes, em Chapecó/SC.



26º SIMPÓSIO
BRASIL SUL DE
AVICULTURA

17ª BRASIL SUL
POULTRY FAIR



NUCLEOVET

Núcleo Oeste de Médicos Veterinários e Zootecnistas/SC



voxbrazil.com.br

QUANDO O PREÇO DO BOI SOBE, OS ERROS TAMBÉM APARECEM

PORQUE O PREÇO ALTO DO BOI **EXPÕE FALHAS DE GESTÃO NA PECUÁRIA**

OTACÍLIO JARCEM ESCOBAR JUNIOR
E TIAGO DO PRADO PAIM

Nos últimos meses, o tema voltou a circular com força no campo. Em rodas de conversa, reuniões e análises de mercado, cresce a expectativa de que o preço da arroba volte a reagir ao longo desse ano. Não é nada novo, na verdade, já temos mais de 100 anos de histórico de mercado que mostram que o ciclo pecuário existe, acontece e tem um padrão

em todos os países pecuários (Estados Unidos, Austrália, Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina...). Mas se todo o mundo sabe que isso existe, por que ele continua acontecendo? Exatamente por causa dos sentimentos e dores (principalmente no bolso) que ele gera em cada uma das suas fases...

O ciclo de alta é sempre o momento que reacende a chama: a ideia de que o cenário pode começar a virar, e quan-



do a arroba do boi sobe, o humor das fazendas melhora, as conversas ganham ânimo e surge aquela sensação de “agora vai”. É natural. O alívio chega, o “caixa respira”, mas, sem gestão, vira euforia, e a euforia pode cegar.

Em ciclos de alta, muita gente confunde faturamento com lucro e dinheiro entrando com dinheiro sobrando. A fazenda começa a girar mais, o caixa parece respirar e, de repente, decisões importantes passam a ser tomadas no impulso: compras, investimentos, aumentos de custo fixo, compromissos longos. Não porque o produtor “não sabe trabalhar”, pelo contrário: quase sempre é porque ele trabalha demais e mede de menos.

A arroba em alta não é a vilã. Na verdade, ela costuma fazer o que a rotina esconde: escancarar o que estava desorganizado. Em momento bom, o erro fica mais caro, o risco fica mais invisível e a conta chega com atraso, às vezes quando o mercado já virou e não dá mais tempo de corrigir com calma.

Este texto não critica o produtor, nem o mercado. É um convite à reflexão: por que alguns aproveitaram os ciclos favoráveis para fortalecer a fazenda, enquanto outros ape-

nas os atravessam e voltam ao sufoco na primeira virada? A diferença não está na arroba, nem na sorte, mas na capacidade de executar o essencial, com consistência, justamente quando tudo parece dar certo.

O TAMANHO DA OPORTUNIDADE (E DA ILUSÃO). Para dimensionar o que está em jogo, basta olhar para o retrovisor. Uma análise dos últimos três ciclos pecuários completos no Brasil (período pós-2006) mostra que, na fase de alta, aquele momento de euforia, o preço da arroba chega a valorizar, em média, 105% entre o fundo do vale e o pico do mercado.

Isso significa que, durante os 3 ou 4 anos de subida, o rebanho valoriza “sozinho” a uma taxa equivalente a cerca de 20% ao ano. É um rendimento passivo sobre o capital biológico que supera a maioria das aplicações financeiras tradicionais. O perigo é que esse ganho não é perene. Historicamente, a fase de baixa seguinte devolve, em média, 25% desse preço nominal, correndo violentamente a margem de quem usou a bonança para inflar custos fixos em vez de fazer caixa.

FATURAMENTO NÃO É LUCRO E O CAIXA NÃO É SOBRA. Quando o preço do boi sobe, a primeira coisa que aparece é o faturamento. A conta fecha maior, o giro aumenta e a sensação de alívio toma conta. É nesse ponto que mora uma das confusões mais comuns, e mais perigosas da pecuária: acreditar que faturamento alto significa margem.

Na prática, faturamento é apenas movimento. Ele mostra que dinheiro entrou, mas não diz quanto ficou, por que ficou ou se ficará. Em momentos de alta, os custos também sobem, o risco se espalha pela operação e decisões mal calculadas passam despercebidas porque o volume oculta os erros. A fazenda parece saudável, quando na verdade está apenas mais movimentada.

Outro engano frequente é confundir caixa com sobra. Ver dinheiro disponível na conta cria a sensação de conforto, mas sem saber o que aquele valor representa, lucro real, capital de giro, recurso comprometido ou antecipação de receita, qualquer decisão vira aposta. E aposta, mesmo quando dá certo, não é estratégia.

O problema não está em ga- ►



nhar dinheiro. Está em não saber quando se está ganhando, quanto se está ganhando e o que fazer com isso, como “gas-tar”. Sem essa clareza, o produtor entra no ciclo bom sem mapa e sai dele sem entender por que, apesar da arroba alta, a fazenda continua vulnerável quando o mercado vira.

O “EFEITO EUFORIA” - QUANDO O MOMENTO BOM VIRA O GESTOR DA FAZENDA. Quando não há clareza sobre lucro, margem e risco, alguém precisa assumir o comando das decisões. Em ciclos de alta, esse “alguém” quase nunca são os números. É a “euforia”. Ela entra de forma silenciosa, disfarçada de otimismo, e passa a conduzir escolhas que deveriam ser frias, técnicas e planejadas.

A euforia muda o critério. O que antes exigia conta passa a exigir apenas confiança. Compras são antecipadas, custos fixos aumentam, investimentos são decididos no calor do momento e compromissos de longo prazo são assumidos com

DADOS DOS CICLOS PECUÁRIOS (BASE NOMINAL)

Considerando os 3 grandes ciclos completos mais recentes (intervalo de aprox. 18 anos), temos o seguinte comportamento médio:

Fase do ciclo	Comportamento do preço	Duração média	Varição média total	Rendimento equivalente
Fase de alta	Do fundo do vale até o pico máximo	~ 3 a 4 anos	+105%	~ 20% a.a.
Fase de baixa	Do pico máximo até o novo fundo	~ 2 a 3 anos	-25%	-9% a.a.

DETALHAMENTO DOS CICLOS UTILIZADOS (REFERÊNCIA):

Ciclo 2006-2012

→ **Alta (2006-2010):**

Saiu de ~R\$ 55 para ~R\$ 115 (+109%).

→ **Baixa (2011-2012):**

Recuou para a casa dos R\$ 90 (-21%).

Ciclo 2012-2017

→ **Alta (2012-2015):**

Saiu de ~R\$ 90 para ~R\$ 155 (+72%).

→ **Baixa (2016-2017):**

Recuou para a casa dos R\$ 125 (-19%).

Ciclo 2017-2023 (Ciclo da China)

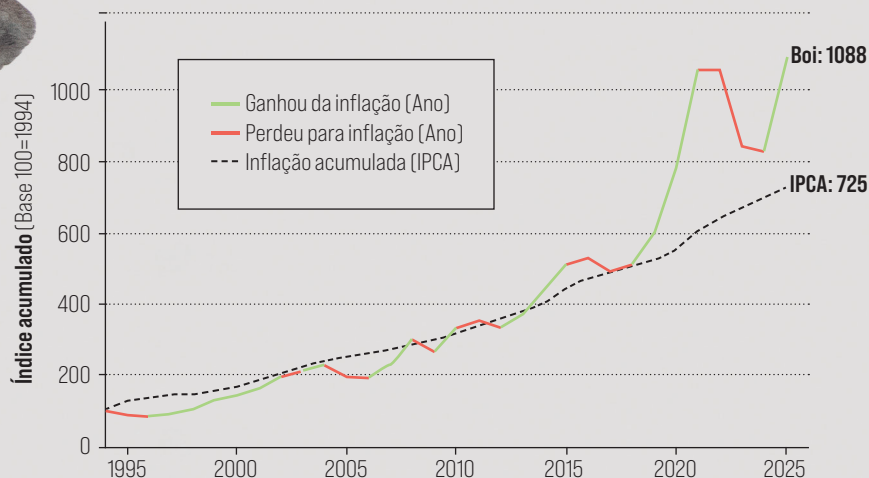
→ **Alta (2017-2021/22):**

Saiu de ~R\$ 125 para picos de ~R\$ 340 (+170%).

→ **Baixa (2022-2023):**

Recuou fortemente para ~R\$ 220 (-35%).

BOI GORDO vs INFLAÇÃO (1994-2025). ANÁLISE DE GANHO REAL ANUAL



Histórico de correção dos preços do boi e da inflação (IPCA) desde o início do plano real, os segmentos em vermelho apresentam todos os anos que o preço do boi perdeu para inflação e os segmentos em verde representam todos os anos que a correção do preço do boi foi acima da inflação.



base em um cenário que parece sólido, mas que ainda não foi medido. O raciocínio é simples: se está entrando mais dinheiro, dá para avançar mais. O problema é que o “mais” quase nunca vem acompanhado de controle.

Esse comportamento não nasce da irresponsabilidade, mas da falta de referência. Sem indicadores claros, sem histórico bem analisado e sem leitura de risco, o produtor passa a decidir pelo sentimento do mercado. O preço alto vira argumento. A boa fase vira justificativa. E a fazenda começa a ser gerida pelo momento, e não pela estratégia.

O perigo da euforia é que ela não erra sozinha. Ela erra em cadeia. Um aumento de custo aqui, um investimento mal dimensionado ali, um compromisso assumido cedo demais. Isoladamente, nada disso parece grave. Juntos, constroem uma estrutura frágil, dependente da continuidade do ciclo bom. Quando o mercado muda, e ele sempre muda, a euforia some, mas as decisões ficam.

O SISTEMA TAMBÉM EMPURRA PARA O ERRO. Seria injusto, e pouco honesto, colocar toda a responsabilidade apenas no produtor. Em momentos de alta, o ambiente ao redor da fazenda muda rapidamente. O crédito fica mais acessível, as ofertas se multiplicam, o discurso se torna otimista e a mensagem é quase sempre a mesma: “*Agora é a hora*”. Poucos falam de risco. Quase ninguém fala de limite.

Fornecedores, instituições financeiras e até a própria narrativa do mercado reforçam a ideia de continuidade. Planos são apresentados como oportunidade, não como compromisso. Parcelas parecem leves diante do faturamento crescente. E a decisão que deveria passar por análise acaba sendo empurrada pelo contexto.

Nesse cenário, a gestão deixa de ser prioridade e passa a ser detalhe. O foco se desloca do controle para a expansão, do planejamento para a execução rápida, da análise para a confiança. Tudo parece funcionar enquanto o ciclo sustenta. O problema é que o sistema incentiva o avanço, mas não ajuda a frear quando é preciso, e “pisar no freio” também é decisão estratégica.

Reconhecer esse empurrão externo não é transferir culpa, é entender

o ambiente. Porque justamente nos momentos em que tudo conspira para avançar é que a disciplina de gestão faz mais falta. Quem tem estrutura, atravessa. Quem não tem, sente o impacto quando o mercado desacelera e percebe que muitas decisões foram tomadas sem a sustentação necessária.

MATURIDADE DE GESTÃO PARA ATRAVESSAR CICLOS. Em algum ponto da trajetória, a diferença entre atravessar um ciclo bom ou desperdiçá-lo deixa de ser preço, genética ou tecnologia. Ela passa a ser maturidade de gestão. Não aquela gestão sofisticada, cheia de relatórios complexos, mas a capacidade básica de separar sensação de realidade e decisão de impulso.

Produtores que conseguem aproveitar momentos de alta costumam ter algo em comum: eles usam o ciclo bom para organizar, não para acelerar sem critério. Medem antes de decidir, entendem o que é lucro e o que é apenas giro, sabem quando podem comprometer e, principalmente, quanto não podem. Não são avessos a risco, mas sabem exatamente qual risco estão assumindo.

Essa maturidade aparece nas escolhas mais simples: saber quanto custa produzir, entender o impacto de cada decisão no caixa futuro, resistir à tentação de transformar um bom momento em aumento permanente de custo fixo. Ela não impede erros, mas impede que erros pequenos se tornem estruturais. E, na pecuária, erro estrutural quase sempre cobra caro quando o ciclo vira.

O ponto central é que momentos de alta exigem frieza. São eles que oferecem a oportunidade rara de corrigir falhas, formar reserva, ajustar processos e preparar a fazenda para o próximo movimento do mercado. Quem entende isso não depende do preço para sobreviver. Quem ignora, passa de um ciclo ao outro repetindo os mesmos padrões, esperando que o mercado resolva o que a gestão deixou em aberto.

QUANDO A ALTA VIRA OPORTUNIDADE E NÃO ARMADILHA. O problema não está no ciclo pecuário, mas o que se faz em relação a ele. Momentos de euforia não exigem decisões rápidas, exigem decisões conscientes. E a primeira delas não é expandir, investir

ou assumir novos compromissos, é entender com precisão o que aquela alta representa dentro do sistema.

A solução começa quando o produtor separa preço de resultado. Quando reconhece que faturamento não é lucro e que o caixa cheio, muitas vezes, é apenas reflexo de giro elevado. É nesse ponto que a gestão deixa de ser discurso e passa a ser ferramenta.

Transformar a alta em solução significa usar o bom momento para estruturar, não para inflar custos. Significa fortalecer o sistema para quando o ciclo virar, porque ele sempre vira. Quem usa a alta para criar reservas, ajustar processos e reduzir fragilidades atravessa a baixa com menos ruído e mais controle. A maturidade está em entender que ciclos favoráveis não existem para serem comemorados, mas para serem bem aproveitados. E aproveitar, na pecuária, quase nunca é gastar mais, é errar menos.

O PREÇO PASSA, A GESTÃO FICA. O mercado muda. A arroba sobe, desce, surpreende e frustra. O produtor não controla o preço, mas controla como sua fazenda reage a ele.

Toda alta passa. Toda euforia termina. O que permanece é a estrutura construída, ou a fragilidade deixada pelas decisões tomadas no auge do entusiasmo. Quando a gestão assume o comando, o preço deixa de ser vilão ou salvador. Passa a ser apenas uma variável. Um dado de cenário, não o condutor das escolhas. É nesse ponto que a fazenda deixa de ser refém do mercado e passa a operar com lógica própria. No fim, não é a arroba que define quem permanece no jogo. É a capacidade de atravessar ciclos sem se iludir nos bons momentos e sem se perder nos ruins.

O preço passa. A gestão fica. E é ela que decide quem sobrevive, quem cresce, e quem aprende da forma mais cara possível. ■

Otacílio Jarcem Escobar Junior, Médico Veterinário, Mestrando no Programa de Pós-graduação em Zootecnia no Instituto Federal Goiano. Consultor da Trilha Pecuária Inteligente & Gestão.
Tiago do Prado Paim, Médico Veterinário e Pesquisador no IF Goiano
otacilio.escobar@estudante.ifgoiano.edu.br

PRODUÇÃO DE RUMINANTES NO BRASIL: SUMIDOURO DE CARBONO E CAMPEÃ DE SEGURANÇA ALIMENTAR GLOBAL, NÃO UMA VILÃ CLIMÁTICA

A POPULAÇÃO GLOBAL ATINGIRÁ SEU PICO NA METADE DA DÉCADA DE 2080 E DEPOIS DECLINARÁ SUAVEMENTE. A CIÊNCIA, A TECNOLOGIA E TROCAS VOLUNTÁRIAS ENTRE CONSUMIDORES E PRODUTORES EM ESCALA MUNDIAL OFERECEM NOSSO MELHOR CAMINHO PARA PROSPERAR DE FORMA SUSTENTÁVEL — E NÃO POR IMPOSIÇÕES GOVERNAMENTAIS IMPULSIONADAS POR GRUPOS DE PRESSÃO DOGMÁTICOS

RICARDO AUGUSTO MENDONÇA VIEIRA

O Cadastro Ambiental Rural (CAR), instituído pelo Código Florestal brasileiro (Lei 12.651/2012), oferece um registro abrangente, baseado em satélite, do uso rural e ambiental da terra em milhões de propriedades. Dados do GITE/Embrapa revelam que os produtores rurais preservam a vegetação nativa enquanto sustentam produção agrícola eficiente. Assim, preservam 33,2% do território nacional, área que supera as zonas formalmente protegidas e destaca a importância do setor privado na conservação. Na América e na União Europeia, as áreas privadas preservadas ra-

ramente excedem 10% dos respectivos territórios nacionais. No Brasil, a vegetação nativa cobre mais de 65% de seu território — incluindo áreas protegidas, terras indígenas e reservas rurais. Pastagens cultivadas ocupam 13,2% do nosso território, enquanto pastagens nativas e naturais representam cerca de 8% do país, ocupando áreas marginais ou extensivas no Pantanal, Caatinga e franjas do Cerrado e da Amazônia.

O Brasil emergiu como relevante ator na produção global de proteína animal, aproveitando seus vastos recursos territoriais, condições tropicais favoráveis e ganhos de produtivi-

dade para se tornar o maior exportador mundial de carne bovina e importante fornecedor de suínos e aves — representando cerca de 11% da produção e exportações globais totais de carnes bovina, suína e avícola. As exportações de carne bovina atingiram níveis inéditos (US\$ 18,03 bilhões em 2025). O Brasil tornou-se fornecedor essencial para mais de 150 países, ajudando a atender à crescente demanda por proteína animal em regiões em desenvolvimento e aliviando a pressão sobre sistemas menos eficientes em outras partes do mundo. No entanto, restrições sanitárias, protocolos de segurança e subsí-



dios em países desenvolvidos criam competição desigual, permitindo que essas regiões mantenham alta produção doméstica e excedentes de exportação, competindo diretamente com a pecuária brasileira não subsidiada.

A narrativa imposta por grupos de pressão sobre aquecimento global, mudanças climáticas, bem-estar animal negligente, vegetarianismo, veganismo e outras visões ideológicas dogmáticas e não científicas sobre as contribuições da pecuária a esse “cenário cataclísmico” — ignora a distinção entre emissões de gases de efeito estufa (GEE) biogênicas e industriais — e distorce, salvo melhor juízo, parte da opinião pública, ao menos a mais barulhenta e autoritária, criando um modelo mental na sociedade de que a produção de ruminantes, independentemente do nível científico e tecnológico aplicado, é uma grande vilã contribuinte para GEE, destacando nosso modelo de pecuária (aliás, em franca evolução) como poluidor insolvente. Essa narrativa, amplificada pela visão de separação “fazendas aqui, florestas lá” promovida em países desenvolvidos, enquadrando convenientemente o Brasil como vilão nesse imaginário por causa de sua produção em larga escala. No entanto, o uso eficiente das terras no Brasil — onde a produção de forragem em pastagens cultivadas (~13,2% do território apenas) e nativas/naturais (~8% do território apenas) sustenta sistemas de alta produtividade sem desmatamento proporcional — contrasta fortemente com modelos subsidiados em outros lugares. Tais retratos ignoram os esforços de preservação do setor privado brasileiro e o papel da competição orientada pelo mercado na segurança alimentar global.

Observações por satélite cobrindo 2003–2014 da Agência Espacial Europeia fornecem frações molares médias em CH₄ e CO₂ na atmosfera. Embora os níveis globais de metano tenham subido, os dados não identificam o Brasil — ou amplamente o Hemisfério Sul — como foco dominante de metano em relação a outras regiões do globo. Os focos persistentes frequentemente se alinham aos arrozais, queima de combustíveis fósseis ou fontes específicas no Sudeste Asiático e em outros lugares do hemisfério norte. A produção de forragem bem gerenciada no Bra-

sil (cultivada e nativa) frequentemente apresenta emissões menores ou compensadas devido ao sequestro de carbono no solo em sistemas tropicais. O metano entérico biogênico dos ruminantes é de vida curta; sob métricas atualizadas (ex.: GWP*100), rebanhos estáveis contribuem minimamente para o potencial de aquecimento líquido quando o sequestro é incluído. Por isso, devemos melhorar a eficiência da produção de ruminantes aumentando as taxas anuais de desfrute dos rebanhos brasileiros, bem como as taxas de renovação dos mesmos.

Melhorias de produtividade proporcionam o efeito de “diluição da manutenção”: maior produção por animal por unidade de tempo distribui as exigências fixas de recursos (alimento, terra, água e emissões associadas) por mais carne ou leite, resultando em reduções acentuadas na intensidade de GEE por quilograma de produto (ex.: leite, carne). Em sistemas pecuários, avanços em taxas de crescimento, produção de leite, eficiência alimentar e dos desempenhos produtivo e reprodutivo impulsionam esses ganhos. A intensificação por meio de melhor genética, nutrição, manejo sanitário e estratégias de produção e conservação de forragem reduzem ainda mais a pegada ambiental, mantendo ou aumentando a produção total sem expansão proporcional de terra. Nossos modelos de pecuária são bem adequados a esses objetivos de sustentabilidade, graças ao excelente potencial de desempenho resultante da ciência zootécnica como fonte de tecnologias de produtos e processos.

Os alimentos derivados das funções produtivas dos ruminantes oferecem densidade nutricional excepcional em relação ao seu impacto climático. O índice de Densidade Nutricional em Relação ao Impacto Climático (NDCI) baseia-se na provisão de nutrientes essenciais por grama de CO₂-equivalente da produção do referido alimento. Os nutrientes essenciais são estimados ao definir uma categoria humana, por exemplo, uma mulher grávida de meia-idade com atividade moderada. O leite, por exemplo, alcança NDCI de 0,54 — superior ao suco de laranja (0,28), bebida de soja (0,25), bebida de aveia (<0,1) ou outras como refrigerantes, vinho e cerveja (0). Isso des-

taca a eficiência da carne e do leite de ruminantes em fornecer proteínas/aminoácidos essenciais (ex.: triptofano), cálcio, ferro heme, vitaminas (B12 e nicotinamida) e outros nutrientes em comparação a muitas alternativas vegetais, tornando-os vitais para a segurança alimentar dos seres humanos.

A produção de ruminantes brasileira representa parte da solução, não do problema: pastagens tropicais frequentemente atuam como sumidouros de carbono, dados de satélite confirmam ausência de status de focos amplos de metano (“hotspots”), alimentos derivados da carne e do leite dos ruminantes oferecem valor nutricional superior. Por fim, avanços de produtividade reduzem continuamente a intensidade de emissões por quilograma de produto. Os pecuaristas preservam vastas áreas de vegetação nativa, tanto por obrigação como por dilettantismo. Apesar de desafios localizados, a adoção mais ampla de práticas de manejo aprimoradas, avanços genéticos e nutricionais, pastoreio e produção de forragem de precisão possibilitam progressos mensuráveis. O caminho adiante é rejeitar a demonização generalizada da pecuária e, em vez disso, defender a melhoria contínua voluntária, orientada pela ciência e pelo mercado. Essa abordagem melhor garantirá a produção sustentável e de alta qualidade de proteína animal voltada à exportação, cujo excedente ainda é capaz de alimentar a própria população brasileira e mais de 1 bilhão de pessoas globalmente. ■



Ricardo Augusto Mendonça Vieira, Zootecnista, Professor Titular de Produção de Pequenos Ruminantes e Nutrição Quantitativa de Ruminantes, Laboratório de Zootecnia, Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil

MELHORAMENTO GENÉTICO E INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL IMPULSIONAM PRODUTIVIDADE DA PECUÁRIA DE CORTE NO BRASIL

O BRASIL DETÉM O MAIOR REBANHO COMERCIAL BOVINO DO MUNDO, **COM MAIS DE 230 MILHÕES DE CABEÇAS**, E GRANDE PARTE DESSE DESEMPENHO ESTÁ ASSOCIADA À EVOLUÇÃO GENÉTICA DAS ÚLTIMAS DÉCADAS

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

O avanço do melhoramento genético aliado ao uso crescente da inseminação artificial tem transformado a pecuária de corte brasileira, elevando índices de produtividade, eficiência reprodutiva e qualidade da carne. Em um cenário de margens mais apertadas, exigências ambientais e maior demanda global por proteína animal, essas ferramentas passaram a ocupar papel estratégico dentro das fazendas.

O Brasil detém o maior rebanho comercial bovino do mundo, com mais de 230 milhões de cabeças, e grande parte desse desempenho está associada à evolução genética das últi-

mas décadas. Programas de melhoramento, conduzidos por associações de raça, centrais de genética e instituições de pesquisa, têm permitido selecionar animais superiores para características como ganho de peso, fertilidade, precocidade sexual, eficiência alimentar e qualidade de carcaça.

As principais técnicas de melhoramento genético incluem a seleção de animais com base em pedigree, desempenho e características fenotípicas, além dos cruzamentos entre raças, que buscam reunir as melhores qualidades de cada linhagem para obter um gado mais produtivo e resistente.

O melhoramento genético traz vantagens econômicas diretas à pecuária



de corte ao elevar a produtividade e a rentabilidade dos sistemas de produção, já que animais geneticamente superiores apresentam ganho de peso mais eficiente, atingem o ponto de abate em menos tempo e reduzem custos com alimentação e manejo, além de permitir ciclos produtivos mais curtos e maior eficiência no uso dos recursos.

Nesse contexto, a inseminação artificial (IA) se consolidou como uma das principais tecnologias de disseminação genética. A técnica possibilita o uso de sêmen de touros provados, nacionais e internacionais, acelerando o ganho genético do rebanho e reduzindo a dependência de reprodutores a campo. Dados do setor indicam que o Brasil já utiliza mais de 20 milhões de doses de sêmen por ano, sendo a maior parte destinada à pecuária de corte.

A adoção da inseminação artificial em tempo fixo (IATF) foi determinante para esse avanço. Ao eliminar a necessidade de observação de cio, a IATF facilita o manejo reprodutivo, permite a inseminação de grandes lotes de fêmeas em um curto período e concentra os nascimentos, o que traz ganhos operacionais e sanitários. Como resultado, produtores observam aumento nas taxas de prenhez, redução do intervalo entre partos e maior padronização dos bezerros.

Além dos benefícios reprodutivos, o melhoramento genético tem impacto direto na sustentabilidade da atividade. Animais mais eficientes produzem mais carne em menos tempo, com menor consumo de recursos naturais por quilo produzido. Essa eficiência contribui para a redução das emissões de gases de efeito estufa por unidade de produto, tema cada vez mais relevante nas discussões sobre a pecuária brasileira no mercado internacional.

GENÉTICA E AUMENTO DA CAPACIDADE PRODUTIVA

O melhoramento genético do gado de corte no Brasil tem como objetivo aumentar a eficiência produtiva e a qualidade da carne por meio de técnicas como seleção genética e inseminação artificial, atendendo à crescente demanda por alimentos e promovendo ganhos econômicos e sustentabilidade; ao adotar métodos científicos e inovadores, os pecuaristas conseguem otimizar o desempenho do rebanho, embora ainda enfrentem desafios na implementação e difusão dessas tecnologias.

A escolha criteriosa da genética também permite adequar o rebanho às diferentes realidades produtivas do país. Em sistemas extensivos, busca-se rusticidade e adaptação ao clima tropical, enquanto em sistemas intensivos e de confinamento, ganham destaque características como desempenho, rendimento de carcaça e qualidade da carne. Raças zebuínas, taurinas e seus cruzamentos vêm sendo combinados de forma estratégica para explorar o vi- ►

gor híbrido e maximizar resultados.

Apesar dos avanços, especialistas apontam que ainda há amplo espaço para crescimento no uso dessas tecnologias. A inseminação artificial representa uma parcela minoritária do total de matrizes em reprodução no país, o que indica potencial significativo de expansão. Barreiras como falta de mão de obra treinada, gestão reprodutiva deficiente e acesso limitado à informação ainda dificultam a adoção em algumas regiões.

Com a intensificação dos sistemas produtivos e a profissionalização da pecuária, o melhoramento genético e a inseminação artificial tendem a ganhar ainda mais relevância. Ao integrar genética de qualidade, manejo adequado e planejamento, a pecuária de corte brasileira avança para produzir mais, melhor e de forma cada vez mais competitiva, consolidando sua posição de destaque no cenário global.

Segundo Ériklis Nogueira, Doutor em Ciências Veterinárias e pesquisador em Reprodução Animal da Embrapa Gado de Corte, a eficiência da inseminação artificial varia mais do que muitos pecuaristas imaginam. “Mesmo com protocolos adequados e manejo bem conduzido, os resultados podem oscilar entre rebanhos e até mesmo entre lotes de fêmeas. Um dos principais fatores por trás dessa diferença está na fertilidade do sêmen utilizado, característica que vem ganhando espaço nas decisões de compra e se mostrando decisiva para o sucesso dos protocolos de reprodução”, diz. “De modo geral, a fertilidade pode ser entendida como a capacidade de o material genético inseminado efetivamente engravidar as vacas e gerar bezerros com genética superior. Na prática, ela se reflete em dois indicadores centrais: a taxa de prenhez e as perdas gestacionais”, afirma.

Nogueira aponta que a taxa de prenhez indica a porcentagem de inseminações que resultam em gestação. “Na média dos rebanhos brasileiros submetidos à inseminação artificial em tempo fixo (IATF), esse índice gira em torno de 50%. Em situações de menor fertilidade, a taxa pode cair pa-

ra cerca de 40%. Já a escolha de touros mais férteis associado ao bom manejo (nutricional, sanitário, etc..) permite alcançar índices entre 60% e 65%, com impacto direto na eficiência e na rentabilidade do sistema”, detalha.

As perdas gestacionais, de acordo com o pesquisador, correspondem às vacas que engravidaram, mas perderam o bezerro ao longo da gestação. “Embora mais difíceis de mensurar, estudos indicam perdas em torno de 7%, com maior incidência em novilhas do que em vacas adultas. Mesmo menos visível ou de difícil mensuração, esse fator também interfere nos resultados reprodutivos”,

aponta. “A importância da fertilidade fica ainda mais evidente quando se observa a variação dos resultados a campo, mesmo em sistemas bem manejados.

A inclusão desse critério na escolha do sêmen tem se mostrado um caminho consistente para elevar os índices de prenhez e reduzir perdas ao longo do processo”, afirma Nogueira.

Na Embrapa Gado de Corte, o tema vem sendo estudado a partir de bases de dados robustas, coletadas diretamente no campo. Atualmente, são analisadas informações de aproximadamente 3.300 touros da raça Nelore, com o resultado de inseminações realizadas em diferentes sistemas produtivos. Esses dados possi-

“ PARA O PECUARISTA, A FERTILIDADE NÃO DEVE SER O ÚNICO CRITÉRIO DE ESCOLHA DO SÊMEN, MAS PRECISA INTEGRAR O CONJUNTO DE FATORES ANALISADOS, JUNTAMENTE COM OUTRAS CARACTERÍSTICAS IMPORTANTES, COMO O DESEMPENHO DOS ANIMAIS ”

ÉRIKLIS NOGUEIRA, DOUTOR EM CIÊNCIAS VETERINÁRIAS E PESQUISADOR EM REPRODUÇÃO ANIMAL DA EMBRAPA GADO DE CORTE

bilitam identificar diferenças consistentes de fertilidade entre os machos e auxiliam programas de classificação utilizados pelas centrais de genética, além de estudos voltados à identificação de fatores genéticos e de qualidade seminal associados ao sucesso da prenhez e às perdas gestacionais. “Os ganhos ocorrem no curto e no longo prazo. De forma imediata, a fertilidade superior resulta em mais prenhez por protocolo. Ao longo do tempo, essa característica passa a ser incorporada ao rebanho. Embora a herdabilidade da fertilidade seja relativamente baixa, em torno de 3%, ela contribui para a evolução genética quando considerada de forma contínua, associada a outras características avaliadas, como as DEPs (Diferenças Esperadas na Progenie)”, afirma Ériklis Nogueira. “Para o pecuarista, a fertilidade não deve ser o único critério de escolha do sêmen, mas precisa integrar o conjunto de fatores analisados, juntamente com outras características importantes, como o desempenho dos animais (ganho de peso a desmama, ao sobreano, AOL, etc)”, afirma.

De acordo com ele, a busca por boa taxa de prenhez pode ser combinada com duas estratégias complementares: a utilização de touros com fertilidade já verificada pelas centrais, que oferecem maior previsibilidade nos resultados, e a diversificação com touros jovens, que costumam apresentar genética melhorada e sêmen mais acessível. Nesse caso, a recomendação é trabalhar com um maior número de touros jovens diferentes, reduzindo riscos e ampliando a base genética do rebanho. “Na prática, essas decisões devem estar associadas a bom manejo nutricional, sanitário e reprodutivo. Nas últimas décadas, a inseminação artificial se consolidou como uma das formas mais eficientes de aumentar a produtividade da pecuária brasileira, impulsionada pelo avanço das pesquisas, tecnologia e investimentos dos pecuaristas, com apoio de entidades como a ASBIA (Associação Brasileira de Inseminação Artificial). A experiência no campo mostra que dificilmente uma fazenda que adota a inseminação artificial volta atrás. É nessa direção que temos de caminhar para contribuir para o contínuo avanço produtivo da atividade”, finaliza. ■



PERÍODO DE TRANSIÇÃO: PODEMOS OTIMIZAR A PRODUÇÃO DE COLOSTRO?

DANIEL NAVARRO LOBATO

A busca por animais cada vez mais eficientes elevou muito a produtividade dos produtores brasileiros. Um dos pontos cruciais que tem sido monitorado de perto por técnicos e produtores, é o período de transição. Avaliar periodicamente o pH de urina e os índices de retenção de placenta, metrite, cetose, dentre outras enfermidades que podem surgir neste período, virou rotina nas boas fazendas.

Aquelas que também fazem um bom trabalho com as bezerras recém-nascidas monitoram de perto a qualidade do colostro e buscam “corrigi-lo” quando existe alguma falha... Mas de onde vem esta falha? As correções existem porque a quantidade de colostro produzida foi menor do que o necessário ou porque a qualidade foi inferior ao desejado. Pensando em qualidade e quantidade de colostro, de acordo com Westhoff et al. (2024) podemos dividir em 3 grandes grupos que influenciarão nestes quesitos: coleta do colostro, o manejo pós-coleta e os fatores relacionados a vaca. É importante ressaltar que, se errarmos no manejo destas vacas no pré-parto, a única ferramenta que existe para minimizar o baixo volume de colostro ou baixos níveis de IgG, é o uso de colostro em pó.

Muito se vê de treinamentos sobre como fazer a coleta com higiene, no tempo correto, que o fornecimento de colostro precisa ser feito na quantidade e com a concentração de IgG recomendada, bem como que as fazendas precisam ter equipes focadas nesta tarefa que é, sim, de grande importância. Mas... e se, as vacas estiverem produzindo pouco colostro? Se a qualidade estiver aquém do que seria normal? O velho e sábio

ditado popular de que é sempre melhor prevenir do que remediar, encaixa-se perfeitamente nesta situação. Pois, se a vaca não produziu o colostro como esperávamos, alguma coisa de errado aconteceu com ela...

Portanto, nosso foco deve-se voltar um pouco mais as vacas novamente... Tudo aquilo que fizemos de bom ou ruim para as vacas no período seco e pré-parto, já sabemos, que irá influenciar o sucesso da mesma durante a lactação. Por que isso não influenciaria a produção deste alimento crucial para o sucesso da sua progênie? Um grupo de pesquisadores da Universidade de Cornell e de Berlin fizeram uma revisão aprofundada sobre o assunto e destacaram os fatores descritos abaixo como aqueles com potencial para alterar o volume e/ou a qualidade do colostro produzido:

- **Duração do período seco:** pensando em quantidade produzida, respeitar os 60 dias de descanso continua sendo a melhor estratégia. Isso porque, períodos mais curtos têm mostrado menores produções de colostro (Poindexter, 2021; Soufleri et al., 2021; Borelli et al., 2022);

- **Estresse térmico:** vacas que sofrem com estresse por calor produzem menor colostro;

- **Teor de amido:** níveis mais altos demonstraram diminuição na qualidade do colostro (Mann et al., 2016; Richards et al., 2020; Vasquez et al., 2021);

- **Teor de proteína:** o aumento do fornecimento de proteína metabolizável no pré-parto para vacas de segundo parto tem mostrado bons resultados em quantidade e qualidade (Westhoff et al., 2024; Van Hese et al., 2023);

- **DCAD (diferença cátion-aniónica da dieta):** o uso excessivo de ânions

(DCAD muito negativo) no pré-parto pode afetar o consumo e a produção de colostro (Lopera et al., 2018; Westhoff et al., 2023a). Por isso, DCAD de maneira equilibrada faz uma grande diferença, principalmente, em lactação a quantidade produzida.

- **Vitamina D:** a fonte de vitamina também é importante, pois o uso de calcidiol resultou em maior produção de colostro, quando comparado com o colecalciferol (Martinez et al., 2018);

- **MOS:** o uso de mananoligossacarídeo é outra alternativa para aumento da quantidade de colostro produzido (Westland et al., 2017).

Diante de vários pontos importantes e de tecnologias totalmente acessíveis ao produtor, torna-se imprescindível que elevemos nossa discussão sobre o que realmente é um período de transição de sucesso. Ter níveis de pH de urina baixo, retenção de placenta e de cetose reduzidos são importantíssimos, mas não mostram a filme completo. Se as vacas não estão produzindo colostro em quantidade e qualidade adequadas, é preciso rever o manejo e a dieta das vacas secas e do pré-parto.

Portanto, devemos continuar focados no conforto durante todo o período seco, respeitar o período de descanso da glândula mamária, bem como escolher boas fontes de minerais aniônicos no pré-parto, de proteína metabolizável, de vitamina D e de MOS. Não basta ter no rótulo do núcleo ou da ração, é preciso conhecer a origem dos ingredientes, pois eles fazem toda diferença! ■

Daniel Navarro Lobato,
Zootecnista, Consultor Técnico
de Leite da Arm & Hammer

CALENDÁRIO DE EXPOSIÇÕES DO RANKING NACIONAL NELORE COMEÇA O ANO AQUECIDO

MAIS DE 1.000 ANIMAIS NELORE, NELORE MOCHO E NELORE PELAGENS PARTICIPARAM DA **EXPOINEL MINAS**, PRIMEIRA EXPOSIÇÃO EM 2026, DO RANKING NACIONAL 2025/2026, PROMOVIDO PELA ACNB

A Expoinel Minas 2026 mostrou, mais uma vez, a força da raça Nelore, na retomada do calendário oficial de exposições 2025/2026, iniciado em outubro passado. Realizada na primeira semana de fevereiro, no Parque de Exposições Fernando Costa, em Uberaba (MG), a mostra somou mais de 1.000 animais avaliados, considerando o Nelore, o Nelore Mocho e o Nelore Pelagens. O evento é um dos principais do início do ano para a pecuária zebuína, e este ano, foi uma das Exposições Ouro do Ranking Nacional do Nelore Mocho e do Nelore Pelagens.

Para o presidente da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB), Victor Paulo Silva Miranda, o volume de animais e a qualidade observada no recinto de avaliações refletem o momento positivo vivido pela raça. “A Expoinel Minas mostrou que o calendário de 2026 começa aquecido, com forte adesão dos criadores e um nível técnico alto. Isso demonstra confiança no trabalho das entidades e, principalmente, no potencial do Nelore como base da pecuária de corte brasileira.”

Além do grande número de exemplares, a diversidade genética apresentada destacou o compromisso dos expositores com o melhoramento da raça. “Quando vemos uma exposição numerosa logo no início do ano, com animais bem preparados e criatórios de diferentes regiões participando, fica claro que o setor está mobilizado e atento às oportunidades que o segmento oferece”, destacou o presidente da ACNB.

“Encerramos a Expoinel Minas 2026 com a certeza de que realizamos um grande evento para a raça. Tivemos 1.009 animais passando efeti-

vamente pela avaliação dos jurados e, somando aqueles que não chegaram a competir, como animais com menos de seis meses de idade, mamando em suas mães, ou animais que foram somente para leilões, alcançamos cerca de 1.250 animais no parque. Esses números, juntos ao sucesso dos leilões realizados durante a programação, mostram a força da exposição”, destaca Loy Rocha, gestor da Associação Mineira dos Criadores de Nelore (AMCN).

Após a Expoinel Minas, o calendário oficial segue com diversas exposições válidas pelos Rankings Nacionais e ou Regionais, Nelore, Nelore Mocho e Nelore Pelagens, realizadas em diferentes estados do país, até seu encerramento, em outubro de 2026, na Expoinel Nacional, novamente em Uberaba (MG). Ao longo do ano, ocorrerão as demais Exposições Ouro, de contabilização obrigatória para os criadores e expositores que disputam o Ranking Nacional, sendo: No Nelore, as exposições de Avaré (SP), em março; Rio Verde (GO), em julho; Vila Velha (ES), em agosto; e São José do Rio Preto (SP), em outubro. No Nelore Mocho, além da Expoinel Minas, as exposições de Rio Verde (GO), em julho; Vila Velha (ES), em agosto; e São José do Rio Preto (SP), em outubro. Já no Nelore Pelagens, além da Expoinel Minas, as exposições de Dourados (MS), em maio, Rio Verde (GO), em julho, e São José do Rio Preto (SP), em outubro.

RESULTADOS: NELORE. Na categoria Nelore, a Expoinel Minas 2026 teve como Grande Campeã a Courchevel FIV CBA, de Paulo de Castro Marques, que também conquistou o título de Reservada Grande Campeã com Servia FIV Mata Velha. O 3º Prêmio Grande Cam-

peã foi para Norah Jones Ouro Fino, do expositor Marcelo Aguiar Fasanho. Entre os machos, o Grande Campeão foi Coltt FIV do Kalunga, do Henrique e Juliano Produções e Eventos, enquanto o Reservado Grande Campeão ficou com Surfista FIV Sausalito, da Cabaña Sausalito. O 3º Prêmio Grande Campeão foi conquistado por Embaixador FIV Taj, também de Paulo de Castro Marques, que encerrou com os títulos de Melhor Expositor, Melhor Criador e Supremo da exposição.

RESULTADOS: NELORE MOCHO. Na variedade Nelore Mocho, a Grande Campeã foi Heringer Aurora FIV, de Dalton Dias Heringer, que ainda conquistou a Reservada Grande Campeã com Olin-da Angico. O 3º Prêmio Grande Campeã e Campeã Vaca ficou com Dakota FIV SB da Mata, de Sandoval Bailão Fonseca Filho. Entre os machos, o Grande Campeão foi Heringer A8984, também de Dalton Dias Heringer. O Reservado Grande Campeão foi Maverick da Louz, da Agropecuária V2 Flamboyant Ltda., e o 3º Prêmio ficou com Bianco FIV da Car, de Dalila Cleopath C.B.M. Toledo.

RESULTADOS: NELORE PELAGENS. Na categoria Nelore Pelagens, o expositor Washington Dias conquistou os títulos de Grande Campeã, com ESPN Astucia, e Grande Campeão, com NEJA3638 FIV V3. Ele também garantiu o título de Reservado Grande Campeão, com Megatron FIV Boiera. A Reservada Grande Campeã foi Celia Maria FIV OT, de Angelo Mario de Souza Prata Tibery, que também recebeu o 3º Prêmio Grande Campeão com Cronos G. Everest. Já o 3º Prêmio Grande Campeã ficou com NEJA4335 FIV V3, de João Antonio Soares Bessa Costa. ■



TIP BRASIL 2026

da estratégia ao lucro/ha

22 a 24 de Abril de 2026

Goiânia/GO

Garanta sua vaga!



Local:  **ESPAÇO DOIS IPÊS**

POR QUE O CURSO TIP BRASIL 2026 É ESSENCIAL?

PROFISSIONALIZAÇÃO E DESTAQUE

A adoção crescente do sistema evidencia a urgência de formação técnica e estratégica para quem quer se profissionalizar e se destacar no setor.

EXPANSÃO E RENTABILIDADE

A região Centro-Oeste lidera a expansão da TIP, mas o movimento acontece em nível Brasil, do Norte ao Sul. A proximidade com coprodutos regionais, DDGS, caroço e torta de algodão, dentre outros, e a integração entre lavoura e pecuária tornam o sistema especialmente competitivo e rentável.

O PODER DA IMERSÃO PRESENCIAL

Um curso presencial permite aprendizado prático, troca de experiências, networking com produtores e técnicos, o que acelera a adoção com segurança e assertividade.

DOMÍNIO TÉCNICO E EFICIÊNCIA

A necessidade de planejamento criterioso para garantir produtividade e lucro por hectare exige domínio de técnicas, gestão de pastagens, nutrição, suplementação, manejo sanitário, estratégia comercial e estruturas dimensionadas para maior eficiência produtiva - algo que nem sempre está disponível "no dia a dia da fazenda".

PATROCINADORES

Cota 150@/ha/ano:

minerva
foods

Cota 100@/ha/ano:

BRUTALE 

inbra
nutrição animal

FS Nutrição Animal
Energia que nutre o seu negócio

SILOKING

Cota 60@/ha/ano:

allbiom feed **APOLO AGRO**

Cota 40@/ha/ano:

de heus **Phibro**
ANIMAL HEALTH CONSULTING
Oxen Currais **ZINPRO**

Cota 20@/ha/ano:

AMAZON MUDAS **agrocereS** MULTIMIX **ADISSEO**
Elanco **PremiX I** **TORTUGA**
by dsm-firmenich **salus** Avril

Cota 10@/ha/ano:

ADAMES Nutrição Animal **Alltech** **Intergrãos**
FORTUNA **KEMIN** **Silvafeed**
Just like Nature

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

www.COANCONSULTORIA.com.br

 (16) 99631-0019

Realização:


ACADEMIA DA PECUÁRIA

COAN
CONSULTORIA AVANÇADA EM PECUÁRIA

Apoio:

apta
Regional
Colina/SP

Mídias parceiras:

FEED & FOOD XCLUSIVE **GIRO DO BOI**

PISCICULTURA INTEGRADA À AGRICULTURA: INOVAÇÃO QUE TRANSFORMA LAVOURAS, CRIAÇÕES E RIOS

A INTEGRAÇÃO LAVOURA-PECUÁRIA-AQUICULTURA (ILPA) SURGE COMO ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL PARA AUMENTAR A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS, MELHORAR A RENDA DO PRODUTOR E CONSERVAR O MEIO AMBIENTE

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

No coração do Brasil, produtores rurais buscam cada vez mais alternativas que conciliem produtividade com sustentabilidade. Entre essas soluções, a piscicultura integrada à agricultura — parte do conceito mais amplo de ILPA, ou Integração Lavoura-Pecuária-Aquicultura — vem ganhando destaque como um modelo inovador de produção agropecuária. A técnica combina o cultivo

de peixes com a criação de animais e a produção agrícola, permitindo que um mesmo espaço seja aproveitado de forma eficiente e sustentável.

A ideia central da ILPA é simples, mas revolucionária: em vez de destinar áreas exclusivamente para lavoura, pecuária ou aquicultura, os produtores integram essas atividades, aproveitando sinergias e reduzindo impactos ambientais. Por exemplo, os resíduos orgânicos da cria-

ção de peixes ou animais podem servir como fertilizante natural para culturas agrícolas, enquanto o cultivo de plantas ajuda a manter a qualidade da água utilizada nos tanques de peixes.

Segundo o pesquisador Carlos Almeida, da Embrapa Pesca e Aquicultura, “a integração de sistemas permite aumentar a produtividade por hectare e reduzir custos de produção, ao mesmo tempo em que contribui para a conservação do solo e



da água”. A prática também apresenta uma resposta às crescentes demandas por alimentos de origem animal e vegetal, sem pressionar áreas naturais, como florestas e matas ciliares.

O QUE CARACTERIZA, NA PRÁTICA, A PISCICULTURA INTEGRADA À AGRICULTURA.

De acordo com o também pesquisador da Embrapa Pesca e Aquicultura, Leonardo Martins, a integração entre a piscicultura e a agricultura pressupõe que ao menos uma das atividades, senão ambas, são beneficiadas pelo processo, ou seja, embora possam ser conduzidas de forma independente, quando integradas passam a produzir mais ou de forma mais eficiente, utilizando menos insumos. “Na prática, é a utilização da água residuária de tanques de piscicultura, ricas em nitrogênio e fósforo (oriundos da excreta dos peixes e de resíduos de ração), para a irrigação (fertilização) das culturas agrícolas e pastagens. Existem outras possibilidades de integração, como o uso de resíduos da agricultura retornando para a piscicultura, porém todos os modelos carecem de pesquisa, desenvolvimento e validação para serem recomendados”, pontua.

Ele explica que os modelos

de integração ainda são empíricos e necessitam uma investigação científica mais aprofundada para que os detalhes dos sistemas sejam conhecidos. Entretanto, alguns exemplos de sistemas de integração entre piscicultura+agricultura irrigada (sistemilha e sistemão) e piscicultura+pecuária em pastagens irrigadas existem.

CUIDADOS ESSENCIAIS PARA EVITAR IMPACTOS AMBIENTAIS NEGATIVOS.

Segundo o pesquisador da Embrapa, como em todo sistema agropecuário, o uso de boas práticas agropecuárias e o acompanhamento da atividade por um técnico capacitado (consultor ou extensionista) são fundamentais para minimizar impactos ambientais negativos.

Um dos exemplos mais comuns de ILPA envolve a criação de tilápias ou tambaquis em tanques escavados próximos a lavouras de arroz ou pastagens. A água utilizada nos tanques, rica em nutrientes provenientes da alimentação dos peixes, pode ser reaproveitada para irrigação, servindo como fertilizante natural. Além disso, a presença de peixes ajuda a controlar pragas e contribui para o equilíbrio do ecossistema local.

Em propriedades que já adotaram o modelo, os resultados são visíveis: aumento da produtividade, diversificação da renda e redução do uso de insumos químicos. Um estudo realizado em Mato Grosso demonstrou que produtores que combinam lavoura de arroz com piscicultura e criação de gado podem aumentar em até 30% a rentabilidade em comparação com sistemas tradicionais.

A sustentabilidade ambiental é outro ponto forte da integração. Ao contrário de sistemas convencionais de piscicultura, que muitas vezes demandam grandes volumes de água e causam impacto sobre rios e lagos, a ILPA reduz a necessidade de novos recursos hídricos e diminui a emissão de resíduos para o meio ambiente. Tanques bem manejados se tornam pequenas “estações de tratamento” naturais, aproveitando nutrientes e evitando a poluição.

Além disso, a técnica promove bene-

fícios sociais. A diversificação da produção aumenta a segurança alimentar das famílias rurais e abre oportunidades para jovens produtores e cooperativas. Programas de extensão rural, conduzidos por universidades e órgãos públicos, têm incentivado o uso de sistemas integrados, oferecendo treinamento em manejo de peixes, adubação orgânica e planejamento do uso da água.

Apesar dos ganhos, especialistas alertam para a necessidade de planejamento cuidadoso. A integração mal planejada pode gerar conflitos entre culturas e espécies, sobrecarga de nutrientes e aumento do risco de doenças. A escolha das espécies de peixes, o dimensionamento dos tanques e o manejo do solo e da água devem ser adaptados às condições climáticas e ao perfil da propriedade.

A ILPA também se destaca no cenário internacional. Países da Ásia, como China e Vietnã, já aplicam sistemas semelhantes há décadas, combinando arrozais com peixes, enquanto na América Latina a prática cresce lentamente, mas com resultados promissores. A tendência é que, nos próximos anos, o modelo se expanda ainda mais, especialmente em regiões onde a água é um recurso limitado e a preservação ambiental é prioridade.

Em tempos de mudanças climáticas, aumento populacional e pressão sobre recursos naturais, a piscicultura integrada à agricultura mostra-se como uma alternativa eficiente, sustentável e rentável. Ao unir lavoura, pecuária e aquicultura em harmonia, o sistema oferece soluções inovadoras para a produção de alimentos, preservação ambiental e fortalecimento das comunidades rurais.

A integração lavoura-pecuária-aquicultura não é apenas uma técnica de produção; é uma filosofia de manejo que transforma o campo, valoriza os recursos naturais e abre caminhos para o futuro da agropecuária brasileira. Como afirma Almeida, “produzir mais sem destruir é o grande desafio do século XXI, e a ILPA mostra que é possível fazer isso de maneira inteligente e lucrativa”. ■





PANORAMA DAS IMPORTAÇÕES DE CAMARÃO PELOS EUA EM 2025

AS IMPORTAÇÕES DE CAMARÃO PELOS EUA, EM 2025, **ATINGIRAM 795.641 T (+2%)** / US\$ 7,03 BILHÕES (+9%), EM RELAÇÃO A 2024.

ITAMAR ROCHA

As importações de camarões pelos EUA no ano de 2025, tiveram dois momentos distintos, o **primeiro período (jan-Jul) foi excepcionalmente forte**, com crescimento de dois dígitos, atingindo um pico de 73.051 toneladas (+35%) em julho. A partir de agosto, no entanto, os volumes importados, embora positivos, à partir de outubro (-21%), novembro (-14%) e dezembro (-11%), tornaram-se negativos, em relação a 2024, registraram quedas significativas em relação ao ano de 2024, mas mesmo assim, fechando o ano de 2025, com 795.641 t (+2%) e US\$ 7,03 bilhões (+9%) em relação às importações de 2024.

No contexto da distribuição dos produtos de camarão, importados pelos EUA, em 2025, o camarão congelado descascado, se manteve como do-

minante, com um volume de 408.408 ton, apresentando um crescimento de (+6%) em relação ao ano de 2024.

Já as importações de camarão congelado com casca 201.520 toneladas, apresentaram uma redução de (-4%) em relação a 2024, dando continuidade ao seu gradual declínio no mercado americano.

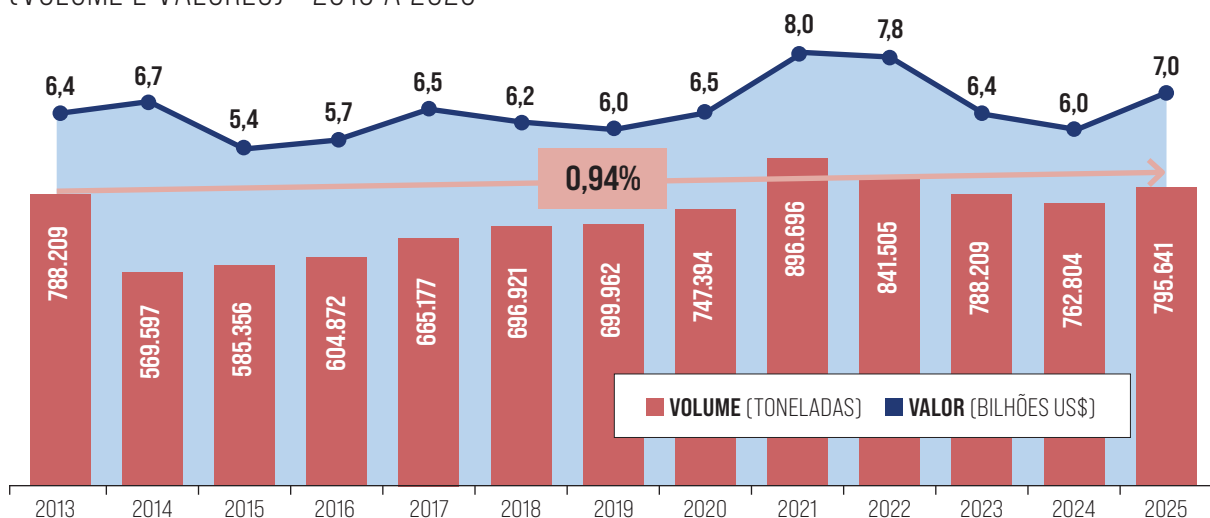
Por outro lado, os produtos cozidos e marinados atingiram 119.907 toneladas (+4% em relação a 2024), mesmo com o declínio das importações no quarto trimestre, que reduziram o impulso apresentado no início do ano.

Por fim, o camarão empanado encerrou o ano com 58.752 toneladas (-3%) em relação as importações de 2024, inclusive, apresentando uma notável volatilidade, com um fraco desempenho em dezembro (-28%).

No computo geral, os 5 (cinco) principais fornecedores de camarão marinho para os EUA no ano de 2025, por ordem decrescente, foram os seguintes:

1. A **Índia** manteve-se como o maior fornecedor, com 300.051 toneladas, apenas (+1%) em relação ao ano de 2024, embora a estabilidade anual mascara uma mudança drástica. Considerando que os embarques foram muito fortes até julho, refletindo um grande volume de compras antecipadas antes da implementação da tarifa imposta pelos EUA, de 50%. Sendo que assim que a tarifa alta entrou em vigor, os volumes despencaram, registrando queda de (-57%) em outubro, de (-32%) em novembro e, (-19%) em dezembro, em relação ao mesmo período e 2024. Na verdade, a contração das exportações de camarão da Índia,

EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DE CAMARÃO MARINHO PELOS EUA (VOLUME E VALORES) - 2013 A 2025



Fonte: Shrimp Insights 2026

no quarto trimestre, reflete claramente um ajuste pós-tarifação imposto pelos EUA em 2025, aliado a uma forte antecipação das suas compras de camarão no primeiro semestre de 2025;

2. O Equador foi o fornecedor de camarão para os EUA, com maior destaque em 2025, atingindo 231.804 toneladas (+18%) em relação a 2024. Notadamente depois que a Índia passou a ser afetada pelas tarifas integrais (50%), impostas pelos EUA, quando os volumes de camarão exportados pelo Equador, dispararam em setembro (+23%), outubro (+52%), novembro (+56%) e dezembro (+25%) de 2025.

3. A Indonésia, que encerrou o ano com exportações de 119.331 toneladas (-11%) em relação a 2024. Embora os volumes já estivessem apresentando uma leve queda no final do verão, o declínio se intensificou drasticamente a partir de outubro, coincidindo com a confirmação da presença do Césio-137, o que afetou os embarques de camarão indonésios, causando queda de (-34%) em relação ao outubro de 2014, sequenciado por novembro (-49%) e dezembro com (-72%), com apenas 3.641 toneladas. Os volumes de exportações devem se recuperar no primeiro trimestre de 2026, visto que a situação Césio-137, já foi resolvida e um aumento nas exportações de camarão da Indo-

nésia já foi observado janeiro de 2026.

4. Vietnã fechou o ano de 2025, com exportações de 64.413 toneladas (-7%) em relação a 2024, sendo um ano volátil, com um junho forte, mas com fraqueza prolongada no segundo semestre, embora o mês de dezembro tenha apresentado uma recuperação (+17%) em relação a dezembro de 2024.

5. Tailândia encerrou o ano de 2025 com 26.958 toneladas (-4%) em relação a 2024, apresentando um desempenho irregular ao longo do ano e uma modesta recuperação em dezembro (+9%).

Resumo dos Números Totais das Importações de Camarão Cultivado dos Estados Unidos em 2025: Volume Total de 795.641 toneladas métricas (+2%) em relação ao ano de 2024 e um Valor Total US\$ 7.034 milhões (+9%) em relação ao ano de 2024.

Tipos de Produtos Importados em 2025: Descascado e congelado: 408.408 toneladas métricas= +6% em relação ao ano anterior; **Congelado com casca:** 201.520 toneladas (-4%) em relação ao ano anterior; **Cozido e marinado:** 119.907 toneladas métricas (+4%) em relação ao ano anterior; **Empanado:** 58.752 toneladas (-3%) em relação ao ano anterior.

Principais Exportadores de camarão marinho para os EUA (volume), no Ano de 2025: **1º Índia: 300.051 ton** = +1% em relação a 2024; **2º Equador:** 231.804 ton = +18% em relação a 2024; **3º Indonésia: 119.331 ton** = -11% em relação a 2024; **4º Vietnã: 64.413 ton** = (-7%) em relação a 2024; **5º Tailândia: 26.958 ton** = (-4%) em relação a 2024 e; **6º Outros: 53.084 ton.** **TOTAL GERAL: 795.641 Ton. / US\$ 7,034 Bilhões / 2025.**

Na verdade, as importações de camarão pelos EUA, considerando apenas o período de 2013 (788.209 t / US\$ 6,4 bilhões), em relação a 2025, cresceram apenas 0,94% em volume (795.641 t) e 0,92% em valor (US\$ 7,03 bilhões), numa clara demonstração de estagnação (0,077%) ao ano. Ou seja, o Brasil precisa conseguir exportar para a China ou resolver de uma vez por todas, a abertura das exportações para a China.

Evidentemente, que mercados secundários como Coreia do Sul, Emirados Árabes, Reino Unido e Canadá, deverão merecer a atenção dos setores exportadores de camarão cultivado do Brasil, mas o foco principal, no aumento da industrialização para adentrar no mercado interno, lutando para colocar a China e União Europeia, em 2º plano e, os EUA em 3º plano. ■

Itamar Rocha, Presidente ABCC, Diretor DEAGRO/FIESP, Membro Titular do CONAPE / MPA; Membro Titular da CSPA / MAPA, Presidente da FENACAM'26



PROF. RAY GOLDBERG RECEBE HOMENAGEM DE ALUNOS NA EUROPA

Infelizmente tivemos a notícia em fevereiro do falecimento do criador do conceito de agronegócio, o sistema agroalimentar mundial, Dr. Prof. Ray Goldberg em Harvard. Em 202,6 o Prof. Ray completaria 100 anos e faleceu aos 99. Com nossos alunos do MBA Internacional Food & Agribusiness Management, na França, fizemos uma homenagem ao Dr. Ray em sala de aula.

Estudei com ele nos anos 80, em Harvard, e por sorte o entrevistei cinco anos atrás obtendo deste grande sábio 10 pontos de vistas essenciais para o agronegócio, os quais em síntese os transmito aqui, sempre entre aspas “a palavra de Ray Goldberg”:

1. “Conceito de agronegócio obrigatoriamente a reunião de todas as partes que compõem o sistema alimentar incluindo meio ambiente.

2. Doravante chamamos agribusiness de um health system englobando todos os aspectos da saúde da vida no planeta e da vida do planeta.

3. Cidadania, alimento está presente em tudo o que poderíamos chamar de dignidade humana na terra. Obrigatoriamente agronegócio exige humanização.

4. Cooperativismo é essencial pois as cooperativas elevam o conhecimento dos agricultores na compreensão de todo sistema que os envolvem.

5. Ativistas e ONGs são importantes e precisam estar juntos nas discussões sistêmicas agroalimentares. A falta de confiança exige criarmos fóruns onde todos os diferentes debatam e com o tempo surgem soluções comuns.

6. Os jovens têm a chance de realizar o que ninguém realizou até agora, a de unir as disciplinas, de compreender a importância de uma visão sistêmica do alimento e o quanto isso será vital para a vida na

terra. E o ambiente acadêmico tem o dever de criar o espaço neutro para os debates.

7. Compliance e governança das corporações cada vez mais importante reunindo a ciência com a administração e os negócios, e as empresas mais bem sucedidas são aquelas que têm a visão integral do sistema agroalimentar com todas as suas derivações. Grupos científicos público e privado são importantíssimos. A reputação empresarial será cada vez mais fator crítico de sucesso.

8. As mulheres no agronegócio executam cada vez mais papel protagonista e estão presentes já como maioria nas classes acadêmicas e tomando posições no alto comando de empresas, cooperativas e órgãos públicos.

9. O papel do Brasil é fundamental doravante pois em 50 anos assumiu um protagonismo de país estratégico na segurança alimentar do mundo inteiro, sua importância sempre na defesa da OMC tem sido um importante diferencial, e destaco o trabalho de Pedro de Camargo Neto, como exemplo, nas suas ações envolvendo o justo comércio do algodão.

10. Minha mensagem aos líderes é que precisamos parar de dividir o mundo e de o polarizar, e temos no sistema alimentar a grande inspiração para compreender a importância de que sem a cooperação um elo da corrente não consegue levar vantagem sobre a outra por muito tempo. Sem cooperação não haverá ganho para ninguém. Políticos dividem o mundo. Precisamos reunir o mundo.

As entrevistas estão à disposição no site www.agricitizenship.com.

Nossa homenagem e muito obrigado eterno ao Dr. Prof. Ray Goldberg, o pai do conceito de agronegócio, onde brasileiros se inspiraram e onde temos ainda muito para o compreender e o implementar. ■



José Luiz Tejon

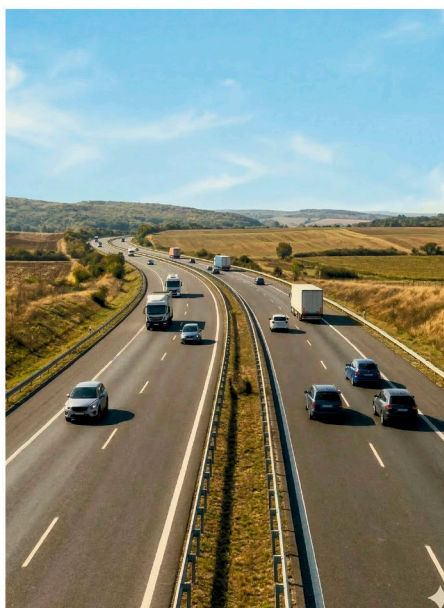
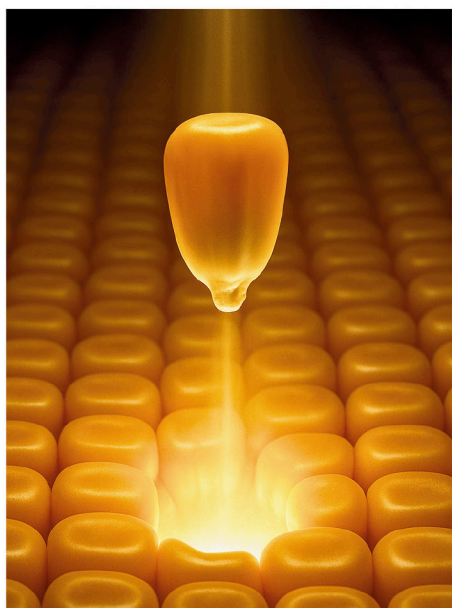
é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista e publicitário, com especializações em Harvard, MIT e PACE/USA e Insead na França. Colunista da Rádio Eldorado e Estadão On-line, autor e coautor de 37 livros. Coordenador acadêmico de Master Science Food & Agribusiness Management pela Audencia em Nantes/França e FECAP/Brasil. Sócio Diretor da Biomarketing e da TCA International. Profissional Head Agro Anefac. Prêmio Personalidade Agro ABAG 2023. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agroceres e da Jacto S/A.



Energia que Nutre o seu negócio.

Pioneira no Brasil na produção de etanol 100% a partir do milho, a **FS Fueling Sustainability** transforma tecnologia de biorrefinaria em ingredientes nutricionais de alto valor para a produção animal.

Energia renovável e nutrição animal conectadas em escala para o Brasil e o mundo.



Ingredientes sustentáveis de alta qualidade que transformam **nutrição eficiente em retorno econômico** para todos segmentos da produção animal.



FS Essencial
DDG Alta Proteína



FS Ouro
DFS Fibra Seca com Solúveis



FS Úmido
WFS Fibra Úmida com Solúveis



Certificações



www.fs.agr.br



@fsfuelingsustainability

Mais desempenho começa na saúde intestinal

 **Xtract**® 6930 Aves

Tecnologia fitogênica microencapsulada que promove integridade intestinal e otimiza índices produtivos em frangos de corte.



Melhor ganho de peso e conversão alimentar

Maior aproveitamento de nutrientes e eficiência produtiva.



Economia de energia metabólica

Melhor aproveitamento da energia.



Microencapsulamento com alta estabilidade

Proteção dos ativos e resposta consistente, inclusive em rações peletizadas.



Resultados comprovados em campo

Desempenho consistente em diferentes níveis de desafio sanitário.

**Eleve a performance do seu plantel com
tecnologia validada e segurança técnica.**

Fale com a equipe ADM e conheça a aplicação ideal para o seu sistema produtivo.

**ADM**®

admnutricaoanimal.com.br

contato.br@adm.com

[@admpremixeaditivos](https://www.instagram.com/admpremixeaditivos)